



PROFLETRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

CÍCERA LEIDIANE LIMA DA SILVA

**EXPRESSÃO DO RACISMO EM CONTOS DA LITERATURA CLÁSSICA  
BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE LEITURA TEMÁTICA PARA O 9º ANO**

Recife

2022

CÍCERA LEIDIANE LIMA DA SILVA

**EXPRESSÃO DO RACISMO EM CONTOS DA LITERATURA CLÁSSICA  
BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE LEITURA TEMÁTICA PARA O 9º ANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof.º Dr. Adriano Carlos de Moura

Recife

2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

S586e Silva, Cícera Leidiane Lima da  
Expressão do racismo em contos da literatura clássica brasileira: uma proposta de leitura temática para o 9º ano / Cícera Leidiane Lima da Silva. – Recife, 2022.  
140f.: il.

Sob orientação de Adriano Carlos de Moura.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Mestrado Profissional em Letras, 2022.

Inclui referências, apêndice e anexos.

1. Conto. 2. Leitura. 3. Oficina. 4. Semiótica Discursiva. I. Moura, Adriano Carlos de (Orientação). II. Título.

400 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2022-57)

CÍCERA LEIDIANE LIMA DA SILVA

**EXPRESSÃO DO RACISMO EM CONTOS DA LITERATURA CLÁSSICA  
BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE LEITURA TEMÁTICA PARA O 9º ANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovado em: 12/01/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Nazareth de Lima Arrais (Examinador Interno)  
Profletras/Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edvânea Maria da Silva (Examinador Externo)  
Instituto Federal de Pernambuco

Em primeiro lugar, a Deus por permanecer me proporcionando saúde e capacidade para desenvolver este trabalho em momentos difíceis, que não apenas eu, mas toda humanidade enfrentou e enfrenta por conta da COVID-19.

Aos meus pais, pela educação e incentivo.

Ao meu marido, que no momento de desânimo, estava ao meu lado dando-me ânimo e motivos para continuar.

Ao meu orientador, por me auxiliar no desenvolvimento do meu trabalho.

Aos meus professores do Mestrado, em especial, Ana Lima e Fatiha Dedicha, que buscaram me incentivar com palavras de ânimo e estratégias para continuar escrevendo quando faltava coragem para continuar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ser a minha inspiração para continuar minha formação profissional e por ter me proporcionado encontrar pessoas tão especiais na minha trajetória das aulas do Mestrado, como colegas e professores.

Aos meus pais, Joana Darque Lima da Silva e Francisco de Assis da Silva, que, mesmo tendo concluído apenas o ensino fundamental, sempre me incentivaram e orientaram meus estudos desde criança.

Ao meu marido, Robério Pinto de Araújo, por estar presente em todos os momentos da minha vida e pela compreensão em meio a momentos de ausência no período de estudos.

Ao meu orientador, Dr<sup>o</sup>. Adriano Carlos de Moura que foi compreensível em momentos de dificuldades durante a produção do trabalho, e por suas orientações.

Às minhas amigas Niedja e Regina Celly, pelo apoio e incentivo.

A todos os alunos da turma VI do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos meus professores do Mestrado, em especial, Ana Lima e Fatiha Dedicha Parahyba, que buscaram me incentivar com palavras de ânimo e estratégias para continuar escrevendo quando faltava coragem para continuar. Tenho uma enorme gratidão por cada palavra mencionada.

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização dessa pesquisa.

A leitura é uma atividade primordial cujo resultado é correlacionar um conteúdo a sua expressão dada e transformar uma cadeia de expressão em um sintagma de signos. Vê-se imediatamente que tal performance pressupõe uma competência do leitor, comparável, ainda que não necessariamente idêntica, à do produtor do texto. (GREIMAS, 1979)

## RESUMO

Esta pesquisa traz uma proposta de oficinas de leitura, utilizando a teoria da semiótica francesa direcionada ao gênero conto com a finalidade de contribuir com a melhora na leitura e na compreensão textual dos alunos. Como produtos finais deste trabalho, buscamos disponibilizar, além das oficinas, dois jogos educativos baseados nos conceitos semióticos do percurso gerativo de sentidos greimasianos. Trata-se de atividades propositivas com a utilização dos contos “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e “Negrinha”, de e Monteiro Lobato. Esses textos abordam situações que fazem parte da nossa história enquanto povo brasileiro e nos possibilitam o trabalho com a temática da desigualdade social e o preconceito racial. Buscamos com a nossa proposta de oficinas por meio das análises dos contos que o estudante perceba como acontece a expressão do racismo nos contos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Pretendemos nas oficinas envolver os conceitos básicos da Semiótica Discursiva, com ênfase nos temas e figuras; bem como apresentar a atuação dos atores no tempo e no espaço, como articuladores da emergência temática no corpus de análise. Para o desenvolvimento do estudo, sustentamo-nos numa investigação de caráter qualitativa, com o direcionamento do trabalho dividido em etapas, desde o despertar sobre o tema abordado e o gênero textual escolhido, até a análise semiótica desenvolvida. Também nos embasamos nos estudos de Platão e Fiorin (1999) e Kleiman (1989) como contribuição para o conceito de leitura. Temos Piglia (1994) e Moisés (1990) no estudo do gênero conto e, ao tratarmos da teoria da semiótica, nossa base se funda na teoria semiótica de linha francesa, mais especificamente, nos trabalhos de Greimas e Courtés (1989), Barros (2002), Fiorin (2016). Tomamos como elemento norteador da elaboração das oficinas os documentos oficiais, tais como: os *Parâmetros Curriculares de Pernambuco* (2012a; 2012b), a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2017), dentre outros. O material disponibilizado com a pesquisa trata-se de duas oficinas e dois jogos, que podem contribuir para as aulas Língua Portuguesa no processo de compreensão textual e, conseqüentemente, no despertar do gosto pela leitura.

**Palavras-Chave:** conto; leitura; oficina; semiótica discursiva.

## RESUMEN

Esta investigación trae una propuesta de talleres de lectura, utilizando la teoría de la semiótica francesa dirigida al género del cuento, con el fin de contribuir a la mejora de la comprensión lectora y textual de los estudiantes. Como productos finales de este trabajo, buscamos poner a disposición, además de los talleres, dos juegos didácticos basados en los conceptos semióticos del camino generativo de los sentidos greimasianos. Son actividades propositivas utilizando los cuentos “Padre contra Madre”, de Machado de Assis, y “Negrinha”, de y Monteiro Lobato. Estos textos abordan situaciones que forman parte de nuestra historia como pueblo brasileño y nos permiten trabajar con el tema de la desigualdad social y el prejuicio racial. Con nuestra propuesta de talleres, a través del análisis de los cuentos, el alumno comprende cómo se da la expresión del racismo en los cuentos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, y “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis. En los talleres pretendemos involucrar los conceptos básicos de la Semiótica Discursiva, con énfasis en temas y figuras; así como presentar la actuación de los actores en el tiempo y el espacio, como articuladores de la emergencia temática en el corpus de análisis. Para el desarrollo del estudio, nos basamos en una investigación cualitativa, con la dirección del trabajo dividida en etapas, desde el despertar sobre el tema abordado y el género textual elegido, hasta el análisis semiótico desarrollado. También nos apoyamos en los estudios de Platón y Fiorin (1999) y Kleiman (1989) como aporte al concepto de lectura. Contamos con Piglia (1994) y Moisés (1990) en el estudio del género del cuento y, al tratarse de la teoría de la semiótica, nuestra base se apoya en la teoría semiótica de la línea francesa, más concretamente, en la obra de Greimas. y Courtés (1989), Barros (2002), Fiorin (2016). Tomamos como elemento orientador para la elaboración de los talleres los documentos oficiales, tales como: los Parámetros Curriculares de Pernambuco (2012a; 2012b), la Base Curricular Común Nacional (BNCC, 2017), entre otros. El material puesto a disposición con la investigación consta de dos talleres y dos juegos, que pueden contribuir a las clases de Lengua Portuguesa en el proceso de comprensión textual y, en consecuencia, en el despertar del gusto por la lectura.

**Palabras clave:** cuento; leer; taller; semiótica discursiva.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Principal motivação para ler um livro.....	27
Gráfico 1 – Influência para a leitura.....	28
Esquema 1 – Temporalização Agora.....	37
Esquema 2 – Temporalização Então.....	38
Esquema 3 – Debreagens.....	48
Quadro 2 – Percurso discursivo da manipulação.....	50
Quadro 3 – Modalidades discursivas.....	51
Esquema 4 – Sujeito 1.....	57
Esquema 5 – Sujeito 2.....	58
Esquema 6 – Sujeito 3.....	59
Esquema 7 – Sujeito 4.....	60
Esquema 8 – Sujeito 5.....	61
Figura 1 – Espetáculo Semiótico 1 - Negrinha.....	63
Figura 2 – Quadrado Semiótico 1 - Negrinha.....	64
Esquema 9 – Programa narrativo para o S1(Cândido Neves).....	69
Esquema 10 – Programa narrativo para o S2 (Clara).....	70
Esquema 11 – Programa narrativo para o S3 (Mônica).....	71
Esquema 12 – Programa narrativo para o S4 (Arminda).....	71
Esquema 13 – Programa narrativo para o S5 (Proprietário de Arminda).....	72
Esquema 14 – Programa narrativo para o S6 (farmacêutico).....	73
Figura 3 – Espetáculo Semiótico-2. Negrinha.....	75
Figura 4 – Quadrado Semiótico-2. Negrinha.....	75
Figura 5 - Espetáculo Semiótico-3. Negrinha.....	76
Figura 6 - Quadrado Semiótico- 3. Negrinha.....	76
Figura 7 - Quadrado Semiótico- 4. Negrinha.....	77
Quadro 4 – Sugestão de Atividade 1.....	83
Figura 8 – José Bento Renato Monteiro Lobato.....	85
Quadro 5 – Sugestão de Atividade - Plano narrativo.....	87
Figura 4 - Um brinquedo.....	88
Quadro 6 - Apresentação do conto aos leitores.....	89
Quadro 7 – Atividade 2.....	90
Quadro 8 – Análise dos actantes.....	91

Quadro 9 – Atividade 3.....	92
Quadro 10 – Elementos da Semiótica - atividades de análises dos personagens.....	93
Quadro 11– Material para ser impresso.....	94
Quadro 12– Sugestão de atividades: Elementos discursivos.....	94
Quadro 13– Atividade Propositiva.....	95
Quadro 14 – Personagens do conto.....	96
Quadro 15 – Plano discursivo.....	96
Figura 5 – Açoite.....	97
Figura 6 – Tronco.....	97
Figura 7 - Formação do povo brasileiro.....	98
Quadro 16 – Atividade reflexiva.....	98
Quadro 17 – Plano de Análise da personagem “Negrinha”.....	99
Figura 8 – Beija-flor.....	99
Figura 9 – Pássaro em gaiola.....	100
Quadro 18 – Questões para debates e reflexões.....	100
Quadro 19 – Atividade propositiva 1.....	101
Quadro 20 – Plano narrativo: apresentação do conto aos leitores.....	103
Figura 10 – Dinheiro.....	104
Figura 11 – Recém-nascido.....	104
Quadro 21 – Sugestão de Atividade propositiva.....	105
Quadro 22 – Análise dos actantes: elementos da Semiótica - atividades de análises dos personagens.....	105
Quadro 23 – Sugestão de Atividade.....	106
Quadro 24 – Sugestão de Atividade.....	107
Quadro 25 – Sugestão de Atividade.....	108
Quadro 26 – Reflexões necessárias.....	108
Quadro 27 – Elementos discursivos e Plano discursivo.....	109
Quadro 28 – Caracterização dos sujeitos.....	110
Quadro 29 – Elementos discursivos e Plano discursivo.....	110
Quadro 30 – Busca ao dicionário.....	111
Quadro 31 – Estruturas Fundamentais.....	111
Figura 12 – Mulher negra acorrentada.....	112
Quadro 32 – Questões para debates e reflexões.....	113
Figura 13 – Mulher grávida.....	113

Figura 14 – Jogo educacional.....	122
Figura 15 – Jogo educacional.....	122
Figura 16 – Jogo educacional.....	122
Figura 17 – Jogo educacional.....	122
Figura 18 – Jogo educacional.....	122
Figura 19 – Jogo educacional.....	122
Figura 20 – Jogo educacional.....	125
Figura 21 – Jogo educacional.....	125
Figura 22 – Jogo educacional.....	125
Figura 23 – Jogo educacional.....	125
Figura 24 – Jogo educacional.....	125
Figura 25 – Jogo educacional.....	125

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Ator
Ac	Actante
Adj.	Adjuvante
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
Dario	Enunciatário
Dor	Destinador
F	Função de transformação
Op.	Oponente
OV	Objeto de valor
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCN/LP	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
PN	Programa Narrativo
S	Sujeito semiótico
S'	Sujeito-Enunciador
S''	Sujeito-Enunciatário
S*	Sujeito de Enunciado
U	Disjunção
[ ]	Enunciado do fazer
( )	Enunciado do estado
→	Função fazer
-Dor	Antidestinador
-S	Antissujeito
∩	Conjunção

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DA IMPORTÂNCIA DA LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL AO TRABALHO COM O GÊNERO CONTO.....</b>	<b>23</b>
2.1	LEITURA.....	23
2.2	O CONTO: DA TEORIA AO <i>CORPUS</i> .....	31
<b>2.2.1</b>	<b>Enredo.....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Personagens.....</b>	<b>35</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Tempo.....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Lugar.....</b>	<b>39</b>
<b>2.2.5</b>	<b>Foco narrativo.....</b>	<b>40</b>
<b>3</b>	<b>SEMIÓTICA (FRANCESA, GREIMASIANA OU DISCURSIVA).....</b>	<b>42</b>
3.1	NÍVEL FUNDAMENTAL.....	45
3.2	NÍVEL NARRATIVO.....	46
3.3	NÍVEL DISCURSIVO.....	48
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>53</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	53
4.2	UNIVERSO E <i>CORPUS</i> DE PESQUISA.....	53
4.3	DESCRIÇÃO DO PRODUTO DE INTERVENÇÃO: “NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO.....	54
<b>4.3.1</b>	<b>Resumo do conto “Negrinha”.....</b>	<b>54</b>
<b>4.3.2</b>	<b>análises de “Negrinha” no plano narrativo.....</b>	<b>55</b>
4.3.2.1	Programa Narrativo.....	56
4.3.2.2	Programa Narrativo do S1.....	56
4.3.2.3	Programa Narrativo do S2.....	58
4.3.2.4	Programa Narrativo do S3.....	59
4.3.2.5	Programa Narrativo do S4.....	60
4.3.2.6	Programa Narrativo do S5.....	60
<b>4.3.3</b>	<b>Plano discursivo.....</b>	<b>61</b>
<b>4.3.4</b>	<b>Análises da semântica discursiva de “Negrinha”.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3.5</b>	<b>Estruturas fundamentais.....</b>	<b>63</b>
<b>5</b>	<b>PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS.....</b>	<b>65</b>
5.1	DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS.....	65

<b>5.1.1</b>	<b>Análises de “Pai contra Mãe”</b> .....	<b>66</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Plano Narrativo</b> .....	<b>67</b>
<b>5.1.3</b>	<b>Análise de “Pai contra Mãe” no Plano Narrativo</b> .....	<b>68</b>
5.1.3.1	Programa Narrativo do S1.....	68
5.1.3.2	Programa Narrativo do S2.....	69
5.1.3.3	Programa Narrativo do S3.....	70
5.1.3.4	Programa Narrativo do S4.....	71
5.1.3.5	Programa Narrativo do S5.....	72
5.1.3.6	Programa Narrativo do S6.....	73
5.1.3.7	Plano Discursivo.....	73
<b>5.1.4</b>	<b>Análise da Semântica Discursiva de “Pai contra Mãe”</b> .....	<b>74</b>
<b>5.1.5</b>	<b>Estruturas fundamentais</b> .....	<b>75</b>
<b>6</b>	<b>PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: OFICINAS DE LEITURA</b> .....	<b>78</b>
6.1	PLANEJAMENTO E METODOLOGIA.....	81
6.2	OFICINA DE LEITURA - CONTO NEGRINHA.....	83
<b>6.2.1</b>	<b>Oficina 1 – Plano Narrativo: Programa Narrativo dos “Sujeitos”</b> .....	<b>87</b>
<b>6.2.2</b>	<b>Oficina 2 - Conto: primeiros passos: a promoção de uma situação problema: apresentação do conto aos leitores</b> .....	<b>89</b>
<b>6.2.3</b>	<b>Oficina 3 - Conto “Negrinha”: análise dos “actantes” - destinador, destinado, adjuvantes, oponentes e antissujeito e noções de objeto de valor</b> .....	<b>91</b>
<b>6.2.4</b>	<b>Oficina 4 - Conceitos da semiótica em prática: Atividades de análises dos personagens</b> .....	<b>93</b>
<b>6.2.5</b>	<b>Oficina 5 - Elementos discursivos</b> .....	<b>94</b>
<b>6.2.6</b>	<b>Oficina 6 - Plano discursivo: Pessoa do discurso, espaço e tempo</b> .....	<b>96</b>
<b>6.2.7</b>	<b>Oficina 7 - O não dito: Análise da personagem “Negrinha”. Estruturas Fundamentais</b> .....	<b>99</b>
6.3	OFICINA DE LEITURA 2 - CONTO PAI CONTRA MÃE.....	101
<b>6.3.1</b>	<b>Oficina 1 - Autor: Conhecer para compreender</b> .....	<b>101</b>
<b>6.3.2</b>	<b>Oficina 2 - Plano Narrativo: Programa Narrativo dos “Sujeitos”</b> .....	<b>102</b>
<b>6.3.3</b>	<b>Oficina 3 - Conto “Pai contra mãe”: Análise dos “actantes”: destinador, destinado, adjuvantes, oponentes e antissujeito e noções de objeto de valor</b> .....	<b>105</b>

6.3.4	Oficina 4 - Elementos discursivos.....	109
6.3.5	Oficina 5 - O não dito: Análise da personagem Arminda. Estruturas Fundamentais.....	111
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS.....	116
	APÊNDICE A - JOGOS EDUCACIONAIS.....	120
	ANEXO A - NEGRINHA.....	126
	ANEXO B - PAI CONTRA MÃE.....	132

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente na Educação Básica é desafiador, pois cada aluno é único e o professor, algumas vezes, depara-se com aprendizagens diferentes na mesma sala de aula. Há vários fatores que interferem no processo de aquisição do conhecimento do estudante. Então, faz-se necessário que o educador esteja sempre em busca de aperfeiçoamento para que possa lidar com essas situações em sua prática cotidiana. E, o Mestrado Profissional em Letras, surge nesse cenário e contribui com o desenvolvimento da prática docente. Uma vez que, traz uma proposta de junção entre a teoria e prática. Sendo assim, são estas questões que motivam muitos educadores a cursarem esse grau acadêmico.

O ensino de Língua Portuguesa envolve questões de leitura e escrita, há inúmeras realidades vivenciadas em nossas Escolas. Ao abordarmos a questão da proficiência leitora, podemos notar que as dificuldades encontradas ocorrem no âmbito nacional e estão presentes desde os lugares mais longínquos até as grandes Metrôpoles.

De acordo com Koch (2003), “[...] o ser humano por ser um ser interativo, conhece e utiliza a linguagem para se comunicar, compreende o mundo por meio das leituras que faz de si e da realidade que o cerca”. Uma vez que precisamos, desde cedo, ler textos para que possamos refletir sobre o nosso cotidiano e (re)conhecer nossa história e nos posicionarmos diante dos fatos que ocorrem no meio social. Uma vez que a leitura “[...] é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11).

Contudo, nota-se que há problemas sérios com o ato de ler, pois algumas vezes, é visto como processo de decodificação. Mas que deveria ser direcionado ao trabalho voltado à apreensão do sentido de um texto e na sua compreensão global. Dessa forma, precisamos fornecer aos estudantes alguns meios para que eles possam atingir uma compreensão textual e uma melhor proficiência leitora.

Uma pesquisa realizada em maio de 2015, pelo Instituto Pró-Livro<sup>1</sup>, *Retratos da Leitura no Brasil - 4ª edição*, mostrou que o brasileiro lê em média 2,43 livros inteiros por ano, já no Nordeste, isso corresponde a 3,93— a pesquisa acrescenta também que 30% da população

---

<sup>1</sup> INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 4ª ed. São Paulo, 2016.

nunca comprou um livro. Já em 14 de setembro de 2019, outra pesquisa <sup>2</sup>realizada pelo mesmo órgão, em sua 5ª edição, juntamente com o Itaú Cultural e IBOPE Inteligência, constatou uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019, caindo também o percentual de leitores na população, de 11 a 17 anos.

As últimas avaliações do PISA<sup>3</sup> (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) realizadas em 2018, cujos resultados foram divulgados em dezembro de 2019, e estão disponíveis no site do (INEP) Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, revelam que o Brasil pontua 413 na leitura e que apenas metade dos nossos alunos, que fizeram parte da amostragem da pesquisa, encontram-se no nível básico de proficiência em relação à compreensão leitora. Ou seja, apenas 2% dos estudantes brasileiros conseguem atingir uma boa compreensão textual, conseguindo ler textos longos e mais complexos.

Esses dados acima servem de reflexão sobre a relevância do trabalho com a leitura nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que, de acordo com Koch (2008), é por meio dos textos que circulam na sociedade que os indivíduos se apropriam de diversas áreas do conhecimento, e é através da leitura que o leitor apreende os sentidos do texto. Assim, acrescentando ao eixo de leitura, os Parâmetros Curriculares do Estado de Pernambuco referem-se à leitura como:

[...] uma prática social que implica, necessariamente, a compreensão na qual a construção de sentido vai se constituindo antes da leitura propriamente dita e pelo estabelecimento do profícuo diálogo e da negociação entre os interlocutores (PERNAMBUCO, 2019, p. 81).

As relações que fazemos entre os significados que atribuímos ao que lemos dependem das nossas experiências de vida. Entretanto, para que o ato de ler seja prazeroso, os textos escolhidos têm de despertar o interesse do público leitor. Os gêneros textuais que devem ser utilizados são aqueles cujas características e usos venham a “[...] favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem”, como é visto no PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 24).

O mesmo material orienta o trabalho através do gênero textual conto, constando também no Currículo de Pernambuco como um conteúdo que deve ser trabalhado no 9º ano do Ensino Fundamental, uma vez que o gênero conto aparece com maior frequência na realidade social e no universo escolar.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/article/view>

Algumas habilidades propostas pelos documentos oficiais precisam ser desenvolvidas pelos estudantes. No âmbito da leitura, o aluno precisa realizar essa atividade de forma autônoma em relação aos gêneros textuais: “[...] romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, etc.” (BRASIL, 1998 p. 233). Já tratando-se do campo artístico-literário é necessário que se desenvolva a habilidade de:

Inferir, em textos literários, a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo e produções literárias (tanto as consideradas clássicas quanto as marginalizadas), valorizando-as e reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, as sociedades e as culturas, sem perder de vista a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 1998 p. 233).

Sendo assim, o conto nos ajuda a rememorar o nosso passado e contribui para a nossa percepção e ampliação a respeito da leitura, é considerado também como um processo de compreensão, não apenas textual, mas como conhecimento de mundo, de pontos de vistas e olhares sobre o mesmo texto “[...] caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido” (MARTINS, 1994, p. 30).

A partir do gênero conto podemos abordar e resgatar fatos históricos e trabalhar temas transversais que fazem parte da nossa realidade social e do nosso contexto escolar. Temas como preconceito e racismo, por algumas vezes, acabam chegando as nossas salas de aulas alguns professores não se sentem preparados para lidar com a situação.

O despertar da escolha do corpus desta pesquisa ao se direcionar a contos que abordem o contexto histórico da escravidão no Brasil, na análise dos personagens e a teoria de semiótica, se deu por conta da realidade encontrada no ambiente escolar. Pois notamos que uma das maiores dificuldades encontradas nas aulas de Língua Portuguesa é o trabalho com a leitura, mas além dos fatores da sala de aula, existem os externos, no caso, os estudantes algumas vezes agem com preconceito racial por meio de palavras e ações, assim o professor precisa abordar esse tema em suas aulas. E o gênero conto sempre pode contribuir para vir à tona memória que remetem a temas sociais e históricos, contribuindo para a ampliação da visão sobre o ato de ler.

Entretanto, se esse gênero é tão trabalhado nas aulas, então por que ele ainda é visto e lido com tanta dificuldade pelos estudantes? Por muitas vezes, nota-se que a dificuldade em compreensão ocorre no sentido global, mais profundo, em relação à percepção dos significados e enunciados de um texto, também dos temas transversais contidos por trás de cada um. Assim, o ato de ler concorre:

[...] para o desenvolvimento da capacidade de relacionar textos e diferentes linguagens, além de permitir a interação com variadas crenças, valores, concepções, conflitos, subjetividades e identidades, possibilitando o autoconhecimento e o desenvolvimento de uma postura respeitosa diante daquilo que é diferente, entre outros aspectos (PERNAMBUCO, 2019, p. 82).

Pensando assim, foram eleitos os contos que se passam no contexto histórico da escravidão no Brasil, com o enredo voltado à denúncia e crítica direcionada à visão escravocrata da sociedade da época, de opressão a um povo que veio para o Brasil como ferramenta e trabalho, e que tanto contribuiu para nosso país. Muitas vezes marcados por seus estereótipos, já nasciam aqui com seus destinos traçados pelo homem.

Os textos escolhidos no corpus do nosso trabalho foram: “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, pois a realidade de seus personagens estampa o tratamento que os negros recebiam – suas lutas e angústias, tendo em vista que esses contos abordam um tema que se faz atual cada vez que a sociedade se depara com situações de injustiça ocorridas com pessoas negras; um preconceito com raízes históricas e que, até hoje, causa muito sofrimento.

E, a partir da análise desses textos por meio da teoria da semiótica francesa, e de oficinas voltadas a sua aplicação prática, possibilita ao estudante o entendimento das situações e das personagens através de vários pontos de vista, levando em consideração cada actante e suas ações. Através da teoria da semiótica discursiva, mais especificamente no Percorso Gerativo de Sentidos (PGS), são estabelecidas estratégias pedagógicas que possibilitam uma intervenção na forma de como o aluno compreende o texto, a fim de instigá-lo a ler. Para que isso ocorra, propomos nesta pesquisa um material didático-pedagógico que sirva ao ser colocado em prática, para a melhoria do nível de ressignificação, que “[...] é um modelo que simula a produção e interpretação do significado, do conteúdo”, como conceitua Fiorin (2011, p. 44).

Esse processo de “[...] ressignificação ocorre a partir do momento em que o analista se debruça sobre cada nível de análise, o que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo” (idem, 2011, p. 44). Podemos assim, partir da análise dos elementos que compõem as narrativas, como a análise dos sujeitos, o percurso que eles realizam a fim de conseguirem seus objetivos e até as escolhas lexicais feitas pelo narrador.

Dessa forma, fica evidente que é importante também considerar os eixos de integração da BNCC referente às práticas de linguagem, seja escrita, multissemiótica, análise linguística/semiótica ao ensino de Língua Portuguesa, visto que “(envolve conhecimentos

linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão – textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses)” (BRASIL, 2017, p. 71).

Contudo, para que haja a compreensão leitora, é necessário ter um conhecimento mínimo sobre o sistema de organização linguístico alfabética, não apenas a decodificação e sim, a apreensão dos significados durante a leitura. Sendo assim, o professor ocupa uma função muito importante na formação do aluno-leitor.

Considerando alguns dados revelados por pesquisas, por exemplo, as investigações realizadas entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, por amostragem com 8.076 pessoas alfabetizadas ou não, em 208 municípios brasileiros, e publicadas na 5ª edição da revista *Retratos da Leitura*, do Instituto Pró-Livro, aponta a escola, o professor e as mães como quem mais influenciam no despertar para a leitura, chegando essa persuasão ao patamar de 15%; e, tratando-se de literatura, o professor desponta como maior responsável por incentivar o interesse dos alunos, alcançando o índice de 52%.

Destacamos, enfim, a relevância dessa pesquisa por abordar a leitura e compreensão textual, visto que, a importância desse processo perpassa do âmbito educacional para vida em sociedade. Visto que um dos objetivos dos PCN de Língua Portuguesa se trata de “[...] valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos” (BRASIL, 1998, p. 33).

Contudo, ainda é notório que os estudantes sentem muita dificuldade em ler e compreender textos, sejam eles curtos ou longos. Essa dificuldade se estende à compreensão textual nas aulas de outras disciplinas, de maneira que o problema com a compreensão leitora e o interesse pelo ato de ler não prejudica apenas a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, mas afeta outras áreas do conhecimento, principalmente, na formação básica, que é o alicerce de todas as etapas do processo educacional dos discentes.

Tomando por base que essa pesquisa visa contribuir para melhorar o nível de compreensão leitora de contos e, conseqüentemente, despertar o gosto pela prática de leitura, levanta-se a seguinte questão: Como emerge a expressão do racismo nos contos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis?

Sendo assim, trazemos como objetivo geral da nossa pesquisa a criação uma proposta de intervenção de leitura literária com apoio da Semiótica Discursiva analisando como acontece expressão do racismo nos contos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis como discussão necessária para a Educação Básica.

Também buscamos nos objetivos específicos; articular conceitos básicos da Semiótica Discursiva, com ênfase nos temas e figuras; bem como apresentar a atuação dos atores no tempo e no espaço, como articuladores da emergência temática no corpus de análise. Nosso intuito é discursivizar como acontece a expressão do racismo nos contos —Negrinha, de Monteiro Lobato, e —Pai contra mãe, de Machado de Assis, como discussão necessária para a Educação básica. E, propor duas oficinas de leitura com contos da literatura clássica brasileira.

As oficinas contam com a análise de contos de Machado de Assis e Monteiro Lobato, abordando a questão do preconceito racial e visando despertar o senso crítico dos alunos. Na oficina, buscamos direcionar os alunos para uma análise crítica sob o prisma da teoria semiótica discursiva, ou greimasiana, que se fundamenta nos possíveis sentidos atribuídos a cada escolha enunciativa, ou seja, na verificação de todas as escolhas narrativas e discursivas.

Contudo, para que os estudantes compreendam cada processo, faz-se necessário que haja um mediador nesse processo – surgindo, então, a figura do professor que pode utilizar-se deste material para consultas e desenvolvimento da sequência didática. No material consta duas oficinas de leitura literária baseadas nos conceitos semióticos e dois jogos educativos intitulados de: “Negrinha’ no Percorso Gerativo de Sentidos” e “Pai contra Mãe”, quem deve ficar com o filho?”. Esses jogos serão disponibilizados para que os alunos verifiquem e aprimorem o processo de compreensão dos textos.

Antes de chegar a essa fase, mas pensando na organização do presente trabalho, no primeiro capítulo, é abordada a importância da leitura para a humanidade, bem como o que dizem os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares de Pernambuco e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017); autores como, Koch e Elias (2013), Platão e Fiorin (1999), Kleiman (1989) que também tratam da questão do ensino da leitura nas aulas de Língua Portuguesa. Em seguida, há uma apresentação breve sobre a escolha do gênero selecionado para o desenvolvimento do trabalho e a abordagem teórica sobre o estudo da semiótica francesa.

No segundo capítulo, é trabalhado o gênero conto, sua origem e os elementos constituintes da narrativa, como enredo, tempo, lugar, personagem e foco narrativo. Trazemos esses elementos estruturais da forma que são vistos nos livros e nas aulas de Língua Portuguesa e o direcionamento dado ao trabalho tradicional com o ensino desse gênero textual. Ao abordar esse texto nos baseamos em Cortázar (1993), Eco (1988), Piglia (1994) e Moisés (1990).

No terceiro capítulo, é apresentada a teoria da semiótica francesa greimasiana, ou discursiva, considerando o nível fundamental, o nível narrativo e o discursivo; pautados em Greimás e Courtés (1989), Barros (2002), Fiorin, (2016), entre outros.

No quarto capítulo, são analisados os contos, “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, de acordo com os níveis do PGS (Percurso Gerativo de Sentidos). O processo de significação é construído no interior da estrutura narrativa como tipo de sujeito, tempos e vozes do verbo, uso de adjetivos e advérbios e, claro, a escolha dos vocabulários (léxico) feita pelo sujeito da enunciação (narrador do texto) – que também representa uma escolha discursiva, bem como a análise das personagens, actantes, juntamente com uma análise da narrativa de acordo com os conceitos da semiótica, como os objetos de valor, destinador, adjuvantes, oponentes, antissujeito e suas performances até alcançar os objetivos almejados.

No quinto capítulo é apresentada a Proposta de Intervenção Pedagógica, oficinas de leitura direcionadas ao trabalho com os contos já analisados, com o detalhamento de cada etapa do Percurso Gerativo de Sentidos e os níveis a percorrer no processo de leitura e compreensão dos textos.

Consideramos nosso trabalho de grande relevância, pois ao abordarmos os contos: Negrinha e pai contra mãe, trazemos uma temática de cunho racial e, por meio de duas oficinas de leitura sugeridas em nossa pesquisa, podemos debater esse tema em sala de aula e por meio da didatização da teoria semiótica francesa possibilitamos uma leitura global dos contos.

Visamos contribuir nas aulas de Língua Portuguesa, por meio do material disponibilizado como produto desta dissertação, para o desenvolvimento da proficiência leitora dos estudantes. Visto que, conhecer um pouco da realidade representada através dos sujeitos discursivos e analisar a trajetória de cada um deles a partir de vários pontos de vistas pode ajudar os alunos a melhorar o nível de compreensão leitora. E com os jogos disponibilizados proporcionam a fixação dos conteúdos das oficinas.

## 2 DA IMPORTÂNCIA DA LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL AO TRABALHO COM O GÊNERO CONTO

Ao abordamos o trabalho com a leitura e compreensão textual nos deparamos com inúmeras concepções de leitura, algumas com foco no texto, outras no autor, na interação texto-autor-leitor e temos também a discursiva, com foco no sujeito e as condições de produção. Então, em nossa pesquisa, veremos algumas dessas concepções.

Segundo Freire (1995, p.29), Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido, ou seja, é necessário existir a busca do sentido do texto para que se compreenda o que as palavras representam. Para Martins (2006 p.33)

[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvimento de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

Para ensinarmos a ler, não é algo tão fácil, pois é necessário que o leitor adquira várias habilidades para que haja a compreensão textual possa ser significativa para ele. Para Fiorin (2004, p.108), “uma pedagogia da compreensão dos mecanismos constitutivos do sentido é uma pedagogia do gosto, pois como dizia o poeta Valéry, a compreensão precede o êxtase estético.”

E, por meio das narrativas, podemos buscar o sentido que se dá no desenvolver da trajetória dos sujeitos, que agem e representam papéis dentro da trama. Sendo assim também se faz importante analisarmos o gênero conto e os elementos que o constituem.

### 2.1 LEITURA

De acordo com os PCN de Língua Portuguesa (1998), a leitura é o eixo central da proposta curricular do ensino de Língua Portuguesa, pois o ato de ler contribui com o cidadão para a construção do seu pensamento crítico e autônomo a respeito do mundo e da realidade dos indivíduos. Deste modo, de acordo com os PCN, (1998) para;

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1998, p. 41).

Neste contexto, a leitura se torna um instrumento de interação social, tendo um papel fundamental para a construção da criticidade dos indivíduos que convivem no meio social. De certo modo, ter competência da leitura significa ser capaz de incorporar o que os textos dizem para ampliar o conhecimento. Tendo em vista que, “[...] ao lermos um texto, realizamos uma reflexão sobre o próprio saber e este, pode tornar-se mais acessível a mudanças” (KLEIMAN, 1989, p. 9).

A leitura é um momento em que os educandos podem contextualizar os textos, explorar seus possíveis sentidos e, assim, compreendê-los melhor. Ler é compreender o que se está lendo.

Em vários contextos da vida social, é necessário interagir com o mundo das letras, contudo, é no ambiente escolar que se realiza, efetivamente, essa prática de forma sistematizada. Ademais, quando se trata de aula de Língua Portuguesa, por muitas vezes, é preciso deixar de lado os conteúdos gramaticais e direcionar as aulas ao trabalho com a leitura, pois o ato de ler é uma competência que deve ser trabalhada em sala de aula, por mais que leve tempo e exija mais habilidades para favorecer a aprendizagem dessa prática. Segundo os PCN de Língua Portuguesa:

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura. (BRASIL, 1998, p. 71).

Para que haja uma interpretação de fato, o leitor deve realizar algumas atividades cognitivas, por exemplo, saber identificar os signos que compõem a linguagem escrita e compreender o seu significado. Porém, não adianta apenas saber decodificar as palavras, é necessário fazê-las ter sentido para que ocorra a compreensão.

O leitor ativo deve mobilizar diversas áreas do conhecimento para que haja uma compreensão significativa, os vários tipos de conhecimentos sobre a leitura, de forma que se faz necessária à apreensão global do sentido do texto, tendo que superar algumas concepções iniciais no aprendizado da leitura como se afirma nos PCN:

A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (BRASIL, 1998, p. 42).

Ler não significa apenas um processo de decodificação dos símbolos gráficos que compõem o código linguístico. Para Martins (1994), o ato de “[...] decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível”. Para realizar uma leitura de fato, é preciso tomar o texto como um lugar de interação de sujeitos sociais, assim afirmam Koch e Elias (2006, p. 11):

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação textos-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presente na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Um dos equívocos que pode ocorrer durante a leitura é a interpretação isolada das frases pelo leitor (aluno), quando se lê apenas um enunciado e se tenta retirar dele toda sua interpretação, promovendo, assim, alguns enganos; já que, “[...] num texto, uma palavra, uma frase, estão relacionadas todas umas às outras, interligadas, cada ideia depende de um todo [...]”, como defendem Platão e Fiorin (1999).

Contudo, notamos que as palavras são carregadas de significados, pois a utilização de cada signo linguístico é produto de uma escolha feita pelos sujeitos no ato da enunciação, pois;

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2004, p. 96).

E, para realizar uma leitura proficiente, é necessário conhecer não apenas os códigos de uma língua, mas reconhecer seu significado em sua totalidade. É necessário considerar que a leitura é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade e é um grande desafio enfrentado por inúmeros educadores de todo o Brasil; não falando da leitura mecanizada, ou sobre processo de decodificação das palavras, e sim do processo de compreensão significativo, reflexivo e crítico. Visto que:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro (BAKHTIN, 2004, p. 132).

Então, é necessário conhecer e utilizar metodologias para auxiliar o ensino da leitura que favoreçam uma melhor compreensão textual, e o texto comece a fazer sentido para o leitor;

tendo em vista que é fundamental, para aquele que lê, fazer relações com o texto já lido e com a parte que se está lendo, para só assim tomar um posicionamento diante da leitura.

Na escola, com o gênero conto literário, o imaginário dos alunos é posto em movimento – com suas lembranças do tempo de criança, momentos em que seus pais e avós contavam estórias. Antes mesmo do conhecimento da palavra escrita, muitos já ouviram um conto. Segundo Cosson (2016, p. 30):

[...] a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Com o trabalho desenvolvido por meio de contos, possuindo uma organização composicional e algumas lógicas das possíveis narrativas, é possível direcionar o olhar dos alunos para a percepção de todo o Percurso Gerativo de Sentidos, do desenrolar dos fatos, da trama textual, até chegar à compreensão dos mecanismos que envolvem o processo de leitura significativa, com a finalidade de melhorar o processo de compreensão leitora, tendo por base a teoria da semiótica.

Sabemos que é importante o envolvimento dos estudantes com a leitura, uma vez que são necessárias habilidades para que haja a compreensão textual descrita pelos PCN, tais como: “Comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência”, e de reflexão sobre o texto: “justificação, análise, articulação, apreciação e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas” (BRASIL, 1998, p. 71).

Pensando no trabalho com a leitura de contos na visão da semiótica em sala de aula, é possível entender que, dessa forma, há uma contribuição para “[...] a ampliação do repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura.” (BRASIL, 1998, p. 71).

Para Zilberman (2003), o espaço escolar é um lugar privilegiado e pode propiciar condições que possibilitam o desenvolvimento do leitor e o despertar do gosto pela leitura, bem como, tem um papel importante, uma relação de proximidade e intercâmbio com a cultura literária.

Partindo do princípio de que a escola gera uma aproximação com o texto literário, notamos que o conto facilita essa tarefa, uma vez que é um gênero textual que traz à memória

as histórias contadas no seio familiar e, de certa forma, desperta o prazer da leitura, pois, mesmo na infância, já houve o encontro com a literatura, mesmo que em situações de informalidade. Como, por exemplo, quando as mães contam aquelas histórias para entreter seus filhos ou para fazê-los dormir, quando a professora lê os textos na escola para os seus alunos.

Por fim, notamos que, de acordo com a rotina e mudança de fases (infância para adolescência), alguns dos estudantes perdem o interesse pelas leituras que antes realizavam por prazer, acabam perdendo a motivação pelo ato de ler, como foi abordado na pesquisa da revista *Retratos da Leitura*, em sua 5ª edição.

Quadro 1 - Principal motivação para ler um livro

### PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO por Faixa Etária

(%)

2019	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	70 e mais	
Base: Leitores	4270	437	255	388	587	398	760	581	739	125	
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10	
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9	
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17	
Atualização cultural ou Conhecimento geral	13	4	9	10	14	14	16	15	16	16	
Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade	11	13	18	18	13	16	7	6	8	18	
Motivos religiosos	9	2	1	2	5	6	12	12	20	23	
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0	
Atualização profissional ou exigência do trabalho	4	0	1	1	9	5	7	7	3	1	
Não sabe/Não respondeu	1	4	0	1	0	0	0	1	1	5	



P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler? Escolha somente uma opção.

IBOPE  
45 inteligência

livro<sup>4</sup>

Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf)  
p. 45 Acesso em 20 de jan. de 2020

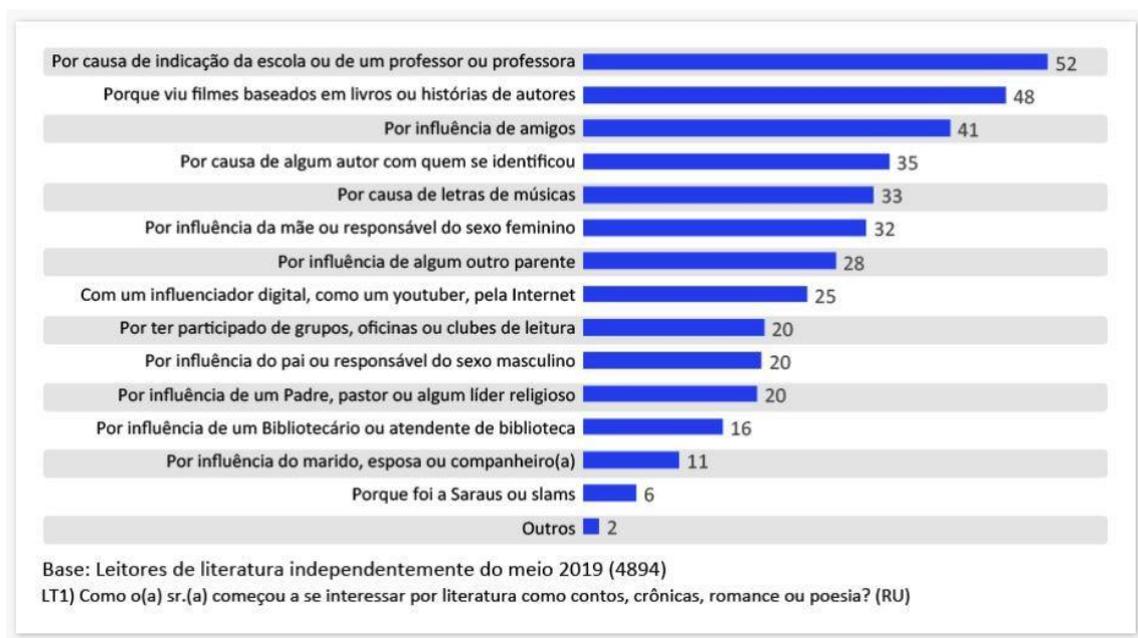
A pesquisa mostra que as crianças entre 5 e 10 anos são as que mais leem por prazer, entre os 11 e os 13 anos já estão perdendo esse gosto, e aos 17 anos continuaram se distanciando dos livros. Todavia, os professores são agentes muito importantes que ocupam o papel de

<sup>4</sup>Fonte: Imagem da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – Principal motivação para ler um livro, coordenação FAILLA, Zoara-IPL.

influenciadores no despertar pela leitura. Segundo Zoara Failla, coordenadora da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, “[...] a família percebe esse despertar do interesse pela leitura na infância, na apropriação de múltiplas linguagens” (2020, p. 45). Mas depois ela acha que não é mais a mediadora, deixando a responsabilidade para a escola.

A respeito da influência para a leitura, lê-se:

Gráfico 1 - Influência para a leitura



5

Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf)  
 p. 111 Acesso em 20 de jan. de 2020

O gráfico 1 mostra que a escola e os professores possuem um papel importante na vida dos seus estudantes e influenciam diretamente no processo leitor de contos e textos literários, assim como no incentivo à leitura. A mesma pesquisa constatou que numa amostragem de 8076 pessoas entrevistadas, o professor ainda é o maior incentivador da leitura de forma geral. Pois esse profissional possui o poder de influenciar e pode dar o direcionamento sobre as leituras a serem realizadas pelos seus discentes.

<sup>5</sup> Fonte: Imagem da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – Influência para a leitura, coordenação FAILLA, Zoara-IPL.

Para continuar despertando o interesse pela leitura e pelos textos literários e para que os alunos venham a compreendê-los melhor, é interessante conhecer e analisar as estruturas do texto narrativo e seus elementos.

Também podemos dizer que os contos literários, em sua maioria, possuem elementos fixos, como um narrador, seja ele observador ou personagem. Espera-se que em sua narrativa contenham alguns elementos estruturais como: uma introdução, apresentando os personagens, principais e secundários (uma descrição detalhada); uma sucessão de acontecimentos (um enredo), lugares onde se passa a estória (espaço); uma trama ou problema que impeça o personagem principal de alcançar seus objetivos (um conflito), sempre tendo algo ou alguém para dificultar as conquistas do personagem protagonista; um clímax, o ponto mais alto de tensão dramática do conto; e o final (desfecho).

Todavia, é possível notar que em algumas vezes alguns desses elementos não se fazem presentes, tendo em vista o fato de o conto também ser uma narrativa curta. Um exemplo dessa quebra da estrutura narrativa, ou seja, a não utilização de todos os elementos do texto narrativo, dá-se na introdução dos contos de fada em frases como, por exemplo: “Era uma vez príncipe encantado, que morava num reino distante...” Nessa situação específica algumas informações são ocultadas, pois o príncipe é apenas encantado e o reino distante, não recebe um nome.

Podemos dizer que as narrativas se organizam por meio de uma lógica e precisamos examiná-las, visto que:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação”. No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação”, neste “projeto humano” com uma “sucessão de acontecimentos” (GOTLIB, 2006, p. 11).

Exemplifiquemos, então, por meio do conto “Negrinha”, escrito por Lobato, como se dá a lógica das narrativas. Observamos que a personagem principal é uma menina de sete anos, negra e órfã, que é criada por uma senhora escravocrata que a maltrata. Na narrativa a criança não tem nome, sendo chamada de Negrinha. Ela simboliza um povo que naquele período era escravizado e menos favorecido. Sendo assim, o autor retrata uma realidade capaz de despertar o interesse por problemáticas que afetam as relações humanas. Notamos também a construção da personagem D. Inácia, representando os donos de escravos. Percebemos as sucessões dos

acontecimentos, a chegada das meninas, a vontade de brincar de Nerinha, a felicidade pelos momentos vividos, a saudade com a partida e a tristeza que trouxe a morte.

Sendo assim, conclui-se que a estrutura dos contos é semelhante e o que muda é a forma como se organiza a trama, bem como a tarefa a ser cumprida. Como nas narrativas, assim é nossa vida, passamos por várias etapas, desejamos ter sempre algo a conquistar, temos um senso de querer ser ou querer ter, somos instigados ao dever fazer para poder conseguir o que queremos, contudo nos deparamos com situações ou pessoas que nos impedem, outras que nos ajudam, ou, até mesmo que disputam o mesmo objeto que desejamos.

Todavia, ao observamos as narrativas, é interessante percebermos os papéis que os personagens executam não apenas por um único ponto de vista, e sim, analisar o mesmo ponto a partir de outros pontos de vista, ampliando nossa perspectiva sobre a trajetória percorrida pelos participantes da trama. Desta maneira, teremos a visão do todo, não apenas de uma parte desse todo. Ou seja, a compreensão global de um texto no processo leitor.

Sendo assim, evidenciamos o trabalho com a leitura a partir da teoria da semiótica de Greimás, em seus direcionamentos ao percurso gerativo de sentidos, uma vez que nos possibilita analisar algumas particularidades e a trajetória dos personagens. Assim, observando a partir do ponto de vista de cada sujeito semiótico, podemos analisar o que cada um faz para alcançar aquilo que deseja, as palavras utilizadas pelos sujeitos e as escolhas feitas pelo narrador podem nos dar pistas sobre as categorias pessoa, espaço e tempo que se evidenciam na narrativa.

Através do trabalho com a leitura gênero do conto, por ser uma narrativa, podemos analisar mais profundamente cada personagem, ou melhor, sujeito semiótico. Podemos também perceber a estrutura e classificação dos elementos constituinte desse gênero, os tipos de personagens, tipos de narrador como é ensinado tradicionalmente na escola. Buscamos com a semiótica efetivar a produção de sentidos por meio das leituras realizadas, assim, formar leitores conscientes e críticos a respeito dos temas tratados e da profundidade contida nos enunciados – uma nova forma de realizar uma mesma leitura, a partir de múltiplos olhares sobre o texto e a realidade que o permeia.

Todavia, o conto já se possui muitas teorias, estudos, e por conta da demanda do ensino dos gêneros textuais, em algumas situações, é visto nas escolas apenas como uma fórmula, sendo trabalhada sua estrutura e os elementos que o constitui. Os alunos antes mesmo de ler a narrativa, já procuram responder as possíveis perguntas que o professor fará.

Contudo, faz-se notória a importância de trazer um capítulo sobre o conto, desde seu surgimento e sua trajetória, seus elementos composicionais, já bem definidos e tão trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Tão conhecidos pelos alunos desde as séries iniciais, e até hoje,

segundo pesquisas já citadas anteriormente o que mais desperta o gosto dos leitores pelo ato de ler.

## 2.2 O CONTO: DA TEORIA AO *CORPUS*

Os contos fazem parte do imaginário humano. Antigamente, com mais frequência, os pais passavam as histórias para seus filhos e netos, de gerações em gerações, por meio das narrativas que recebiam o nome de conto popular; e esse tipo de texto era repassado boca a boca, fazia parte da oralidade e identidade de um povo, trazendo os valores mais originais da língua por ele falada, mostrando uma maneira de ser e se deparar com a vida, assim como “[...] sua maneira mais verdadeira de ver e sentir a vida” (COELHO, 1987, p. 16).

Podemos dizer que existem inúmeras concepções a respeito do conto e todas possuem um ponto em comum, pois tratam de narrativas. Antigamente, as histórias que eram contadas e recontadas tinham por objetivo trazer ensinamentos para as pessoas. Esses textos buscavam explicar as coisas do mundo, de modo que o conto era visto como uma narração “[...] criadora não apenas da mitologia, mas de toda série de lendas...” (SOSA, 1978, p. 108). Visto que:

A função dos contos “imodificáveis” é precisamente esta: contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e amamos (ECO, 2000, p. 21).

A humanidade gosta tanto das narrativas que busca por meio dos contos, sejam eles maravilhosos, de terror, de fadas, os clássicos da nossa literatura, sempre contar algo sobre alguém seja no mundo real ou imaginário. Mas, ao abordar os contos dos autores clássicos da literatura brasileira, por ser mais próximo do conto moderno e ter registro na língua escrita, podemos ter um contato com a realidade vivida na época. Sendo assim, por meio da leitura da obra e análise dos personagens, é possível conhecer um pouco do que se passava naquele momento da humanidade. Por isso, no processo leitor dos textos literários, na modalidade escrita:

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique em aceitá-lo, é o gesto essencialmente solitário exigido pela leitura de qualquer texto (COSSON, 2014, p. 27).

Sendo assim, o gênero conto nos permite desenvolver essa sensibilidade através do embarque na aventura vivida por cada sujeito, e por meio da semiótica francesa no percurso

gerativo de sentido podemos conhecer os pontos de vista de cada sujeito que participa da narrativa, não apenas analisar a trama de um único ponto, a partir da visão do narrador e sim, de cada sujeito que faz parte da narrativa.

Contudo o (CONTO. 2020) é uma “Narrativa breve, escrita ou falada, com uma ação e poucos personagens.”. Segundo Moisés (1990), existem elementos que fazem parte do conto que se situam numa ação, gerando um conflito que envolve poucos personagens, estes escolhidos minuciosamente pelo autor, para participarem da narrativa em tempo e espaço limitados.

Alguns elementos constituintes do conto, como tipologia narrativa, foram se modificando com o passar do tempo, surgindo, assim, outros gêneros de contos tradicionais como microcontos, nanocontos, entre outros. Porém, neste trabalho, serão abordados os contos clássicos de autores em destaque na literatura.

De acordo com o *Dicionário Houaiss*, o gênero textual conto, em sua maioria, apresenta um único conflito que, por sua vez, ocasiona um momento de grande tensão (um problema a ser resolvido) entre a(s) personagem (ns). Esse instante, o auge da estória, recebe o nome de clímax. O conto, por ser um texto ficcional, traz uma ideia de representação, tem como sinônimo a palavra “mentira”, e, como antônimo, “verdade”. “Narrar é como jogar pôquer: todo segredo consiste em fingir que se mente quando se está dizendo a verdade” (PIGLIA, 1994, p. 37-38).

Na época dos nossos avós, as narrativas se propagavam na oralidade e eram vistas como ensinamento e divertimento. De acordo com alguns estudiosos, faziam parte das narrativas religiosas e contavam pequenas histórias a respeito da vida dos santos e de seres místicos, como fadas, monstros, dragões – seres que faziam parte do imaginário humano. Para Machado de Assis (1910, p. 18-19), o conto é um “[...] gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade”. Esse texto exige uma boa desenvoltura do leitor e um olhar minucioso durante o processo, pois:

O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta (PIGLIA 1994, p. 37).

Contudo, é notório que existem várias classificações do gênero conto, levando em consideração os personagens e o ambiente em que se passa a trama, o que há por trás do desenrolar das ações entre a personagem principal até chegar ao seu objetivo. De modo que, nos PCN de Língua Portuguesa, “[...] a formação do leitor de literatura pressupõe, portanto,

práticas que, prioritariamente, motivem os leitores a produzirem suas leituras; e muitas e diferentes leituras podem ser feitas de um mesmo texto” (BRASIL, 1998, p. 95).

Por esse motivo, o gênero conto é tão rico, pois sendo um texto literário, presente no imaginário humano, possibilita muitas leituras a partir de um ponto de vista do leitor e suas experiências de vida. Um mesmo conto pode ser contado e sentido de diferentes formas a depender do leitor e o papel social que ele ocupa.

Cada gênero textual possui uma organização estrutural que o diferencia dos outros, de forma que o conto também contém elementos que o caracteriza como tal, sendo imprescindível que o aluno ao se deparar com esse gênero o reconheça. Visto que os documentos oficiais trazem habilidades a ser desenvolvidas, uma delas é:

Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição, as partes estruturantes (orientação, complicação, desfecho), os elementos da narrativa (foco narrativo, espaço, tempo e enredo) e seu papel na construção de sentidos (PERNAMBUCO, 2019, p. 234).

Os gêneros narrativos fazem parte do ambiente escolar e possibilitam aos alunos o contato com a literatura, de forma que uma das competências que devem ser desenvolvidas nos alunos, pelos professores de Língua Portuguesa, de acordo com o currículo de Pernambuco (2019, p. 235), é “[...] a leitura de forma independente de romances, contos contemporâneos, romances, entre outros”.

Contudo, faz-se necessário mencionarmos a estrutura do conto que, por sua vez, é dividida em quatro partes: introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão. Para Gotlib (2006):

O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto narrativa através dos tempos. O que houve na sua história foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica (GOTLIB, 2006, p. 29).

De modo geral, a introdução é a fase inicial da trama, ou seja, são as primeiras palavras, a apresentação. Nela, são mostradas ao leitor as primeiras pistas da narrativa, notando-se o contexto e descobrindo quem são as personagens, o lugar, o espaço, o tempo em que a estória se passa, bem como, o início dos acontecimentos.

### 2.2.1 Enredo

Podemos dizer que a introdução é a fase inicial da trama, nela consta um pouco sobre o que será visto. Ou seja, trata-se da apresentação do texto ao leitor, nele o leitor pode encontrar as primeiras pistas sobre o que irá ser lido, é visto o contexto, os personagens, o lugar, o espaço, o tempo em que a história se passa, o início da trama.

Por sua vez, no desenvolvimento, ocorre uma complicação, inicia-se uma situação-problema. Nessa etapa, após a apresentação inicial, surgem algumas ações que modificam e desequilibram a fase inicial da narrativa. Para Moisés (1990, p. 22), a “[...] unidade de ação corresponde a unidade de espaço, e esta decorre da circunstância de apenas determinado ambiente encerrar importância dramática”.

Na semiótica, as personagens podem ser catalogadas como vários actantes (papéis actanciais), manifestando-se como atores. Os actantes passam por conflitos e ao depender de seu desempenho e/ou manipulação que sofrem isso gera uma mudança de estado impulsionando-os a conquistar o seu objeto de valor. Deixando-os em disjunção ou conjunção com o que almejam, despertando o sentimento de euforia ou disforia. E assim, chegar à sanção.

O conflito traz um momento de tensão que atingirá as personagens, provocando-as para solucionar, agir diante de uma situação-problema. E através dos componentes da linguagem do gênero textual conto nasce um diálogo entre os interlocutores para gerar essas situações. Para Moisés:

Os conflitos, os dramas, residem na fala das pessoas, nas palavras proferidas (ou mesmo pensadas) e não nos atos ou gestos (que são reflexos ou sucedâneos da fala), sem diálogo, não há discórdia, desavença ou mal-entendido, e sem isso, não há conflito nem ação (MOISÉS, 1990 p. 28).

Nos contos, o auge de um conflito é o clímax, um instante em que tudo pode acontecer e causa uma grande tensão. É o momento que desperta a curiosidade do leitor, pois necessita de uma tomada de decisão por parte das personagens e isso definirá os rumos dos acontecimentos.

Enfim, o último elemento da estrutura da narrativa é a conclusão. Pode-se dizer que é o final da narrativa. Nela, a situação-problema terá um desfecho, tendo uma quebra ou não de uma expectativa gerada no começo da trama.

Contudo, um dos constituintes essenciais no gênero conto é o narrador, podendo ser definido como um elemento dentro da narrativa a quem é atribuído o dever de contar, introduzir o que se passa dentro de um texto, fatos a respeito do mundo da ficção, pois ele organiza e

explica os acontecimentos, conforme Cardoso (2001). Sendo assim, o enredo está presente em toda narrativa ficcional.

### 2.2.2 Personagens

Os personagens de um conto podem ser representados por seres humanos, animais, plantas e até mesmo objetos. Esses seres irão executar ou sofrer ações dentro do percurso da narrativa. Pode ser um vilão (antagonista), ou um mocinho (o protagonista), que tem o papel principal dentro da trama, pois ele vai tentar conseguir chegar até a fase final e concretizar seus objetivos, como por exemplo: um casal que se ama irá tentar terminar juntos, alguém que sofre tentará no final (desfecho) conseguir encontrar a felicidade.

Na organização da narrativa, o espaço é ampliado para assim poder englobar todo enunciado e é desta maneira que temos a percepção dos sujeitos que, segundo Batista (2001, p. 150), “[...] a análise da estrutura actancial de um texto nos permite captar a temática e ideologia abordada sem conotação política, mas, observando o sistema de valores de um indivíduo, de uma cultura, de uma sociedade”. Desta forma, o enredo das narrativas também se compõe.

Cada vez que se desenha uma trama, por traz há algumas informações que são essenciais para a compreensão do texto, como: Sobre o que vai se falar? Onde (lugar) se passa a história? De quem (personagens) ou de que vai se falar? Como ocorre a sucessão dos fatos (tempo)? O que trouxe uma tensão para os fatos? E como isso foi superado ou não? Esses elementos fazem parte do enredo dos contos.

Os personagens desempenham um papel primordial nas narrativas, pois eles fazem parte da história, atuando e se relacionando com outros sujeitos, agindo e percorrendo as trilhas do enredo, perpassando por trajetos a serem superados, mas que conduzem a um final, desfecho ou sanção.

Para que ocorra a sanção é preciso que o sujeito realize a performance. Uma vez que existe uma relação pré-estabelecida a respeito de um juízo epistemológico com o Destinator-julgador, a do crer. Se o destinatário realizar as ações, tiver um bom desempenho e conseguir cumprir todas as etapas, ele receberá uma compensação do destinator, que poderá ser positiva ou negativa, como forma de castigo ou recompensa a depender da forma de agir ou não agir quando necessário.

Na semiótica narrativa, os personagens são considerados sujeitos e cumprem papéis de atores que passam por transformações. São três papéis que ocorrem com mais frequência e,

segundo Greimas e Cortés (1989, p. 52), [...] cada um fundado em um tipo de junção. Assim temos o sujeito virtualizado, atualizado e realizado.

O sujeito virtualizado (não conjunto) é instigado pelo querer conquistar o que deseja, o atualizado (disjunto) em saber e poder lutar pelo que quer, já o realizado (conjunto) “[...] vai depender da performance para vê-lo conquistado” Idem (1989, p. 52).

Ao considerar a estrutura actancial, observamos duas espécies de enunciados narrativos. Nos detemos a um deles, o sujeito de fazer, aquele que corre atrás do que deseja, seu objeto de valor, e um Destinador que destina; temos também o Objeto de valor que se direciona a um Destinatário (BATISTA, 1999).

Assim, os sujeitos são motivados (tentados) ou desafiados (intimidados) a lutar por algo, seja no plano material ou abstrato. Todavia, se faz necessário superar algumas etapas, com ou sem ajuda de algo ou alguém, para poder ter o que se quer.

### 2.2.3 Tempo

O tempo pode ser descrito cronologicamente, podendo ser expresso por meio de palavras e construções sintáticas indicando dia, noite, mês, ano etc. Nota-se também que, “[...] nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações” (NUNES, 1995, p. 24). Através do estudo desse elemento da narrativa, é possível identificar três níveis relacionados ao tempo: o cronológico, o psicológico e a técnica do *flashback*.

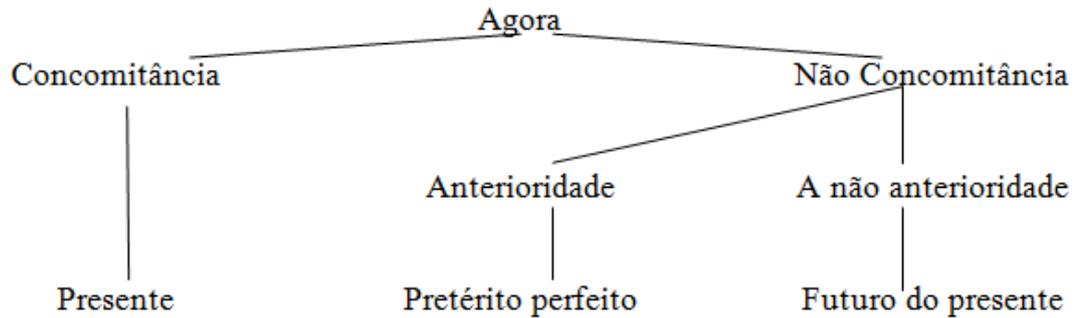
O tempo cronológico se passa de maneira linear, demarcando a passagem do tempo do começo para o final, podendo ser medido em dias, meses, semanas. Já o tempo psicológico, por se passar no interior da consciência das personagens, é baseado na memória em relação a um determinado momento. Não ocorre de maneira linear, pois faz parte dos pensamentos de uma personagem.

A ideia de tempo como técnica do *flashback* se dá como um retorno às memórias, lembranças, pois ocorre um retorno às situações passadas que já foram apresentadas no tempo cronológico da narrativa; os acontecimentos são relembrados e compartilhados pelo narrador ou pelo personagem.

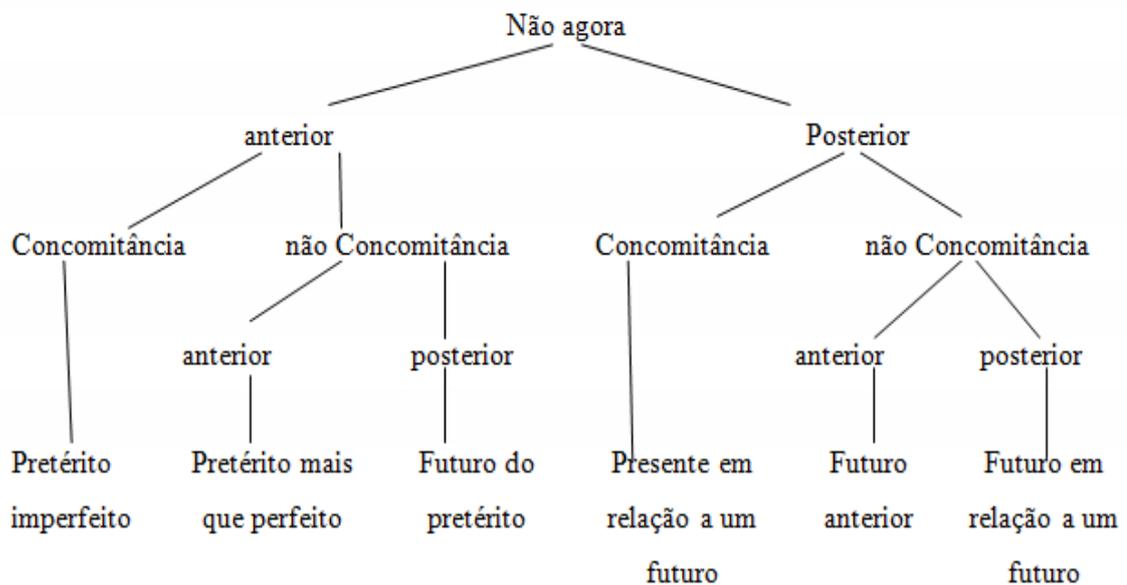
Nos textos narrativos, o tempo tem um papel importante para situar o leitor a respeito da passagem da história e do desencadeamento das cenas, essa percepção se dá por meio dos advérbios, dos tempos e modos verbais presentes na superfície textual. E cabe à escola o papel de desenvolver nos alunos a competência de:



Esquema 2- Temporalização Então



7



O que ocorre no tempo presente surge por meio da enunciação do locutor e a cada momento, a partir da enunciação que essa relação se refaz. Logo, o agora é o tempo presente e o que ocorre posteriormente a ele se dará no futuro do presente, e o que ocorreu anteriormente no pretérito perfeito.

<sup>7</sup> Temporalização agora

Fonte: Fiorin (2002, p. 41-42).

E falando do tempo que representa o não agora, podemos dizer que este está em concomitância de duas formas: do presente do futuro e no pretérito, acrescentamos que anteriormente a eles temos, respectivamente, o futuro do presente e o Pretérito-mais-que-perfeito e, posteriormente, o futuro do futuro e o futuro do pretérito.

#### **2.2.4 Lugar**

Refere-se ao lugar de movimentação dos personagens, onde acontecem as ações do enredo, um espaço descrito de forma explícita ou implícita. Esses espaços nas narrativas se apresentam através de recursos descritivos que caracterizam o lugar, sendo esse espaço físico ou social.

No espaço físico o ambiente pode ser apresentado a partir das descrições do ambiente. Esse local pode ser conhecido como espaço geográfico, sendo o lugar/espaço onde acontecem as cenas da narrativa. Para Micheletti, (2000, p. 68):

O espaço geográfico, por onde circulam as personagens, também é muito restrito. O tempo não ultrapassa horas ou dias, dificilmente as ações duram meses ou anos. Às unidades de ação, espaço e tempo, pode-se acrescentar uma unidade de tom: a linguagem que deve provocar no leitor uma só impressão: pavor, piedade, ternura, indiferença etc.

Já o espaço social se refere ao espaço que retrata um pouco das condições socioeconômicas dos personagens. Este lugar pode ser reconhecido a partir das escolhas lexicais empregadas nos textos, como no vocabulário utilizado para caracterizar os sujeitos e por meio de algumas palavras contidas no texto que acabam dando pistas das condições psicológicas dos personagens.

Pais (1995, p. 143-164) traz uma abordagem entre os espaços e o contexto sociocultural; o espaço e o contexto da enunciação e seus sujeitos: espaço do enunciador e o espaço do enunciatário projetados no texto, e ainda o espaço do enunciado.

Ao abordar o espaço na semiótica, a enunciação produz a mediação do discurso por meio de uma organização em etapas mais profundas que constituem o percurso gerativo global, trazendo a ideia de espaço voltado à enunciação como “[...] o lugar de residência das estruturas sêmio-narrativas, formas que, ao se atualizarem como operações, constituem a competência semiótica do sujeito da enunciação”, de acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 146).

### 2.2.5 Foco narrativo

O foco narrativo tem relação com o posicionamento que o narrador assume ao contar, relatar os acontecimentos, de forma que o texto pode ser narrado em primeira pessoa ou terceira pessoa.

O narrador em primeira pessoa é denominado de narrador-personagem, pois ele participa da história, vivencia o que se passa na narrativa. Esse narrador pode contar o que acontece em primeira ou terceira pessoa, uma vez que ele também pode narrar o que ocorre com os outros personagens. Essas opções que o sujeito da enunciação faz correspondência quanto às categorias de pessoa (1ª ou 3ª pessoa), do espaço e do tempo são tratados como *debreagens*. Segundo Fiorin (2002, p. 31),

Com as *debreagens* enuncitativas e enuncivas criamos a ilusão de que as pessoas, os espaços e tempos inscritos na linguagem são decalcados das pessoas, dos tempos e dos espaços do mundo. No entanto a *debreagem* desfaz essa ilusão, pois patenteia que eles são criação da linguagem.

Fiorin (2002, p. 40), ao tratar das projeções da enunciação do enunciado, nos traz essas “[...] três categorias de *debreagens* enunciativas e enuncivas: as de pessoa (*actancial*), as de espaço (*espacial*) e as de tempo (*temporal*)”.

O processo conhecido como *embreagem*, ocorre uma neutralização dessas categorias num “efeito de retorno à enunciação”, provocando, segundo o autor, a “denegação da instância do enunciado”. Essas categorias direcionam o foco narrativo. O autor sugere que isso pode causar ideias objetivas e subjetivas, pois esses mecanismos possibilitam que qualquer pessoa seja utilizada no lugar de outra.

Sendo assim, podemos dizer “A primeira é aquela em que se instalam no enunciado os *actantes* da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*), ou seja, aquela em que o não eu, o não aqui e o não agora são enunciados como eu, aqui, agora” (GREIMÁS; COURTES, 1979, p. 80). De forma que o *eu* e o *tu* são pessoas do discurso e, ao utilizar a linguagem, o indivíduo se apresenta como sujeito e se remete a ele mesmo como *eu* em seu discurso. Para o *eu* se colocar no discurso, terá que se opor ao *tu*, e ao mesmo tempo se complementam e fazem com que possa existir o *aqui* (lugar) e o *agora*.

Já o narrador em terceira pessoa pode ser chamado de observador ou onisciente – esse não participa, não protagoniza, não vivencia, apenas observa a história. Sendo assim, ele é apenas a voz que conta o que se passa. Ele narra os fatos de acordo com seu ponto de vista.

Contudo, se o narrador conhecer os pensamentos dos personagens, ele poderá ser chamado de narrador-onisciente, que mesmo não participando da história, sabe tudo sobre os personagens.

### 3 SEMIÓTICA (FRANCESA, GREIMASIANA OU DISCURSIVA)

A Semiótica é considerada a ciência que consiste no estudo dos signos, de forma que busca compreender todos os elementos que representam um significado e trazem sentido para a humanidade, englobando as linguagens, sejam elas verbais e não verbais. O estudo da semiótica objetiva alcançar o entendimento sobre como o indivíduo consegue interpretar o mundo à sua volta.

Como teoria da significação, a semiótica interessa-se por tudo que faça sentido para o ser humano. Toma a linguagem como sistema de significações, de relações, e procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, primeiramente, de seu plano de conteúdo. (HERNANDES, 2006, p. 26).

Existem algumas linhas de pesquisa de estudo da Semiótica, mas em nosso trabalho nos deteremos ao estudo da Semiótica francesa greimasiana ou discursiva, uma vez que a teoria não está pronta e acabada, de acordo com Fiorin (2002). Por isso, a todo o momento, está “[...] repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se” (FIORIN, 2002, p.7) por ser uma ciência em construção.

Sabemos que há o estudo dos signos e significações presentes nas diversas formas de linguagem, e na semiótica não é diferente, pois cada escolha lexical tem uma razão de ser, cada palavra possui um significado que se opõe a outro nas relações de diferenças e oposições que estão contidas no uso das formas de comunicação e utilização da língua no processo enunciativo e enunciativo.

Podemos afirmar que a “Semiótica não é direcionada à análise da verdade do que é dito ou está escrito, e sim, com as relações que são evidenciadas na produção, os efeitos de sentido desse discurso que pode se apresentar como sendo verdadeiro, falso, mentiroso”. (FIORIN, 2002, p.131).

O estudo da Semiótica trata da produção de sentidos levando em conta o que está por trás do não dito, “a teoria da significação”, pois em primeiro lugar tem a preocupação com as condições de “apreensão e produção do sentido” considerando a “criação ou apreensão das diferenças, que são necessárias para se estabelecer a estrutura elementar da significação” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 455).

De modo que, falar da significação é falar do sentido negativo decorrente do postulado saussuriano da “diferença”. Uma grandeza semiótica qualquer é, por conseguinte, uma rede de relações e nunca um termo isolado (BARROS, 2001, p. 13).

Desta forma, objetivamos com nosso trabalho a aplicação da teoria semiótica como uma ferramenta teórico-metodológica que possibilita auxiliar os educandos na busca de uma compreensão mais ampla do gênero conto. Por meio do estudo da semiótica, notamos como se apresentam os meios de produção de sentidos, pois já é sabido que o que está escrito não traz toda a significação do que pretende ser dito e sua apreensão depende de conhecimentos relacionados à cultura, ao sujeito e seu plano de expressão. Seria o estudo dos discursos que se manifestam no uso da linguagem, ou seja, “[...] a forma pela qual se torna relativa a visão sobre o sentido por trás do que se está dito ou escrito, algo que aparentemente está incompleto, muitas vezes pendente nas tramas do discurso” (BERTRAND, 2003, p. 21).

Também podemos dizer que as estruturas da significação se manifestam e nos ajudam no processo da percepção do ato comunicativo. De acordo com Greimas (1966, p. 42), “[...] é no ato de comunicação, acontecimento-comunicação que o significado encontra o significante” Na visão da semiótica, podemos construir os sentidos de um texto a partir do estudo e do conteúdo que compõe o percurso gerativo de sentido, uma vez que “[...] é um modelo que simula a produção e interpretação do significado, do conteúdo”, como explica Fiorin (2016),

Esse processo dar-se-á por meio da superação de algumas etapas essenciais, que chamamos de níveis, e é através da superação dessas barreiras “que se mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo” (FIORIN, 2016, p. 20).

Para compreendermos o texto de forma significativa, é necessário percorrermos os níveis do percurso gerativo sentido; o profundo (nível fundamental), o narrativo e o discursivo.

Podemos afirmar que Barros (2001) concorda com Fiorin (2016) quando ele trata a questão da superação dos níveis para obter a produção de sentidos. A autora cita como é caracterizada a teoria semiótica, afirmando que é necessário:

- a) construir métodos e técnicas adequadas de análise interna, procurando chegar ao sujeito por meio do texto;
- b) propor uma análise imanente, ao reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso;
- c) considerar o trabalho de construção do sentido, da imanência à aparência, como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada nível de profundidade é passível de descrições autônomas;
- d) entender o percurso gerativo como um percurso do conteúdo, independente da manifestação, linguística ou não, e anterior a ela (BARROS, 2001, p. 13).

Portanto, perceber o texto e sua compreensão global se dá por meio do processo de significação que é dado ao signo, a cada significante e significado contido na superfície textual.

Sendo assim, é interessante, ter por objetivo, recorrer às estruturas narrativas abordadas pela semiótica, uma vez que estas se manifestam na história da humanidade, na busca constante do ser humano por seus valores, pois o homem sempre quer encontrar um sentido para as coisas da vida, sejam elas relacionadas aos contratos estabelecidos com outro ou no que diz respeito às relações e conflitos que permeiam a história da humanidade.

É possível notarmos que nas narrativas existe algo em comum de acordo com o que o ser humano busca em sua trajetória de vida, muitas vezes não importa o período, época que ocorrem os fatos, sempre há um caminho a ser percorrido. Esse trajeto já foi feito por outras pessoas. Visto que sempre haverá uma busca, um indivíduo que corre atrás de algo que lhe traga um retorno positivo. Contudo, para que se tenham ganhadores, é necessário ter um ou mais perdedores. Assim é a vida, um jogo de oposições que precisa ocorrer para se complementar como um todo.

Desta maneira, ao analisarmos o gênero conto, temos percepções de que os sujeitos que fazem parte da narrativa passam por algumas etapas para conquistarem o que almejam. Sendo assim, vamos compreender como ocorrem esses processos dentro das análises dos textos, como se dá a superação de cada nível do percurso gerativo de sentidos, visto que esse estudo semiótico analisa cada etapa percorrida pelos sujeitos presentes na narrativa.

O percurso gerativo de sentido tem três níveis, sendo eles: o profundo (nível fundamental), o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis é composto de um componente sintático e um semântico. Segundo Fiorin:

Na gramática a sintaxe faz par com a morfologia, enquanto esta estuda a estrutura do vocábulo, aquela se dedica ao exame das regras que presidem as relações entre os vocábulos, a construção das orações e as relações interoracionais. Numa teoria do discurso, a sintaxe contrapõe-se à semântica (FIORIN, 2016, p. 20).

Ainda podemos afirmar que a sintaxe desses diferentes níveis trata de um conjunto de regras que fazem com que haja um encadeamento de ideias e de conteúdos a partir da sucessão do discurso, “Embora ela seja puramente relacional, tem, assim como a síntese estudada pela gramática, um carácter conceptual” (FIORIN, 2016, p. 21).

### 3.1 NÍVEL FUNDAMENTAL

Essa primeira fase do percurso, de acordo com Barros (2002, p. 13), é “[...] a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima”. Para Greimas (1966, p. 28), decorre daí imediatamente duas consequências: “1- Um só termo-objeto não comporta significação. 2- A significação pressupõe a existência da relação: é o aparecimento das relações entre os termos que é a condição necessária para a significação.” Dessa forma, é necessário que haja a oposição ou as oposições semânticas, pois são elas que contribuem para a construção do sentido do texto.

No estudo das relações de oposição, a categoria que trabalha com esses termos que se contrapõem recebe o nome de quadrado semiótico, a exemplo de vários termos opostos, mas que se complementam por terem relações de sentido. De acordo com Fiorin (2016, p. 18), são exemplos dessa oposição semântica binária: /morte/ *versus* /vida/ e /parcialidade/ *versus* /totalidade/. Sendo assim, existe uma relação semântica de oposição entre os termos, estabelecendo ligações semióticas, como afirma Pietroforte (2008).

Essas relações de oposição têm como base os estudos greimasianos, no que “[...] diz respeito à distinção de oposição” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 400). Pois na vida, para compreender uma ideia, é necessário ter algo que seja oposto ao que se conhece e a partir dos termos opostos existe a complementação da ideia do todo. Como, por exemplo, para se compreender a morte é preciso se ter ideia do que é vida e, para se estar vivo não se pode morrer, e a vida podemos dizer que é a não morte e a morte é a não vida. Essas são as ideias de oposição e distinção que estuda a semiótica.

A sintaxe do nível fundamental, segundo os autores, abrange duas operações: a negação e a asserção. Contudo, é preciso que haja um encaminhamento, um direcionamento eficaz para que se possibilite a percepção dessas relações de oposição, pois esses elementos são essenciais para a narratividade, já que essas estruturas ajudam a perpassar por todos os níveis, desde o nível fundamental ao discursivo.

Os termos da oposição, ao tratar dos elementos semânticos no nível fundamental, são categorizados. “Os referentes positivos recebem a qualificação eufórica, enquanto os de valores negativos são tratados com a qualificação disfórica” (FIORIN, 2016, p. 15).

### 3.2 NÍVEL NARRATIVO

Um percurso narrativo é uma sequência hipotáxica “e programas”, simples ou complexos, ou seja, é um encadeamento lógico em que cada percurso narrativo é percorrido por outro (GREIMÁS; COURTÉS, 1989, p. 301). Neste percurso, o sujeito apresenta, narra a “história”, o texto, relaciona os sentidos desse texto de forma que haja relações significativas entre as ideias contidas na trama.

Neste nível do percurso, os sujeitos não negam ou afirmam o conteúdo, mas passam a assumir valores que circulam nas relações com outros sujeitos, busca-se assegurar a liberdade e não aceitar a dominação, uma vez que existem objetos de valor a serem alcançados pelos actantes, um sentimento de transformação por meio da ação do sujeito, “estados de liberdade ou de opressão” (BARROS, 2002, p. 15).

Sobre o percurso narrativo existe uma diferenciação entre os conceitos de narração e de narratividade, sendo esse segundo termo uma “[...] transformação entre dois estados sucessivos e diferentes”, mas, para Fiorin (2016, p. 27), para que esse processo ocorra, é necessário que haja uma narrativa mínima: “[...] um estado inicial, uma transformação e um estado final”, ou seja, deve ocorrer uma mudança de estado, uma passagem, uma superação de etapas.

Pensando no nosso cotidiano, podemos dizer que as mudanças podem ser positivas ou negativas e sempre visam chegar a um objetivo, elas transformam nosso viver. Assim é a vida, nascemos, enfrentamos vários desafios, mudamos ou não de comportamento, vencemos ou não na vida e, todos nós sabemos, chegaremos ao fim. Relacionando essas reflexões com o estudo da semiótica, notamos que existem duas concepções relacionadas ao estudo de narrativas e elas se complementam, a primeira seria a:

[...] “narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos.” e a outra é a “narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos” (BARROS, 2002, p. 20).

São esses olhares que devem ser despertados no leitor, não são apenas textos a serem lidos. Na verdade, essas narrativas revelam-se como espelho da sociedade e devem despertar a percepção do leitor no que diz respeito à condição de leitura e à apreensão dos sentidos presentes na narrativa. Bem como a análise dos sujeitos de forma individual, pois cada um reflete sua própria história, seus objetos de desejos (de valor), a sua busca, a performance até conquistar ou não o que desejam e assim notar a narrativa, e vê-la de forma mais profunda e

significativa, considerando cada palavra disposta na superfície textual e seus significados, tendo em vista que: “As estruturas narrativas simulam, por conseguinte, tanto a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos” (BARROS, 2002, p. 20).

Não podemos confundir sujeito com pessoa e objeto com coisa, uma vez que Fiorin (2016, p. 29) nos mostra a diferença de cada um deles ao afirmar que “[...] sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais”. Sendo assim, o percurso narrativo “[...] são unidades sintáticas simples, e os actantes sintáticos, (sujeitos de fazer ou estado, objeto)” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 300).

Podemos afirmar que o agir do sujeito e do destinador ocorrem de maneira diferente, uma vez que o sujeito transforma os estados: o fazer-ser, a ação do indivíduo sobre as coisas do mundo; “[...] o destinador modifica o sujeito, pela alteração de suas determinações semânticas e modais, e faz-fazer, representando, assim, a ação do homem sobre o homem” (BARROS, 2002, p. 30). Desta forma, notamos que os seres humanos representam papéis sociais, modificam o seu meio e agem sobre o outro.

A próxima etapa desse nível é a da manipulação, do *querer-fazer*, do *dever-fazer*, do *saber-fazer* e do *poder-fazer*. O propósito do destinador na manipulação é exercer a persuasão com a finalidade de convencer o destinatário a aceitá-lo. Já o destinatário pode decidir acreditar e aceitar o contrato ou recusar a proposta. “Uma tipologia bastante simples prevê quatro grandes classes de manipulação: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação” (BARROS, 2002, p. 31).

No nível narrativo, é constituída uma rede de encadeamentos lógicos que realizam relações entre o sujeito e seus objetos de valor. E é através de objetos de valor utilizados e incorporados pelos sujeitos que notamos que um objeto-concreto como uma casa pode representar um lar ou uma prisão, conforto ou apenas abrigo, visto que em cada narrativa os objetos de valor podem se manifestar de maneiras diferentes.

Todavia, para os sujeitos alcançarem o objeto de valor, é necessário que se realizem ligações entre o estado de junção das coisas, ou seja, que eles consigam ou não o que eles desejam, é o que chamamos de conjunção ou disjunção, de forma que se o sujeito narrativo não consegue atingir o seu objetivo, não conquistando seu objeto de valor, falamos que ele está em disjunção. Mas se ele consegue o seu objeto de valor no final do percurso narrativo, então, dizemos que ele está em conjunção.

### 3.3 NÍVEL DISCURSIVO

Neste nível encontramos as estruturas enunciativas. De modo que podemos observar as escolhas linguístico-discursivas feitas pelo sujeito da enunciação (narrador), onde o sujeito assume seus papéis na enunciação. Assim surgem alguns conceitos, o primeiro deles é a debreagem, nele nega-se um eu-aqui-agora, segundo Greimas e Courtés (1979, p. 95).

Na debreagem temos três formas de observar como funcionam as escolhas enunciativas, devemos considerar o sujeito, o espaço e o tempo. Assim sendo, temos a “debreagem actancial” que é observada a partir das escolhas que os sujeitos realizam ao referenciar as divisões entre a pessoa do discurso se em 1ª ou 3ª pessoa, projetando no enunciado “um não-eu”. Já na “[...] debreagem espacial existe uma oposição em relação a um espaço, lugar, um não-aqui. E na debreagem temporal continuamos observando um não-agora” (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 95).

Assim, é possível ilustrar essas ideias a partir do esquema a seguir:

Esquema 3 - Debreagens



8

Fonte: Greimas e Courtés (1979, p. 95).

Algumas vezes notamos o discurso persuasivo nos textos jornalísticos, nesse tipo de discurso o enunciadador busca fazer com que sua verdade seja aceita, mesmo que por traz dela tenha mentiras, seja um discurso “falso”, porém cria-se uma ilusão de verdade. Trazendo o foco narrativo para 3ª pessoa (não-eu = ele), o que provoca, por exemplo, no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, uma impressão de verdade irrefutável, pois há um afastamento do narrador em relação aos fatos.

<sup>8</sup> Fonte: Greimas e Courtés (1979, p. 95).

O discurso direto quando é utilizado nos textos nos dá mais ideia de verdade absoluta, pois não se trata do discurso que é contado por alguém, mas de algo mais próximo, que foi vivido pelo enunciador, e quando um enunciador narrador dá a voz a um actante ocorre a debreagem interna enunciativa, e esta se dá em 1ª pessoa.

Nesse contexto da produção de um texto nesses moldes, as narrativas relatam acontecimentos que se confundem com a realidade vivida pelos personagens em espaço e tempo. O que se relata ou se vive no texto passa a se tornar verídico para o leitor. No conto “Negrinha”, mesmo sendo narrado em 3ª pessoa, o narrador apresenta a fala da personagem em 1ª pessoa.

Ao tratar-se do terceiro nível, o “discursivo”, segundo Greimas e Courtés (1989), podemos afirmar que esse se refere às relações de significação do discurso na abordagem sintática e semântica. Esse é o nível que abrange o discurso e/ou as estruturas discursivas, nessa etapa “[...] a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação” Barros (2005, p. 13), os “actantes”. Segundo Greimas e Cortés (1979, p. 12), actante é “[...] aquele que realiza ou recebe o ato”, isto é, os actantes são “[...] os elementos que fazem parte do processo comunicativo, que de certa forma, participam de alguma maneira desse processo”, pois no nível discursivo,

[...] as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia (BARROS, 2002, p. 53).

Busca-se nesse nível a percepção dos papéis temáticos e os processos figurativos que ocorrem por traz das relações sociais, de forma figurada, ao passo que um mesmo sujeito pode representar vários papéis e pode ser representado como um herói, vilão ou oponente. No conto “Negrinha”, são notórios os processos de ancoragem espacial, quando autor diz que na cozinha da casa ocorriam os castigos, e de ancoragem temporal, pela indicação de que, na atualidade, a escravidão se configurar enquanto um passado triste a ser superado, mas que ainda deixa vestígios de preconceito e discriminação. Esses sinais ficam evidentes em algumas palavras do conto, tais como: “Negrinha” “Fusca”, “mulatinha escura” de “cabelos ruços”.

Sendo assim, é importante que o aluno leitor desenvolva a habilidade (EF69LP44PE) descrita nos documentos oficiais para que ele seja capaz de:

Inferir, em textos literários, a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo e produções literárias (tanto as consideradas clássicas quanto as marginalizadas), valorizando-as e reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, as sociedades e as culturas, sem perder de vista a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (PERNAMBUCO, 2010, p. 233).

O estudo da semiótica nos remete à tematização presente no conto de Lobato, visto que aborda a escravidão no Brasil e a figurativização da Negrinha que é a representação de toda geração negra daquela época, de seus sofrimentos e tratamentos desumanos. Por meio destes dois níveis podemos concretizar os sentidos presentes na narrativa. Segundo Fiorin (2002, p. 64) “Todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado.” Isso ocorre na dimensão pragmática, de carácter figurativo, obtido pelo procedimento de desembreagem enunciativa, de acordo com Greimas; Courtés (1989, p. 12).

Ainda de acordo com Barros (2002) podemos observar que no processo de figurativização, as

Figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial. Uma narrativa de busca do poder-ser e fazer pode tornar-se um discurso temático sobre a liberdade com algum recurso figurativo esporádico (BARROS, 2002, p. 69).

Notamos também que no nível narrativo ocorre o processo de manipulação. Esse se dá na dimensão cognitiva, quando o manipulador oferece um objeto de valor ao manipulado, e no discurso, na ocasião em que o sujeito é tentado ou desafiado a realizar algo por meio da intimidação ou da provocação. Como base em Barros (1999, p. 28-29), vejamos a tabela a seguir:

Quadro 2 - Percurso discursivo da manipulação

Percursos	Competência do Destinador-manipulador	Alteração na Competência do destinatário
Tentação	Poder (positivo)	Querer-fazer
Sedução	Saber (positivo)	Querer-fazer
Intimidação	Poder (negativo)	Dever-fazer <sup>9</sup>

Fonte: Barros (2005, p. 35).

<sup>9</sup> Fonte: Barros (2005, p. 35).

Temos a transformação que faz parte da segunda fase do percurso da narrativa, esse processo é caracterizado pela competência modal, sendo empregado nessa categoria segundo Greimas e Courtés (1979, p. 283) o dever-fazer e o querer-fazer trata-se da vontade, do desejo do sujeito, a idealização. O poder-fazer e o saber-fazer do desempenho do sujeito em atuação, na prática. E, o fazer e o ser da realização do ato. Esses elementos despertam a capacidade do agir do sujeito. Vejamos no quadro a seguir:

Quadro 3 – Modalidades discursivas

Modalidades		
Virtualizantes	Atualizantes	Realizantes
<i>Dever-fazer</i> <i>Querer-fazer</i>	<i>Poder-fazer</i> <i>Saber-fazer</i>	Fazer Ser
Instauração	Qualificação	Realização <sup>10</sup>

Fonte: Greimas e Courtés (1979, p. 283).

Os realizantes fazer ser, no âmbito da realização, fazem parte da terceira etapa, conhecida como sanção, que se realiza em primeiro momento por meio da evolução da performance e da finalização do percurso como uma recompensa por superação das etapas, ou como forma de punição, por não alcançar o objeto de valor. De acordo com Greimas e Cortés (1979, p. 390), eles acontecem em segundo momento “[...] pelo reconhecimento do herói com um valor positivo e de maneira negativa pela confusão do vilão”.

Dessa forma, percebemos que os textos sempre abordam um tema e que esse assunto se propaga do início ao fim da malha textual e é retomado em alguns parágrafos com o intuito de garantir a coerência textual. Para Barros (2002, p. 73), “a retomada da temática e a repetição das figuras no discurso são nomeadas como isotopia”. Essa relação busca assegurar, por meio da ideia de recorrência, da repetição de palavras sinônimas no decorrer do texto com a finalidade de garantir a produção do sentido em relação ao discurso e a sua coerência semântica.

Contudo, concluímos que o Percurso Gerativo da Significação não se trata de algo isolado, assim como tudo na vida, possui um início, um meio e um fim, podemos dizer que cada

<sup>10</sup> Fonte: Greimas e Courtés (1979, p. 283).

fase de análise desse Percurso é, uma junção de todos os níveis: narrativo, discursivo e nível fundamental.

De forma que é interessante analisar as narrativas observando o desenrolar da trajetória de cada sujeito, e também, perceber as ações de acordo com os pontos de vistas de cada um dos atores ao desempenhar seus papéis, ou seja, um ponto de vista visto a partir de vários pontos. Afim de compreender não apenas a parte, e, sim, o todo.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trazemos uma pesquisa bibliográfica e propositiva, com a criação de oficinas de leitura para realização de trabalhos com os estudantes sobre o gênero conto e os elementos do PGS, presentes nos contos lidos, bem como, a apresentação de alguns conceitos básicos semióticos. Dessa forma, visamos disponibilizar um material para fomentar o trabalho dos professores na formação do pensamento crítico e criativo, no processo leitor, e a proficiência na compreensão.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Desenvolvemos um trabalho de elaboração de duas oficinas de leitura voltadas para a didatização da teoria da semiótica francesa, vista como uma ferramenta metodológica de facilitação de uma compreensão textual mais abrangente por parte dos educandos. Temos por moldes da pesquisa proposições apresentadas por Gil (1999) e Thiollent (1986). Este produto educacional é destinado a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Objetivamos tornar os conceitos dessa teoria acessíveis ao ensino de leitura e compreensão textual com a finalidade de desenvolver competências previstas na BNCC, no intuito de desenvolver no aluno o pensamento crítico na compreensão da leitura.

### 4.2 UNIVERSO E *CORPUS* DE PESQUISA

Este material terá um caráter propositivo, com a criação de um material metodológico-didático a ser disponibilizado para alunos e professores das redes públicas e particulares de ensino e para quem tiver interesse sobre o assunto.

Neste instrumento educativo constam as análises de dois contos: “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Duas oficinas de leitura, baseadas em alguns conceitos semióticos, e link de jogos educativos, disponíveis no site [efuturo.com.br](http://efuturo.com.br) e nomeados como “Negrinha no percurso gerativo de sentidos” e “Pai contra mãe, que ficará com o filho?” Com os jogos tentamos despertar a ludicidade no estudo dos contos, não tornando a leitura cansativa para os alunos, buscamos a sensibilização do leitor, o que, segundo Fiorin e Platão (1999), “[...] não é um dom inato, mas que pode se desenvolver”.

Todavia, não basta apenas recomendar ao aluno que leia textos, muitas vezes é preciso mostrar-lhes para onde dirigir a atenção. Objetivamos com nosso investigar as possíveis

contribuições dos estudos semióticos greimasianos no percurso gerativo de sentidos na análise do gênero conto, com foco nos educandos, por meio de sua participação em oficinas de leitura envolvendo o estudo da semiótica.

Alguns conceitos sobre actantes, sujeito, objeto de valor, adjuvantes, oponentes e antissujeitos serão didatizados. Também temos por objetivo deixar notória a hierarquia entre os objetos. De modo que, ao tratar-se do programa narrativo, é necessário desenvolver a percepção no estudante de que nesse percurso a história é contada a partir da perspectiva de um sujeito, que na linguagem popular é um personagem, na semiótica um personagem pode representar mais de um sujeito (S1, S2).

#### 4.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO DE INTERVENÇÃO: “NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO

O conto “Negrinha”, escrito em 1920, de Monteiro Lobato, se passa na época em que a sociedade era escravocrata, mesmo com a abolição da escravatura, no Brasil, ainda eram cometidas injustiças sociais. Esse texto é uma crítica aos desmandos e atrocidades vivenciados pelos negros naquele período de escravidão.

##### 4.3.1 Resumo do conto “Negrinha”

Negrinha é uma criança negra, que ficou órfã aos sete anos de idade. Com a morte da mãe ela continuou sendo criada por sua patroa que adorava maltratá-la. Ela era uma menina magra, atrofiada e seus olhos refletiam o medo.

A menina era caracteriza como sendo fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. A criança era vítima de maus-tratos físicos e psicológicos infligidos por D. Inácia, a mulher que ficara responsável por ela. D. Inácia, uma mulher gorda, rica, dona do mundo, viúva sem filhos, era mimada pelos padres e sempre recebia a visita de um sacerdote em casa.

Porém, aquela senhora não gostava de ouvir o choro da menina, quando a criança chorava por frio ou fome, a mulher perdia a paciência e calava a boca da pequena. O prazer daquela mulher era apelidar, bater e castigar com beliscões, cascudos e croques a pequena inocente. Por vezes, deixava a jovenzinha no canto da casa. Contudo, a Negrinha se sentia feliz ao observar um relógio cuco marcar as horas. Como a pequena não podia nem brincar, tendo sempre que ficar em silêncio, ela se satisfazia apenas em ver aquele objeto sair de sua casinha e sinalizar o passar das horas.

Certo dia chegou à casa de D. Inácia uma escrava nova, que acabou implicando com Negrinha, roubando um pedaço de carne da pobrezinha, justo aquele pedaço que era para comer somente no final da refeição. Com isso, para se vingar, a pequena chamou palavrões que acarretaram em um motivo para sua patroa castigá-la pondo um ovo quente na sua boca. Já passado o sofrimento, no período de férias, as sobrinhas pequenas daquela senhora, que eram meninas lindas, loiras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas, vieram visitá-la. Quando Negrinha as viu logo quis brincar com elas, mas não pôde, foi repreendida por meio de beliscões.

Todavia, com a chegada da mala das garotinhas, a pequenina ficou admirada com o que havia lá dentro: um cavalinho de brinquedo, e ficou ainda mais impressionada com uma boneca, que por sinal, nunca tinha visto antes. Nesse instante ela acabou por esquecer todos os maus-tratos, esquecendo-se até da sua agressora. Surpreendentemente, aquela mulher teve um pouco de piedade da órfã e a deixou brincar no jardim com suas sobrinhas; nessa ocasião a garotinha se sentiu gente e percebeu que, como ser vivente, também tinha alma.

Mas quando as férias das sobrinhas da senhora terminaram, as meninas foram embora e levaram consigo aquela boneca loura, que despertou na pequena menina pobre a felicidade. Com a partida das meninas e da boneca, aquele ser desprotegido de amor e felicidade, assim como uma flor, foi murchando aos poucos, com a tristeza ela enfraqueceu, definhou, adoeceu, a febre veio e a levou, e ela foi brincar no céu, ao lado de sua mãe.

Depois de sua morte, a patroa sentia falta da menininha, pelo simples fato de não ter mais alguém para maltratar, uma vez que se divertia com as atrocidades que praticava contra a Negrinha.

#### **4.3.2 análises de “Negrinha” no plano narrativo**

Analisaremos a obra “Negrinha” em alguns aspectos da semiótica francesa, no Percorso Gerativo de Sentidos, quando a percepção do Plano narrativo ao tratar as estruturas narrativas tais como: objetos de valor e os programas narrativos de cada sujeito e seus elementos básicos: destinador, oponentes, adjuvantes e antissujeito. No Plano Discursivo e suas estruturas enunciativas e as escolhas linguístico-discursivas feitas pelo sujeito da enunciação (narrador), veremos um pouco da análise voltada à semântica discursiva, que envolve o que existe por trás do discurso e das palavras utilizadas para caracterizar cada sujeito. Veremos, ainda, quais elementos Estruturais Fundamentais estão presentes no conto em questão.

#### 4.3.2.1 Programa Narrativo

No nível das estruturas narrativas, podemos observar como agem os sujeitos semióticos para alcançar seus objetos de valor. Esse é o nível das Estruturas Narrativas (Narrativização). Vejamos a seguir alguns elementos que contribuem com o esquema de análise da estrutura actancial e que podem facilitar na compreensão no que se refere ao “enunciado do fazer em relação ao estado” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 388).

Assim temos:

$$PN = F [S1 (S2 \cap O)]$$

$$PN = F [S1 (S2 \cup O)]$$

Onde:

F = função

S1 = sujeito do fazer

S2 = sujeito do estado

O = objeto

[ ] = enunciado do fazer

( ) = enunciado do estado

→ = função fazer

$\cap \cup$  = junção (conjunção ou disjunção)

Apresentamos graficamente a ideia de Destinador (ao lado do Antidestinador: -Dor), este impulsiona o sujeito (ao lado do Antissujeito: -S) para conquistar seu Objeto tão desejado; o Adjuvante (Adj.) que auxilia, de forma física ou psicológica, com a finalidade de ajudar o sujeito a alcançar seu Objeto de valor, já aquele que tenta impedir ou prejudicar o sujeito é o Oponente (Op.).

#### 4.3.2.2 Programa Narrativo do S1

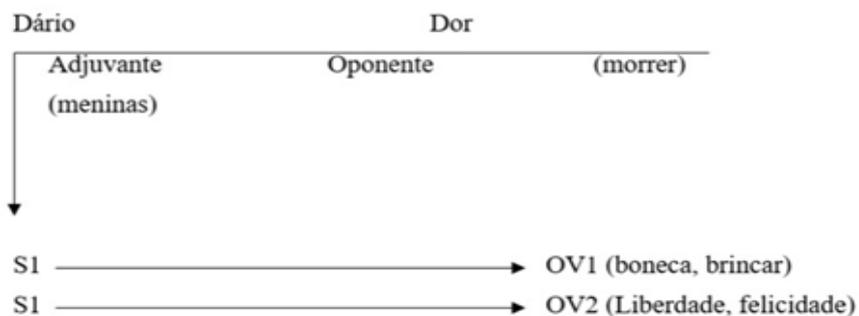
Constata-se a presença de cinco sujeitos semióticos. O sujeito 1 (S1) é figurativizado por Negrinha, uma órfã que representa todo o povo negro escravizado, que mesmo depois de algum tempo após a abolição da escravatura ainda sofre nas mãos de pessoas que sentiam prazer

em causar-lhes maus-tratos. Negrinha, ao conhecer duas meninas e uma boneca, acaba buscando seu objeto de valor: a felicidade, que no seu caso também era sinônimo de liberdade.

A pequena era muito judiada por D. Inácia, que sentia prazer em machucá-la. Certa vez as sobrinhas vieram passar as férias na casa daquela senhora, foi quando a pequena órfã se encontrou ao ver as meninas e os brinquedos que elas trouxeram consigo, “um cavalinho e uma boneca”. Negrinha ficou encantada, despertando um querer- brincar com elas, se deparando com o não poder, pois D. Inácia não quis permitir a aproximação da inocente com suas sobrinhas. As meninas surgem como suas adjuvantes, quando permitem à pequena pegar sua boneca e se divertir com elas. O clímax é quando a pequena criança percebe que sua patroa está a olhá-la. Já que na primeira aproximação com as outras pequenas, Negrinha foi agredida. Mas a malvada, dessa vez, a deixou ser livre e sentir a felicidade contida na liberdade.

Logo, temos o seguinte esquema narrativo para o S1:

Esquema 4 – Sujeito 1



No início de seu programa narrativo, o S1 está em disjunção com o OV1, tendo em vista que Negrinha não conhece a liberdade, pois não pode brincar, não pode circular pela casa e nem pelo jardim. Com a chegada das sobrinhas de D. Inácia ela conhece um objeto que lhe proporciona felicidade, mas a princípio não tem a liberdade de brincar, não concretizando o ato para desfrutar de momentos felizes. Por alguns instantes ela conhece a felicidade por meio da liberdade de brincar com os brinquedos e com as meninas que visitavam a casa. Todavia, esses momentos acabam com a partida das crianças. Então Negrinha entra em disjunção com seu objeto de valor e encontra a conjunção em seus últimos momentos de vida em meio a delírios ao lembrar do passado em que lhe trouxe a liberdade para ser feliz. De forma que, no final do percurso, ao morrer ela entra em conjunção, deixando de ser escrava de D. Inácia e conseguindo sua liberdade, mesmo que com a morte.

Logo, temos o seguinte esquema narrativo:

$$PN = F[S1 \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2) \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2)]$$

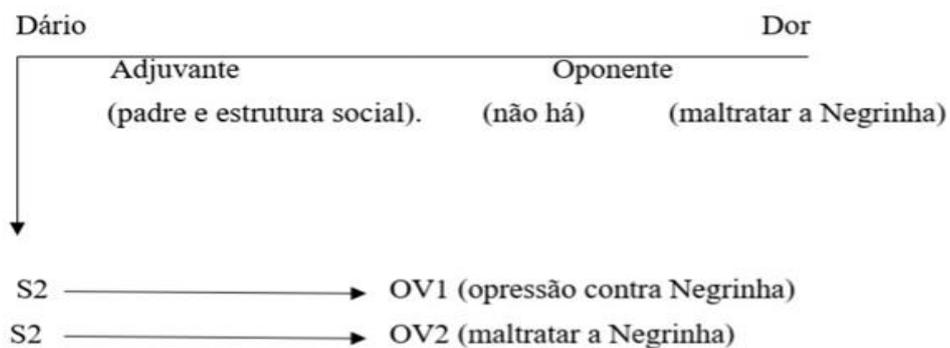
Conclui-se que o S1 alterna entre momentos de disjunção e conjunção, começa seu Programa Narrativo em disjunção, tem acesso a seu objeto de valor, depois o perde e termina em conjunção com seu OV1 (liberdade).

#### 4.3.2.3 Programa Narrativo do S2

S2, figurativizado por D. Inácia, é modalizado por um sujeito de um *querer-fazer-ser* (exercer a opressão e judiar dos negros) e de um *poder-fazer* (maltratar a Negrinha). Esse sujeito possui como objeto de valor “opressão” e, conseqüentemente, exerce sua crueldade. O S2 tem como seu destinador “Querer oprimir” e, como adjuvante surge a “o padre e a estrutura social escravocrata da época”. A senhora não tem oponente no Programa Narrativo (PN). E o S2 começa seu Programa Narrativo em conjunção, mas termina em disjunção com seu OV1 (judiar dos negros).

Então, temos:

Esquema 5 – Sujeito 2



Sendo assim:

$$PN = F[S2 \rightarrow (S1 \cup OV2) \rightarrow (S1 \cap OV2)]..$$

Conclui-se que o S2 começa seu Programa Narrativo em conjunção, mas termina em disjunção com seu OV1 (jugar dos negros).

#### 4.3.2.4 Programa Narrativo do S3

O S3 é a criada nova, a qual tem como destinador “querer se vingar”, pois quando ela tomou um pedaço de carne que a negrinha havia deixado para comer depois, a menina a chamou de palavrões, então o que a deixaria mais feliz nesse momento, despertando seu objeto de valor é “Entregar a sua oponente” para D. Inácia para poder vingar-se. Sendo assim, veremos o programa narrativo de S3:

Poderíamos representar seu programa narrativo da seguinte forma:

Esquema 6 – Sujeito 3



Logo, o S3 termina seu programa narrativo em conjunção com o OV2:

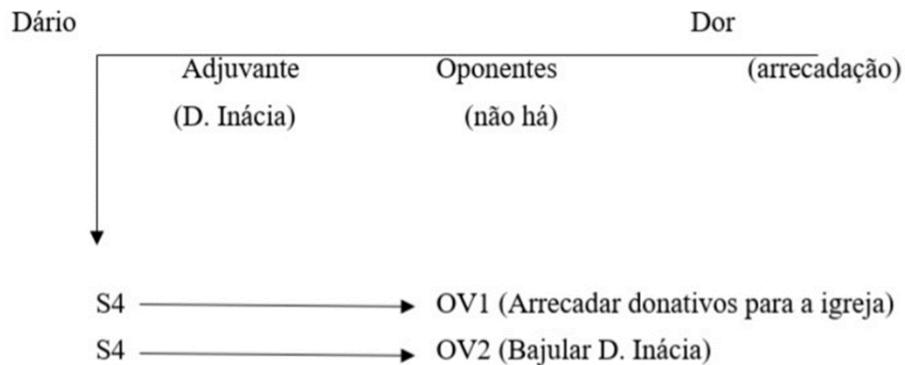
$$PN=F [S3 \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2)]$$

Conclui-se que o S3, a criada nova, começa seu Programa Narrativo em disjunção, mas termina em conjunção com seu OV1 (Vingança), quando consegue que sua patroa coloque um ovo quente na boca de Negrinha.

#### 4.3.2.5 Programa Narrativo do S4

Quanto ao padre, seu objeto de valor é arrecadar donativos para a igreja, para conseguir ele precisa bajular D. Inácia, ele não se importa com a situação vivida por Negrinha. Isso se justifica pelo fato de ele ser destinado por um querer-recolher-donativos e precisar da contribuição da mulher para que isso ocorra. Contudo, o sacerdote não se compadece da pobre órfã que mora na casa com aquela senhora e que sofre maus-tratos. Pois seu intuito em ir àquele lugar é apenas por motivação financeira e não existe oponente ou algo que o atrapalhe de realizar o que ele é destinado a fazer, uma vez que ninguém disputa o mesmo objeto de valor com ele, não há (antissujeito). Sendo assim, conclui-se que o S4 começa seu Programa Narrativo em conjunção e termina em conjunção com seu OV1 (arrecadar donativos).

Esquema 7 – Sujeito 4



Por isso, tem-se em relação ao OV1:

PN=F [S4→(S1UOV2)→(S1UOV2)]

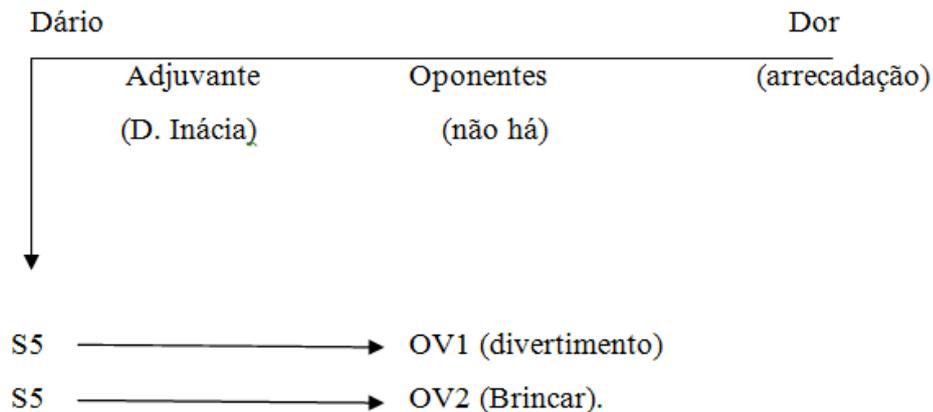
#### 4.3.2.6 Programa Narrativo do S5

Quanto às meninas, são destinadas a um querer divertir-se para isso elas precisam ir visitar sua tia nas férias, mas elas contam também com seus brinquedos, de tal forma que os levam junto com elas para casa da tia. Ao chegar à casa de D. Inácia não há nada que as impeçam de brincar e se divertir. Contudo, no primeiro momento, ao verem a negrinha elas sentem a necessidade de interagir com a pequena, porém sua tia não permite que isso aconteça. No início aquela senhora foi um oponente para as suas sobrinhas. Todavia, ao ver que a negrinha se

aproximou e que as crianças estavam se divertindo, ela não mais se opôs. No entanto, quando as férias acabaram, as sobrinhas de D. Inácia tiveram que ir embora.

Sendo assim, podemos dizer que S5 começou a narrativa em disjunção, entrou em alguns momentos em conjunção, mas acabou a narrativa em disjunção, pois teriam que esperar mais um tempo para voltar para casa da sua parenta.

Esquema 8 – Sujeito 5



Por isso, tem-se em relação ao OV1:

$$PN=F[S5 \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2) \rightarrow (S1 \cap OV2)]$$

Conclui-se que o S5 começa seu Programa Narrativo em disjunção, houve momentos em conjunção, mas termina em disjunção com seu OV1 (divertir-se).

### 4.3.3 Plano discursivo

O momento histórico no qual se passa a narrativa é o período de quase três décadas após a escravidão e este lugar, mesmo que delimitado, representava as casas dos senhores e sinhas donos de escravos da época, ou seja, existem fatos históricos.

O ambiente em que se passa a narrativa é o da casa de uma mulher escravocrata, gorda, rica, dona do mundo, viúva e sem filhos, que possui algumas escravas e que, adotando uma órfã, sentia-se uma pessoa caridosa.

Os castigos aconteciam na cozinha da casa e na sala, próximo à parede que a garotinha ficava vendo as horas passarem, observando um relógio cuco aparecer. A cena do relógio

acompanha Negrinha até no seu último momento de vida: “longe”, o cuco pela “última vez” lhe apareceu, de boca aberta. Já no quintal da casa, a menina conheceu a felicidade quando pode finalmente correr para lá com as duas sobrinhas de D. Inácia.

#### **4.3.4 Análises da semântica discursiva de “Negrinha”**

O primeiro tema discursivizado no conto “Negrinha” é sobre o preconceito racial e a desigualdade social. Notamos a figura de uma menina negra, sem nome, órfã e pobre que nunca havia visto brinquedos e não tinha tido uma boneca, que é um símbolo da maternidade e preparação da menina para a fase da vida adulta, como mãe e mulher.

O racismo é evidenciado no texto quando D. Inácia não quer permitir que Negrinha brinque com suas sobrinhas, fazendo uma separação, distinção entre elas. Esse assunto é tratado explicitamente no conto, pois fez parte da formação do contexto histórico do povo brasileiro. Podemos analisar nesse nível que é o mais superficial do percurso Gerativo a partir de algumas palavras presentes na narrativa que remetem ao tratamento dado à caracterização dos sujeitos.

Notamos no texto palavras e expressões sinônimas que se referem ao período da escravidão no Brasil, e que até hoje são carregadas de preconceito tais como: “Negrinha” “Fusca”, “mulatinha escura” e “cabelos ruços”, foi desse modo que a pequena órfã foi caracterizada no conto.

A menina era chamada de Negrinha, não tinha nome, era apenas mais uma em meio a tantas, seu corpo era tatuado de sinais “roxos”, “cicatrizes” e “vergões”. Esses substantivos retratam a imagem que o leitor pode criar a respeito das marcas das agressões e seu sofrimento. Recebeu muitos apelidos de sua patroa e no fim, o texto traz a expressão “carnezinha de terceira”, quando trata da sua morte. Apresenta uma gradação com verbos dando noção de tempo até seu último suspiro: “Enfraqueceu, definhou e morreu”.

Já D. Inácia é uma senhora gorda, rica, dona do mundo, viúva sem filhos, que para a época ocupava um papel de destaque na sociedade, uma vez que representava as sinhás donas de escravos daquela época. Ela sempre recebia a visita do padre que a bajulava com o objetivo de arrecadar fundos para a igreja. Podemos falar também da escrava “nova”, que era chamada dessa forma apenas por ser recém-chegada à casa, informação que não tinha relação com sua idade.

As sobrinhas de D. Inácia eram pequenas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Ou seja, eram consideradas como padrão de beleza para época,

por serem brancas, criadas e educadas da melhor forma possível, pertenciam a uma alta classe social, eram representantes do povo branco que oprimia os negros, todos aqueles que nasceram como Negrinha.

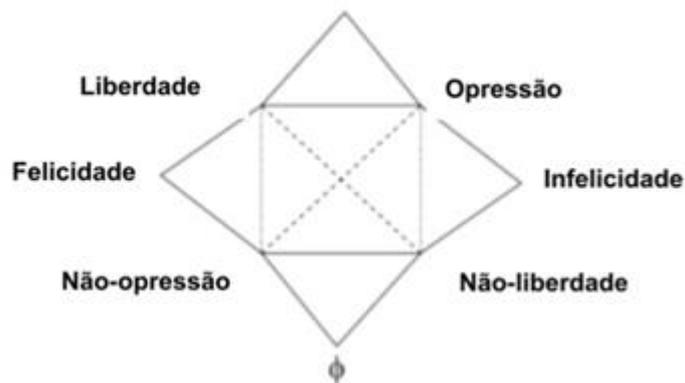
#### 4.3.5 Estruturas fundamentais

Podemos afirmar que no nível das estruturas fundamentais ocorre a apreensão do sentido básico do texto, sendo determinado pela oposição semântica mínima, por exemplo, felicidade e infelicidade, verdade e mentira, no que diz respeito à análise do texto.

Nesse percurso ocorrem as oposições no nível da semântica profunda, um conflito dialético que surge entre os termos em oposição, estabelecendo um percurso de um ao outro, de maneira que a liberdade pode tornar-se opressão ou o infeliz pode adquirir a felicidade. Que de acordo com Greimas (1977, p. 183), “[...] a competência do sujeito (= qualificação) pode ser adquirida apenas com a ajuda de um desempenho simulado (...) que é realizado com a finalidade de aparentar ser verdadeiro, todavia não o é (em realidade)”.

Vejam a figura 1, com a análise no conto Negrinha

Figura 1 - Espetáculo Semiótico 1 - Negrinha

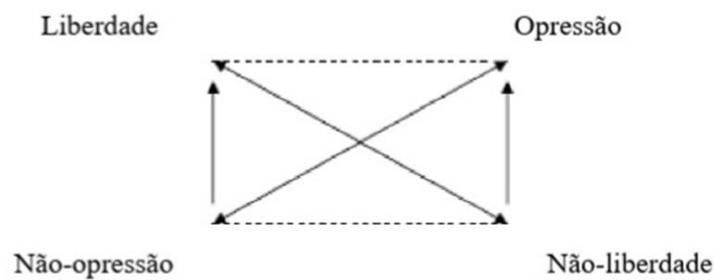


No conto “Negrinha” existe uma oposição semântica básica entre LIBERDADE x OPRESSÃO, estabelecendo-se durante a narrativa um percurso em que o narrador está em terceira pessoa, a voz da primeira pessoa “D. Inácia” é predominante, Negrinha não fala, não tem voz no conto, mesmo que o título da narrativa se refira a ela, a menina não possui nome. E a única vez que o narrador se refere a sua fala é quando ela diz um palavrão e por esse motivo é castigada com crueldade.

Podemos, ainda, trazer a representação do quadrado semiótico como um meio para compreender a lógica opositiva das palavras e suas significações, de como podemos observar as oposições e como elas se complementam na estrutura elementar por um modelo lógico que recebe o nome de quadrado semiótico.

Vejamos o modelo de representação a seguir:

Figura 2 - Quadrado Semiótico-1, Negrinha



A liberdade e a opressão inserem-se no eixo da contrariedade, de forma que a primeira tem valor tímico positivo e a segunda é timidamente negativa. Liberdade e não opressão, e opressão e não opressão inserem-se no eixo na contradição; enquanto liberdade e não opressão estão no eixo da complementaridade.

## 5 PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS

O conto de Machado de Assis nos remete para um passado que faz parte da nossa história e que se faz presente a cada ato de discriminação e preconceito, seja vivido ou presenciado contra afrodescendentes. Situações que por sua vez, trazem vestígios desse período histórico. A narrativa evidencia fatos ocorridos no passado como forma de denúncia social a respeito do tratamento dado aos negros no Brasil, principalmente como eram tratadas as mulheres negras, que muitas vezes, não tinham o direito a maternidade.

### 5.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*: PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS

O conto “Pai contra mãe” foi publicado em 1906 e faz parte do livro *Relíquias da casa Velha*, escrito por Machado de Assis em sua fase realista. A história se passa no Rio de Janeiro e retrata um pouco do período de escravidão no Brasil, do sofrimento do povo negro que, mesmo em momentos que deveriam ser livres, eram perseguidos e caçados como animais. Embora esse texto tenha sido escrito após um período de grandes desigualdades sociais e desrespeito à condição humana, pelo simples fato de alguém nascer com a cor de pele e estereótipos diferentes do povo dominante, mesmo já em um cenário de pós-abolição da escravatura, em que aparentemente alguns direitos básicos estavam sendo conquistados como, por exemplo, o direito a liberdade, mas que ainda revestida de medos e preconceitos, o escritor retrata a temática que nos inquieta até os dias atuais.

O texto está organizado em três momentos. No início, o narrador nos traz uma contextualização de algumas práticas escravocratas cometidas contra os negros no Brasil; o que acontecia com aqueles que bebiam, roubavam ou fugiam, e quais os instrumentos/objetos que eram utilizados para castigá-los. O autor aborda como os donos faziam para recuperar os escravos fugitivos, dando pistas do ofício que algumas pessoas exerciam naquela época. Esta era a forma que muitos homens desempregos encontravam oportunidade de ganhar dinheiro, trabalhando como capitães do mato.

No segundo momento, aparece Cândido Neves, um homem que procura vários empregos para poder viver e ter estabilidade financeira, contudo não consegue permanecer em nenhum. Ele acabou se apaixonando por Clara, uma mulher de 22 anos, órfã, costureira, que morava como sua tia Mônica. Os dois se casam e desejam ter um filho, porém não têm

condições financeiras para criar a criança. Mesmo assim a jovem engravidou e os dois sonharam juntos com a vinda do bebê.

O pai trabalhava muito, mas acabou perdendo o emprego e teve que exercer o ofício de capturar escravos. Todavia, nem assim tinha condições para ficar com o recém-nascido. A tia de sua mulher sugeriu que ele teria que levá-lo para a roda dos enjeitados. Mas nem tudo estava perdido, ele reviu alguns anúncios sobre os escravos fugidos e encontrou uma nota com uma recompensa muito boa, a de uma mulata fugida.

No terceiro momento, o narrador retoma a questão de algumas práticas cometidas na escravidão, como a captura dos negros fugidos, e é assim que surge Arminda, escrava fugida. Ela estava grávida e tinha medo de voltar para seu proprietário, pois sabia que iria ser castigada, e, se isso ocorresse, ela perderia seu filho.

Contudo, capturar Arminda era a solução para aquele pai. No caminho que o separaria para sempre da presença daquele inocente, pois ia entregá-lo na roda dos enjeitados, Cândido Neves deparou-se com a negra fugida. Entregou seu filho para um farmacêutico e acabou capturando aquela mulher e a levou para seu dono. Com toda aquela situação, a escrava acabou abortando e, Cândido, com o que ganhou, pode levar para casa a criança que tanto amava. Ele abençoou a fuga daquela mãe que acabara abortando e acrescentou que nem todas as crianças vingam.

Então, podemos dizer que esse conto machadiano retrata os horrores que ocorriam em um momento desumano da sociedade brasileira, momentos em que a opressão contra os que eram vítimas dos seus próprios destinos sendo mostrados em cenas rotineiras e aceitáveis para aquele período da história, no qual as diferenças separavam as pessoas, e homens, mulheres e crianças eram comercializados como animais e/ou objetos, mesmo após a abolição da escravatura. Embora já estivesse em um novo cenário da história do Brasil, mas ainda cercado de preconceito, Machado de Assis nos traz esse tema como forma de denúncia do tratamento recebido pelo povo afrodescendente, retratando um contexto histórico que devemos levar para nossas escolas tendo por finalidade combater o preconceito racial. É possível, também, analisar cada sujeito e seu papel na análise semiótica para compreendermos o gênero textual de forma global.

### **5.1.1 Análises de “Pai contra Mãe”**

Analisamos a obra “Pai contra mãe” nos três planos do percurso gerativo de sentidos. A cada nível percorrido durante o processo de leitura há a possibilidade de ampliação da apreensão

dos sentidos do texto, pois são analisados os sujeitos da narrativa, as escolhas lexicais feitas pelo sujeito da enunciação e os papéis desempenhados pelos atores que fazem parte da narrativa. Notamos no conto pai contra mãe a temática da escravidão e a figura do povo negro. E, assim podemos abordar as questões históricas e raciais em sala de aula.

É relevante trazer essa temática para Escola, pois é um ambiente propício para formação não só de leitores, mas também, de cidadãos conscientes dos fatos históricos que fizeram parte da formação do povo brasileiro e, que cada um possa respeitar as diferenças e reconhecer o papel do negro no processo de desenvolvimento do nosso país. Bem como, as lutas enfrentadas pelos negros para conquistar a liberdade tão sonhada, depois de tantas vidas perdidas, seja na vinda para o Brasil, ou mesmo ceifadas no período de escravidão.

### 5.1.2 Plano Narrativo

No plano narrativo, observa-se a percepção de seis sujeitos semióticos. O S1 é figurativizado por Cândido Neves, homem trabalhador que busca vários meios para ganhar dinheiro e que sonha em constituir família. Ele se apaixona por Clara, uma moça pobre órfã, criada pela tia Mônica, uma senhora costureira que ensina seus dons também para sua sobrinha e a trata como se fosse sua filha.

Já Arminda surge na história figuratizando todo um povo oprimido e escravizado, cujo destino era traçado a partir do nascimento. Seja por questões étnicas, por seu estereótipo ou pelo fato de ter vindo ao mundo em um período que os seres humanos eram tratados como animais, comprados e vendidos como objetos, vistos apenas como ferramenta de trabalho escravo, não apenas do Brasil, mas em diversas partes do mundo. Arminda representa as pessoas que lutavam pela liberdade e pelo direito a uma vida digna na condição de ser humano.

O S5 é o dono de Arminda, um homem cruel que oferecera uma valiosa recompensa por sua captura. Neste contexto, as vidas dos sujeitos acabam se cruzando, pois Cândido Neves, sem dinheiro para criar seu filho tão desejado, resolve se dedicar à captura de escravos fugidos e encontra a solução do seu problema, devolver a escrava para seu proprietário e receber a recompensa.

Então, no caminho da roda dos enfeitados, próximo de uma farmácia, avistou Arminda, deixou o bebê com um farmacêutico, que já havia lhe dito ter visto aquela senhora por ali antes, dando pistas de como encontrá-la. Cândido acabou capturando a pobre fugitiva, mesmo ela alegando está grávida e enfatizar que ao levá-la para seu dono seria o mesmo que matar o filho

que guarda no ventre. Mas, foi o que aquele pai fez: uma troca da vida ao lado do seu filho pela vida daquela criança que ainda se gerava no ventre da mãe, mas já tão amado por aquela mulher. Ao ser devolvida para seu dono, Arminda acabou indo para o tronco, o seu senhor foi impiedoso com ela e levou mais um filho da terra, mais uma vítima da crueldade dos seres humanos perante aos semelhantes.

### 5.1.3 Análise de “Pai contra Mãe” no Plano Narrativo

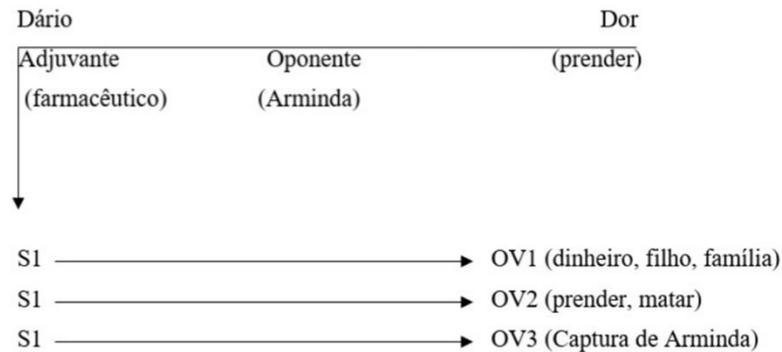
Todos os seres humanos passam por inúmeras etapas no decorrer de suas vidas, são lutas que precisam ser travadas para conquistar algo que se deseja, desde o ventre de uma mãe até o final da vida. Quando criança, o homem já desperta um querer motivado por diversas situações durante a sua breve existência, a partir dos seus desejos e motivações ele tem que fazer algo para conseguir conquistar o que quer. E, essas situações o acompanham em várias fases de sua permanência nesse mundo.

Vejamos os programas narrativos dos sujeitos presentes no conto Pai contra mãe:

#### 5.1.3.1 Programa Narrativo do S1

O sujeito S1, figuratizado por Cândido Neves, representa um jovem sonhador, é a realidade de muitas pessoas batalhadoras que buscam de *um dever-fazer* (ter um trabalho para manter a casa e formar uma família). Depois de muito trabalho, em vários lugares, nosso sujeito semiótico entra em conjunção com a felicidade ao casar-se com uma jovem, mas o seu objeto de valor é ter um filho e criá-lo e, para que isso aconteça, ele precisa ter dinheiro para manter a criança ao seu lado. Mas Cândido não tem um trabalho que possa ajudá-lo, apenas procura a oportunidade de ganhar dinheiro recuperando escravos fugidos, então, ele começa a ler anúncios de jornais e encontra um que lhe chama muita atenção. Ele se depara com sua oponente, Arminda, perto de uma farmácia e pede para o farmacêutico, que já havia lhe contado ter visto aquela mulher antes por ali, tornando-se seu ajudador, para ele ficar com seu filho. Ao encontrar a escrava fugida, ela confessa que espera um filho e quer a liberdade para poder ficar com a criança. Cândido, por sua vez, quer prendê-la para ganhar a recompensa (o dinheiro).

Esquema 9 - Programa narrativo para o S1(Cândido Neves)



No início de seu programa narrativo, o S1 está em disjunção com o OV1, depois conseguiu casar e, assim, entrou em conjunção, mas por falta de dinheiro o sonho em ser pai entrou em disjunção, pois para ter uma família completa ainda faltava uma criança. E, para conseguir seu objeto de valor, precisava tirar a liberdade de Arminda, isso garantiria o dinheiro necessário para ficar com seu filho. Dessa forma, com o encadeamento das ações, o objetivo foi alcançado, terminando seu percurso em conjunção com seu objeto de valor.

Logo, temos o seguinte esquema narrativo:

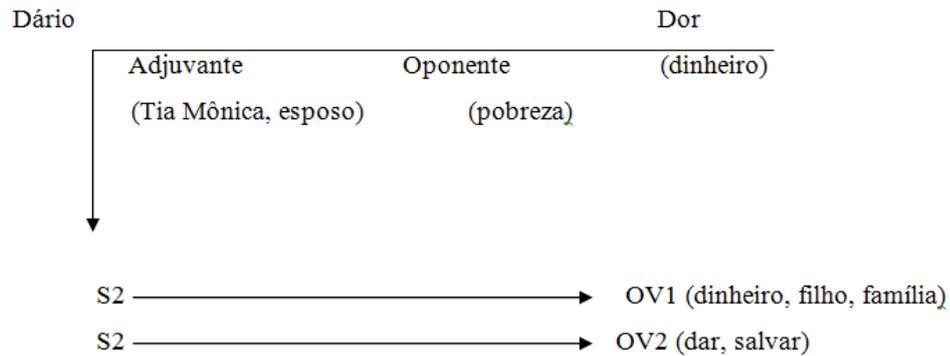
$$PN = F[S1 \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2) \rightarrow (S1 \cap OV2) \rightarrow (S1 \cup OV2)]$$

Conclui-se que o S1 começa seu Programa Narrativo em disjunção e passa à conjunção, depois à disjunção de novo, e depois, por último, à conjunção com seu OV1 (família).

### 5.1.3.2 Programa Narrativo do S2

O Sujeito 2 é discursivizado por Clara, a mulher por quem Cândido Neves se apaixona e sonha em casar-se e ter filhos para, assim, formar sua própria família. Ela é uma jovem órfã que buscou um casamento para ser feliz. Ajuda sua tia e seu esposo, mas mesmo como ajudadora nos afazeres domésticos e serviços de costura, que aprendeu com a tia, ainda não consegue dinheiro suficiente. Todavia, ela se torna impotente diante dos fatos, consegue gerar e ter o filho nos braços, mas acaba escolhendo abrir mão do seu pequeno por não ter condições de criá-lo. Deixa a responsabilidade e a decisão sobre o ombro do pai.

## Esquema 10 – Programa narrativo para o S2 (Clara)



S2 tem como motivação, ou seja, como seu destinador, o “dinheiro” para só assim ser feliz e ficar com o filho, ela tenta, mas não consegue. Então ela se obriga a dar a criança para salvá-la da morte por conta da fome, pois seu maior oponente é a pobreza. No entanto, quando seu marido consegue o dinheiro e volta para casa, ela se enche de felicidade mesmo quando o ele a conforta dizendo que nem todas as crianças vingam.

Logo, temos o seguinte esquema narrativo:

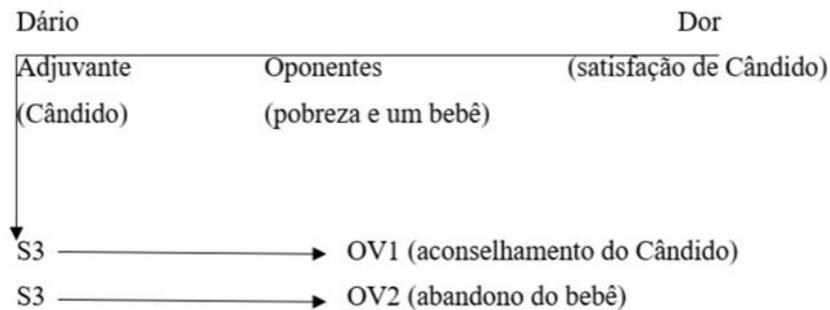
$$PN = F[S2 \rightarrow (S2 \cap OV1) \rightarrow (S2 \cup OV2) \rightarrow (S2 \cup OV1)]$$

$$PN = F[S2 \rightarrow (S2 \cap OV1) \rightarrow (S2 \cup OV1)]$$

## 5.1.3.3 Programa Narrativo do S3

Mônica é o sujeito discursivizado que, mesmo sendo tia de Clara, cumpre um papel de mãe da moça e de sogra de Cândido, tem como destinador “acolher e aconselhar o jovem casal”, por isso, ela os ajuda e até sugeriu que quando o filho dos jovens nascesse eles colocassem-no na roda dos enjeitados, uma vez que não tinham condições para criar aquele bebê. Como o casal morava com ela, e ambos não possuíam recursos financeiros suficientes, aquela criança seria mais uma boca para sustentar. Sendo assim, pode dizer que S3 é um sujeito modalizado por um dever-fazer (convencer) e por um dever-fazer-fazer (abandonar o filho na roda dos enjeitados). Essa foi a solução encontrada para solucionar o problema. Mas quando Cândido conseguiu o dinheiro com a captura de uma escrava e trouxe o recém-nascido para casa ela se alegrou, mesmo não acontecendo o que se esperava.

Esquema 11 – Programa narrativo para o S3 (Mônica)



Logo, o S3 termina seu programa narrativo em disjunção com o OV2:

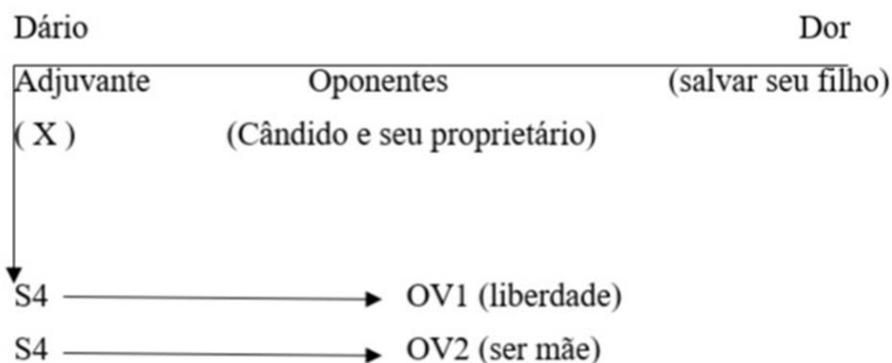
$$PN=F[S3\rightarrow(S3\cup OV2)]$$

#### 5.1.3.4 Programa Narrativo do S4

Arminda era uma pobre negra que se torna um sujeito modalizado por um dever-fazer (fugir para salvar seu filho), escapando da fúria do seu dono. Ela é impulsionada (destinador) pelo sonho de liberdade para ter o privilégio de ser mãe e carregar seu filho nos braços. Neste PN, Arminda, para ser livre e continuar gerando a vida do seu filho, tem Cândido como seu oponente e não possui adjuvantes. Seus objetos de valor neste PN são: querer ser livre e ter seu filho.

Então, temos o seguinte esquema da relação de S4 com o OV1 e OV2.

Esquema 12 – Programa narrativo para o S4 (Arminda)



No início do PN, S4 está em situação conjunta de seus dois objetos de valor, pois estava livre e cuidando de manter sua gestação longe dos olhos do seu malfeitor. Mas a partir do

momento que foi capturada, Arminda entrou em disjunção com a liberdade e seu filho. Acabou perdendo os dois.

Logo o S4 termina seu programa narrativo em disjunção com o OV1 e OV2:

$$PN=F[S4\rightarrow(S4\cap OV1)\rightarrow(S4\cap OV2)]$$

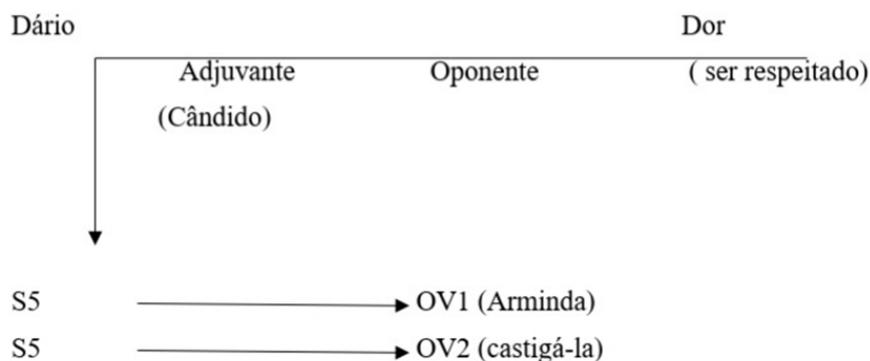
### 5.1.3.5 Programa Narrativo do S5

Proprietário de Arminda, S5 é motivado pelo desejo de recuperar sua escrava. Ele tem o prazer pela dor do outro, é modalizado por um sujeito de um querer-fazer-ser (respeitado), pois gostava de castigar os fugitivos e, para isso, pagava uma boa recompensa para os capitães do mato.

No início do PN, S5 está em situação disjunta com seu objeto de valor que é (oprimir) Arminda. Mas a partir do momento que ela foi capturada e devolvida para ele, logo entrou em conjunção com seu objeto de valor. Seu adjuvante foi Cândido Neves.

Então, constrói-se o seguinte esquema da relação de S5 com o OV1.

Esquema 13 – Programa narrativo para o S5 (Proprietário de Arminda)



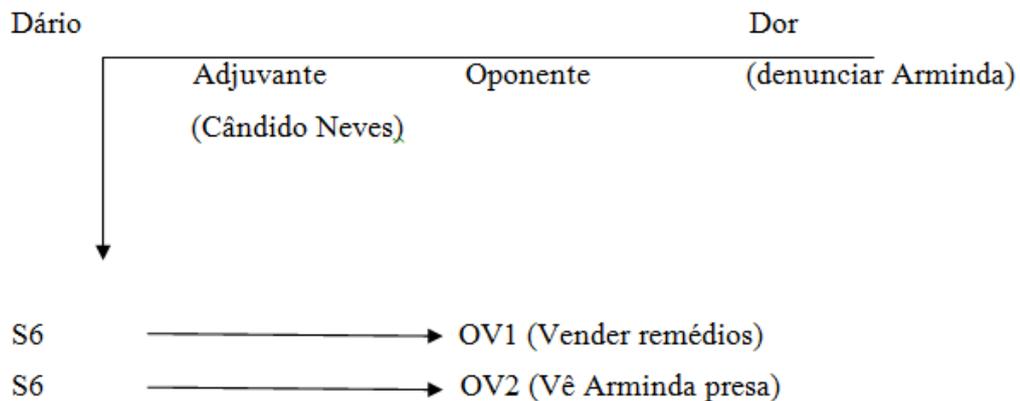
Sendo assim:

$$PN=F[S5\rightarrow(S5\cap OV1)\rightarrow(S5\cup OV1)\rightarrow(S5\cup OV2)]$$

### 5.1.3.6 Programa Narrativo do S6

O S6, o farmacêutico, é o ajudador de Cândido, pois dá pistas da escrava fugida e cuida do filho enquanto o pai saiu para prender a pobre mãe e conduzi-la até a tortura. Ele tem o objetivo de vender remédios, mas acaba também ajudando a encontrar Arminda.

Esquema 14 – Programa narrativo para o S6 (farmacêutico)



O farmacêutico ajuda a Cândido Neves facilitando a captura da pobre escrava fugida, ele também representa uma sociedade que naquela época, ainda perseguia e discriminava o povo negro, fazendo distinção entre as pessoas. Pois ele já a observava circulando pela rua perto da farmácia e resolveu entregá-la à um capitão do mato para tirá-la das redondezas de seu estabelecimento comercial, pouco se importando com o mal e a dor que isso causaria aquela escrava.

### 5.1.3.7 Plano Discursivo

Em relação ao plano do discurso, a narrativa se passa no período em que a escravidão fazia parte da realidade da sociedade da época, de modo que capturar negros fugidos para receber dinheiro em troca era o que muitas pessoas faziam para poder sustentar suas famílias sem se importar com as consequências causadas para a vida daqueles que lutavam pela liberdade.

Estão presentes no texto os Modalizadores temporais no pretérito imperfeito: 1- “Contava trinta anos”, “Clara tinha vinte e dois”. No pretérito perfeito: 2- “Tal foi a página inicial daquele livro”; 3- “Não houve mais que espreitar a aurora”. Advérbios e locuções

adverbiais: 4- “O casamento fez-se onze meses depois”; 5- “Oitavo mês, mês de angústias e necessidades”.

Alguns substantivos estão relacionados a um determinado período na história. Tais como: 1- “emprego”, “ofício”, “ocupação”; 2- “um baile”, “cousa”, “vintém”, “senhorio”, “regalo”; 3- “varão ou fêmea”.

A voz do narrador dialoga com o leitor quando ele diz que em certas partes da narrativa ele dispensa a narração, principalmente, das dificuldades enfrentadas pela família de Cândido Neves, no nono mês de gravidez da sua mulher, quando ele diz que os efeitos da miséria vivida por eles não podiam ser mais amargos.

Ao retratar o espaço temos os substantivos: 1- “Roda dos enjeitados”; 2- “Alcova”, “apartamento”, “quartos baixos da casa”, “albergue”; 3- “Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda”.

#### **5.1.4 Análise da Semântica Discursiva de “Pai contra Mãe”**

O tema discursivizado no conto “Pai contra mãe” é sobre questões raciais e desigualdade social. Notamos a figura de uma mulher negra, uma escrava fugida que estava se escondendo do seu dono para poder gerar um filho e ser mãe, pois sabia que se voltasse para o dono colocaria a vida do filho em risco. Ela representa todas as mulheres negras que viveram naquele período e passaram por situações análogas a essa. Muitas vezes, apenas geravam as crianças, mas não eram donas nem do próprio corpo.

Vemos também a divisão de classes e a segregação no tratamento que ela recebeu, seria apenas mais uma escrava e seu filho foi apenas mais um que não vingou, da mesma maneira que ocorria com incontáveis filhos de escravas. Analisamos também algumas palavras vistas no conto que fazem referência ao tratamento que indica a caracterização dos sujeitos, como por exemplo: “mulata fugida”, “mulata fujona”. E, com relação a Cândido Neves, temos “Por suas mãos robustas”.

Notamos a pouca sensibilidade no tratamento dado à mulher negra nessa época. E isso foi explicitado quando Arminda revelou que estava grávida, mas mesmo assim foi devolvida para o seu dono e acabou sendo castigada e perdendo o filho. Não existe valor na vida de um filho de escrava, esse pensamento é evidenciado na voz de Cândido Neves ao dizer que nem todas as crianças vigam.

Enquanto isso, ele não quis abrir mão de criar o filho, mesmo sentindo-se obrigado a abandonar a criança, tão desejada por ele e sua esposa, na roda dos enjeitados, por não ter como

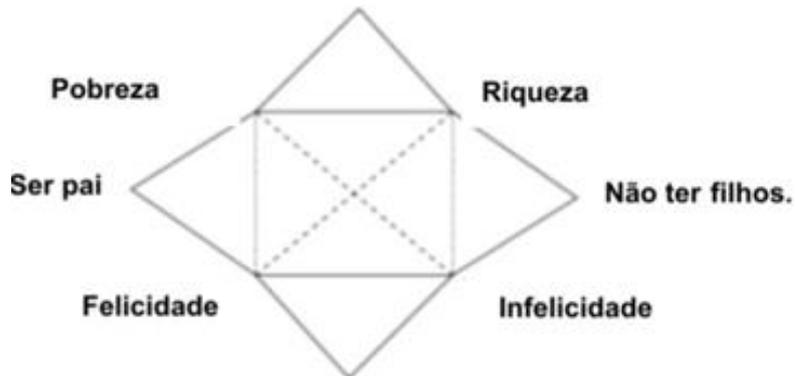
sustentá-lo. Nesse momento histórico, se evidencia o preconceito e a segregação de pessoas pelo fato de que por mais pobres que as pessoas sejam. Só em nascer branco levava vantagem em relação aos negros.

### 5.1.5 Estruturas fundamentais

Nesse nível das estruturas temos a oposição semântica mínima constituída pelas ideias contidas nos sujeitos. Analisaremos o conflito dialético vivido por Cândido Neves e Arminda. Temos então: pobreza/riqueza, ser pai/não ter filhos, felicidade e infelicidade. Para Cândido Neves superar a pobreza, ele precisa ter um emprego para conseguir recursos e assim juntar dinheiro, que nesse caso, representa a figura da riqueza. Ele precisa superar esse desafio para poder ter condições para criar seu filho e, desse modo, poder ser pai e conquistar a felicidade.

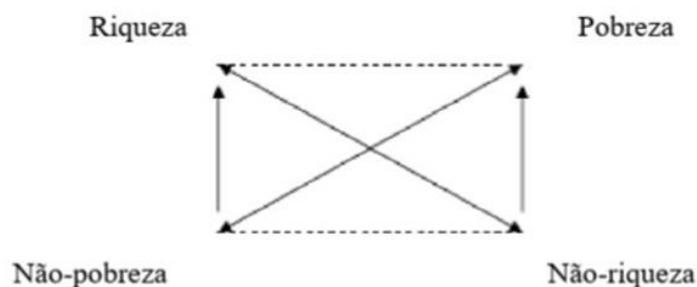
Vejamos a figura com a análise do Sujeito “Cândido Neves”

Figura 3 – Espetáculo Semiótico-2. Negrinha



Vejamos também o modelo de representação do quadrado semiótico a seguir:

Figura 4 – Quadrado Semiótico- 2. Negrinha

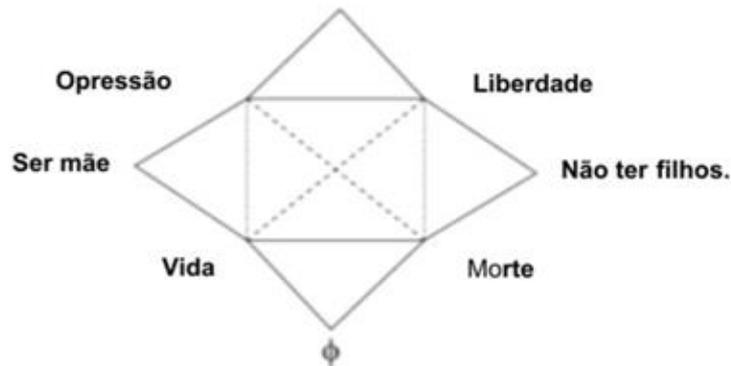


Para Cândido Neves, ter dinheiro significa não ser pobre, contudo é necessário ter um trabalho para conseguir dinheiro e ser rico ou pelo menos não ser tão pobre ao ponto de não poder sustentar um filho que traz a recompensa da felicidade, um valor positivo.

No percurso de Arminda temos: opressão/liberdade, ser mãe/não ter filhos, vida/morte. Neste caso, o sujeito que está em fuga já conheceu a opressão e se libertou, precisa lutar por sua liberdade para poder ter tempo de gerar seu filho e ser mãe, mas para ser mãe a criança precisa ter vida.

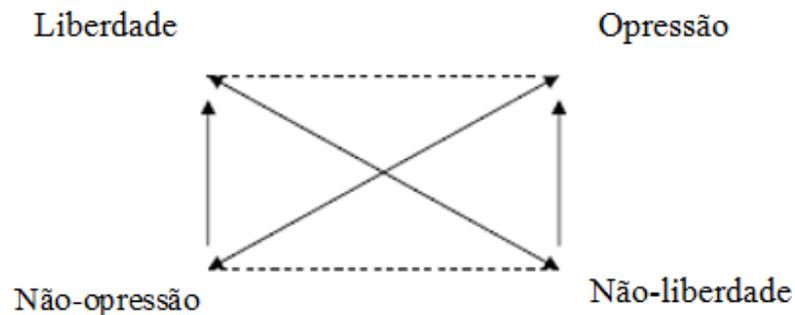
Assim temos:

Figura 5 - Espetáculo Semiótico-3. Negrinha



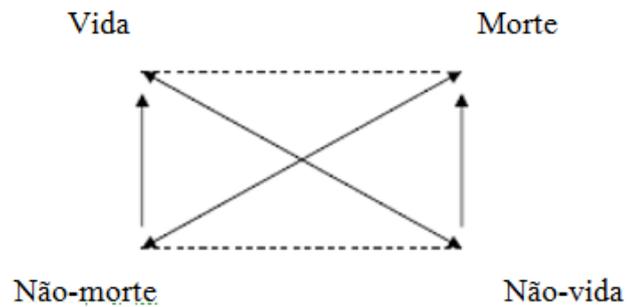
Vejamos o modelo de representação do quadrado semiótico a seguir:

Figura 6 - Quadrado Semiótico- 3. Negrinha



A Liberdade e a opressão inserem-se no eixo da contrariedade, de forma que a primeira tem valor tímico positivo e a segunda é timidamente negativa.

Figura 7 - Quadrado Semiótico- 4. Negrinha



A vida e a morte inserem-se em eixos contrários, para uma existir anula a outra possibilidade, de forma que a primeira assume timidamente um valor positivo e a segunda traz o valor negativo. E para se ter vida, não se pode ocorrer a morte, uma vez que a vida é a não-morte.

## 6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: OFICINAS DE LEITURA

As Oficinas de leitura propostas são fruto de uma dissertação de mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS UFPE, com o tema “Expressão do racismo em contos da literatura clássica brasileira: uma proposta de leitura temática para o 9º”. As Oficinas podem ser utilizadas por professores como apoio pedagógico direcionado ao contexto da Educação Básica em escolas públicas e privadas.

Na fase inicial deste trabalho, as questões da leitura e compreensão textual inquietaram-nos, devido ao baixo interesse dos alunos em relação à leitura nas aulas de Língua Portuguesa e, também, por algumas situações que a sociedade enfrenta em relação às questões de preconceito racial e discriminação. Embora o contexto social seja outro, sempre existem casos que ganham grande atenção do público e depois ficam esquecidos, questões que muitas vezes chegam às nossas salas de aulas por meio de brincadeiras e apelidos, frases já feitas que mascaram o preconceito.

Tais situações ocorrem independentemente de lugar de fala ou classe social, por isso devemos trazer essa temática para as escolas, conscientizar nossas crianças e jovens sobre como se fez a história do povo negro Brasil, a fim de despertar um olhar crítico nos estudantes. Esse processo pode ser feito a partir do estudo da semiótica, no que se refere ao percurso gerativo de sentidos, para que, por meio de contos que abordem esse tema, possamos conhecer todos os pontos de vista dos sujeitos que fazem parte do nosso país.

Com a aplicação das Oficinas de leitura o nosso objetivo é amenizar essas dificuldades de leitura e propiciar uma melhor compreensão leitora, focada na compreensão global dos contos selecionados. Então, temos a seguinte indagação: Como emerge a expressão do racismo nos contos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e ‘Pai contra mãe”, de Machado de Assis?

Utilizamos a teoria da semiótica na análise de contos voltados para temática do período da escravidão no Brasil: “Negrinha”, de Monteiro Lobato e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Propomos Oficinas de leitura voltadas à análise desses contos, perpassando por todos os níveis do Percurso Gerativo de Sentidos, desde o nível mais superficial ao mais profundo ou das estruturas fundamentais.

Os contos literários estão presentes na formação do leitor, uma vez que intimamente começamos a idealizar na mente as histórias por meio da realidade em que vivemos. Assim, temos mais ou menos proximidade com os textos que lemos, “O efeito de proximidade que o

texto literário traz, visto que é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é o resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros” (COSSON, 2014, p. 28). E, para tornar o entendimento de um texto próximo do leitor é preciso fazer com que haja a identificação e um relacionamento com o texto lido.

Podemos afirmar que o “conto” é um gênero textual que está presente nas aulas de Português como um dos conteúdos geralmente vivenciados pelos Documentos Oficiais de Língua Portuguesa do ensino fundamental, aparecendo com frequência na realidade social e no universo escolar. O conto, como texto literário, favorece e autoriza “[...] a ficção e a reinterpretção do mundo atual e dos mundos possíveis” (BRASIL, 1998, p. 24).

Quando falamos sobre a história da formação do povo brasileiro, deparamo-nos com alguns cenários tristes como, por exemplo, o período de escravidão, fatos que revelam o desrespeito à vida e à condição humana. Momentos e situações que afetaram diretamente o destino de muitas de pessoas que foram retiradas de seus países, deixando sua parentela e cultura, e foram trazidas para o nosso país e vendidas como escravos. Tais acontecimentos são retratados por nossos escritores em suas obras, por meio de contos que resgatam o que já foi vivido.

Encontramos na literatura uma ponte entre o passado e o presente, uma forma de nos conscientizarmos do papel que ocupamos na sociedade. E que, no acesso dos textos literário, nos permite o contato com outras realidades e outros contextos históricos, como por exemplo, o conto de Machado de Assis, “Pai contra mãe”. Essa narrativa nos remete aos fatos corriqueiros da época da escravidão no Brasil, mas hoje, o que é vivido pela personagem Arminda configura-se como uma situação inaceitável, porém mesmo assim, ainda percebemos o preconceito racial presente em cenas do dia a dia.

Entretanto, é interessante a análise de textos literários que tratam desta temática “preconceito”, tema que tem sua origem na nossa história e, por sua vez, foi bastante retratado em diversas obras que fazem parte da literatura brasileira, principalmente em obras literárias e por autores conhecidos, como Machado de Assis e Monteiro Lobato, os quais viveram esse período de transição da escravidão para a abolição. Tais autores trazem a questão do preconceito racial em suas obras retratando o tratamento que os negros recebiam: a violência, as injustiças e o sofrimento.

Machado de Assis, com sua linguagem carregada de ironismo e sarcasmo, escreveu muitos romances e contos repletos de críticas e denúncias, reproduzindo o contexto histórico do racismo estrutural da época em que ele vivia. Suas obras trazem um olhar para além da

perspectiva do observador passivo, são construções que mostram certa revolta sobre as atrocidades que ocorriam com o povo negro.

Já Monteiro Lobato traz em suas obras um pouco de preconceito desnudo, sem filtros. Suas narrativas trazem personagens negros, como em o Sítio do Picapau Amarelo, tia Nastácia, tio Barnabé, que em algumas falas sofrem preconceitos. No nosso trabalho, nos deteremos a abordar o conto “Negrinha”, visto que traz a inocência de uma criança, a desigualdade de oportunidades e o preconceito racial.

Por toda a relevância da obra desses nomes, imortais de nossa Academia Brasileira de Letras, e por sua relação direta com o período escravagista, decidimos selecionar para compor as oficinas de leitura e análise os contos: “Pai contra mãe”, presente na obra *Relíquias da casa velha*, de Machado de Assis, e “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

Ao nos indagarmos sobre qual seria a melhor estratégia para que os alunos pudessem analisar essas obras dentro das oficinas, analisando cada personagem (sujeitos), o que e como eles fazem para conquistar o que querem, o que lhes motivam, quem os ajudam, que caminho lógico percorrem até o fim da narrativa, chegamos à conclusão de que a semiótica francesa ou discursiva seria a ferramenta ideal, justamente por ela buscar essa análise dos sentidos que subjazem a mera decodificação linguística.

Neste trabalho está sendo proposta a aplicação da semiótica discursiva, por se tratar de uma pesquisa de caráter descritivo e intervencionista, tem por objetivo facilitar a compreensão textual global dos sentidos no texto narrativo, buscará na teoria da semiótica, no percurso gerativo de sentidos, tendo por subsídios proporcionar algumas estratégias apoiadas nos conceitos semióticos com a finalidade de favorecer o processo de compreensão leitora.

Sendo assim, contamos também com o gênero textual conto, por ser um texto curto e que traz assuntos que marcam um determinado período, e podem provocar uma reflexão, uma sensibilização sobre os valores sociais, até então, pouco trabalhados, por conta da demanda escolar de conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa. Queremos exercer “a função utilitária da literatura – e da arte em geral – para se possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora”, de acordo com a BNCC, 2017. E assim, permitimo-nos relacionar o campo artístico literário com o da semiótica.

## 6.1 PLANEJAMENTO E METODOLOGIA

Em nossa pesquisa temos oficinas de leitura voltadas ao gênero conto, especificamente os contos: “Negrinha” e “Pai contra mãe”. Sob a luz da análise da semiótica francesa discursiva em seu percurso gerativo de sentidos.

A proposta didática é constituída de um total de 2 (duas) oficinas, divididas por seções com duração de 1h e 40min minutos. A oficina do conto Negrinha, possui 8 momentos e, a oficina do conto Pai contra mãe, conta com 5 momentos. Os trabalhos com os textos e atividades propostas têm aproximadamente um mês de duração, a ser determinado pelo professor, esse trabalho é direcionado para turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Com a nossa pesquisa temos por objetivo geral contribuir para que os educandos se utilizem de maneira mais profícua do processo de compreensão leitora global dos contos, por meio da elaboração de Oficinas embasada nos conceitos semióticos do Percurso Gerativo de Sentidos.

Buscamos apresentar aos estudantes alguns conceitos semióticos, com a finalidade de que eles possam, sobretudo: reconhecer os “actantes” que fazem parte do plano narrativo do gênero conto e o papel que estes representam no processo de significação que se constrói no interior da estrutura narrativa e desperta o senso crítico dos estudantes a respeito da percepção das escolhas feitas pelo sujeito da enunciação que se estabelecem no plano discursivo. E disponibilizar duas Oficinas de leitura com utilização dos conceitos que favoreçam ao aluno no desenvolvimento da noção de oposição que se manifesta no Nível fundamental.

A proposta de atividade inicial ocorre por meio de questões sugeridas para serem realizadas em sala, questões discursivas sobre a análise dos personagens, de todos os elementos da narrativa, assim como, as escolhas linguísticas existentes no gênero conto, com o objetivo de investigar o nível de compreensão leitora dos estudantes.

As oficinas possuem descrições envolvendo alguns conceitos do percurso gerativo de sentido. Os estudantes têm o objetivo de participar dos encontros e, por meio de atividades desenvolvidas pelo professor, analisar as características dos personagens, bem como, atitudes e percurso para conquistar seus ideais, entre outros aspectos.

A partir de alguns conceitos da semiótica presentes na análise do percurso gerativo de sentidos, como os de: actante, objeto de valor, oponentes, adjuvantes, entre outros que serão apresentados aos estudantes no desenvolvimento da Oficina, eles poderão refletir e analisar os contos, relacionando a leitura às reflexões contidas nos jogos e detalhadas no material, contendo o desenvolvimento do trabalho.

Algumas palavras, substantivos e adjetivos, presentes nos contos são trabalhadas nas oficinas com o fim de provocar o conhecimento prévio dos alunos, palavras que estão relacionados aos contos selecionados na primeira fase da pesquisa, “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

Dessa forma, objetivamos trabalhar também o tema preconceito, logo, abordaremos essas características nas duas personagens, sejam elas físicas ou psicológicas. Além disso, será aplicada a primeira parte da teoria estudada, das estruturas fundamentais, das relações de oposição. Buscamos no nível discursivo fazer com que os alunos percebam que, nos contos, as palavras escolhidas, o tempo verbal, a pessoa gramatical, ou seja, nesta etapa, demonstraremos a oposição binária básica explicada no quadrado semiótico.

A escolha dos contos já mencionados foi motivada por entendermos que eles trazem conflitos do cotidiano social, justamente pelo fato de seus enredos envolverem temáticas e reflexões sobre como era constituída a sociedade daquela época, e nos fazem refletir sobre as lutas atuais na busca por igualdade e pelo fim do preconceito racial.

Contudo, notamos que a melhor forma de vencer o preconceito e a discriminação é o conhecimento. No meio educacional podemos contribuir para a transformação da consciência de uma sociedade, respeitando e valorizando as diferenças, por isso é importante trazer para a sala de aula textos que abordem temas transversais, visando a leitura e a compreensão textual para despertar a criticidade do aluno. É o que buscamos ao analisarmos as estruturas fundamentais nas oficinas.

No segundo momento, temos a criação e a proposição de atividades sobre o percurso gerativo de sentido e os três níveis desse percurso aplicados aos textos narrativos e, como já dissemos, o gênero escolhido foi o conto, porque o trabalho com o referido gênero está incluído no plano de curso da turma, nos PCN e no Currículo de Pernambuco. Nas proposições das aulas, há sugestões a serem desenvolvidas em momentos de leitura e resolução de questões propostas com a finalidade de que seja observada a evolução ou não na prática leitora e de compreensão textual dos estudantes.

No terceiro momento, será dada a noção de “actante”, com atividades reflexivas por meio de questionários sobre cada sujeito da narrativa, todos os sujeitos serão contemplados em uma análise com “objeto de valor” entre o S1 (sujeito presente na narrativa). Os contos a serem analisados terão uma perspectiva do tema transversal “preconceito racial”, visto que as narrativas “Negrinha” e “Pai contra mãe” trazem elementos que podem ser vistos em cada um dos níveis dos percursos gerativos de sentido.

No quarto momento, será observada a “performance” dos actantes na busca do objeto de valor, será verificado se ele conseguiu ou não atingir seu objetivo. Depois dessas leituras e análises dos textos, os alunos podem jogar e tentar chegar até o final do jogo proposto após a conclusão das oficinas, como forma de verificar a aprendizagem e os resultados do estudo efetivo das oficinas neste trabalho com proposta de intervenção.

No final do nosso trabalho, esperamos melhorar a compreensão leitora do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e propiciar o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes. Passamos, assim, a debater numa visão crítico social sobre os textos lidos, e os alunos poderão identificar o “actante” e “objeto de valor” nos contos.

## 6.2 OFICINA DE LEITURA - CONTO NEGRINHA

A princípio, vamos conhecer um pouco sobre Monteiro Lobato.

### 1. Autor: conhecer para compreender

Quadro 4 – Sugestão de Atividade 1

PRIMEIRA ETAPA:	INTRODUÇÃO: “Conhecendo o autor e a obra”, despertando os conhecimentos prévios.
DURAÇÃO:	4 aulas.
OBJETIVO:	Conhecer a vida e as obras de Monteiro Lobato como forma de aproximação com textos literários.
CONTEÚDO:	Biografia do autor e temáticas abordadas em suas obras.
ATIVIDADE 1 (instruções)	Apresentação por parte do professor com a exposição do nome completo do autor, José Bento Renato Monteiro Lobato, por meio virtual com um <i>hyperlink</i> , ou papéis de ofício escrito com partes do nome do escritor. Com a realização de perguntas sobre o autor: se já ouviram falar, se

	<p>recordam em suas memórias sobre algo de sua infância que faz referência a José Bento Renato, só depois citar o sobrenome de Monteiro Lobato. Levantar perguntas sobre os personagens criados pelo autor, e depois refletir sobre se há personagens negros nas histórias do escritor.</p>
<p>ATIVIDADE 2 ( Instruções)</p>	<p>O aluno poderá acessar o <i>link</i> para visualizar a biografia do autor.</p>

#### MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow
- Folhas de papel ofício A4

#### PROCEDIMENTOS

##### Atividade- 1

O professor pede ao seu aluno para comentar sobre de onde ele já ouviu falar do autor e qual foi sua experiência com a obra; se o estudante leu, ouviu ou assistiu algo que se refira a Lobato. Os estudantes poderão escrever algumas palavras (adjetivos que caracterizem o autor ou alguma obra). Depois a atividade poderá ser socializada na sala.

## Atividade- 2

## Biografia de Lobato e suas principais obras.

Figura 8 – José Bento Renato Monteiro Lobato



Nasceu em Taubaté, Província de São Paulo, em 18 de abril de 1882, e faleceu na Cidade de São Paulo - SP, em 4 de julho de 1948. Foi um escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções. Seguindo a seu precursor Figueiredo Pimentel ("Contos da Carochinha") da literatura infantil brasileira, ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra composta por livros infantis, gênero que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária. A outra metade, consistindo de contos (geralmente sobre temas brasileiros), artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas, livros sobre a importância do ferro (Ferro, 1931) e do petróleo (O Escândalo do Petróleo, 1936). Escreveu um único romance, *O Presidente Negro*, que não alcançou a mesma popularidade que suas obras para crianças, que entre as mais famosas destacam-se *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Picapau Amarelo* (1939).

Contista, ensaísta e tradutor, Lobato nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro,

<sup>11</sup> Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro\\_Lobato](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato). Acesso em 20 de jun. de 2020.

após receber herança deixada pelo avô. Diante de um novo estilo de vida, Lobato passou a publicar seus primeiros contos em jornais e revistas, sendo que, posteriormente, reuniu uma série deles no livro *Urupês*, sua obra prima como escritor. Em uma época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato tornou-se também editor, passando a editar livros também no Brasil. Com isso, ele implantou uma série de renovações nos livros didáticos e infantis.

É bastante conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Suas personagens mais conhecidas são: Emília, uma boneca de pano com sentimento e ideias independentes; Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança; Visconde de Sabugosa, o sábio sabugo de milho que tem atitudes de adulto, Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio, Saci Pererê e outros personagens que fazem parte da famosa obra *Sítio do Picapau Amarelo*, que até hoje é lido por muitas crianças e adultos. Escreveu ainda outras obras infantis, como *A Menina do Nariz Arrebitado*, *O Saci*, *Fábulas do Marquês de Rabicó*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho*, *O Pó de Pirlimpimpim*, *Emília no País da Gramática*, *Memórias da Emília*, *O Poço do Visconde*, e *A Chave do Tamanho*. Fora os livros infantis, escreveu outras obras literárias, tais como *O Choque das Raças*, *Urupês*, *A Barca de Gleyre* e *O Escândalo do Petróleo*. Neste último livro, demonstra todo seu nacionalismo, posicionando-se totalmente favorável a exploração do petróleo, no Brasil, apenas por empresas brasileiras.

#### COMENTÁRIO AO PROFESSOR

O professor deve instruir seu aluno a pesquisar mais um pouco sobre Lobato. Os alunos terão o desafio de encontrar nas obras do autor se há personagens negros e como eles são caracterizados em suas narrativas. Os alunos terão o desafio de responder à seguinte questão:

- 1- Como são tratados e retratados os personagens negros nas histórias de Lobato?

### 6.2.1 Oficina 1 – Plano Narrativo: Programa Narrativo dos “Sujeitos”

Quadro 5 - Sugestão de Atividade - Plano narrativo

SEGUNDA ETAPA:	MOTIVAÇÃO “Conto: Primeiros passos: A promoção de uma situação problema: Apresentação do conto aos leitores”.
DURAÇÃO:	2 aulas.
OBJETIVO:	Perceber a relação existe entre um brinquedo (boneca) e o conto: “Negrinha”, de Monteiro Lobato?
CONTEÚDO:	Conhecendo um dos objetos de valor da personagem Negrinha.
ATIVIDADE 1 (instruções)	Demonstração ou exibição de imagens de brinquedos para os estudantes: carrinhos e bonecas. As memórias sobre esses objetos deverão ser despertadas. Pois o professor deve perguntar sobre como os alunos se sentiam, quando crianças, ao brincarem com esse tipo de objetos.
ATIVIDADE 2 ( Instruções)	Os estudantes farão uma produção textual sobre o que eles mais desejavam ter quando crianças.

#### MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow
- Folhas de papel ofício A4
- Brinquedos (bonecas e carrinhos)

#### PROCEDIMENTOS

Professor: antes da produção textual, o estudante é motivado por objetos que remetem à infância, levando a refletir sobre o que eles queriam ter ou ser quando crianças. Nesse

momento, pode-se apresentar a ideia de objeto de valor, que ao depender das fases de nossas vidas pode ser representado de formas diferentes. Sugestão de perguntas aos seus estudantes:

- 1- O que você deseja ter ou ser?
- 2- O que você acha que as pessoas querem conquistar em cada fase de suas vidas?
- 3- Existem desejos ou sentimentos que as pessoas procuram para poder ser felizes ou se sentirem realizadas?Quais?
- 4- O que é a felicidade, a lealdade, a riqueza?

A imagem a seguir poderá ser mostrada:

Figura 4 - Um brinquedo



Disponível em:

<https://images.app.goo.gl/d2KBXKJEMC9> . Acesso em Jan. de 2021.

4 - Que relação pode existir entre uma menina com uma boneca?

As seguintes afirmações poderão ser apresentadas: sentimentos abstratos como a felicidade, a lealdade, a riqueza são desejos despertados pelos seres humanos. Mas para ter riquezas é preciso ser rico e para sabermos que somos ricos tem que existir o pobre.

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://images.app.goo.gl/d2KBXKJEMC9> . Acesso em Jan. de 2021.

Para refletir:

Todavia, é sabido que as pessoas sempre buscam algo material para sentir o abstrato. Os substantivos abstratos precisam se apoiar em coisas concretas para poder existir. Contudo, para o ser humano alcançar seus objetivos na vida, assim como nas narrativas, se faz necessário superar etapas. Dessa forma, estudamos o conto, visto que é uma narrativa, representa e se reflete na história da humanidade. Os homens exercem papéis de sujeitos, bem como, podemos analisar nos personagens dos contos essa mesma função.

### 6.2.2 Oficina 2 - Conto: primeiros passos: a promoção de uma situação problema: apresentação do conto aos leitores

Quadro 6 - Apresentação do conto aos leitores

TERCEIRA ETAPA:	Leitura: Apresentação do tema abordado no conto. O preconceito e a discriminação que Negrinha sofria na casa de D. Inácia
DURAÇÃO:	2 aulas
OBJETIVO:	Reconhecer o gênero conto e seus elementos estruturais ou composicionais.
CONTEÚDO:	Gênero conto
ATIVIDADE 1 (instruções)	Primeiro contato com o conto “Negrinha”. A leitura será silenciosa e o texto estará incompleto. Pois a leitura disponibilizada terá até o clímax, quando Negrinha vai brincar de boneca pela segunda vez e esquece-se de D. Inácia e ao vê-la... (o texto disponibilizado estará pela metade para que o aluno imagine o que irá acontecer). E, ao estudante, caberá contar como ele acredita que será o final, isto é, o “desfecho”.

ATIVIDADE 2 ( Instruções)	Conhecendo os actantes, “personagens” que participam do conto.
---------------------------	--

## MATERIAIS E RECURSOS

- Folhas impressas com parte do texto conto.
- Folhas em branco para a produção textual.

## PROCEDIMENTOS

Observação: caberá ao professor comentar sobre a estrutura da narrativa, seus elementos constituintes, realizando um resumo sobre os elementos estruturais constituintes, tais como: enredo, personagens, tempo, clímax e desfecho. Tudo de maneira breve, visto que a sugestão do nosso trabalho é percorrer os níveis do Percurso Gerativo de Sentido. Contudo, faz-se necessário conhecer um pouco sobre o gênero textual a ser trabalhado.

O professor pedirá uma produção textual para que o aluno escreva o final da trama. Depois das produções dos estudantes. Leia ou disponibilize o texto completo.

### Sobre a atividade- 2

Professor, levante um debate com a turma sobre o texto lido. Traga as seguintes indagações:

#### Quadro 7– Atividade 2

- 1- Qual é o nome da personagem que está no centro da história?
- 2- Alguém que você conhece é chamada de negrinha?
- 3- Esse é um nome de batismo que uma pessoa possui em sua certidão de nascimento?
- 4- Quais os nomes de outros personagens que aparecem no texto?
- 5- Quem era Negrinha?

### 6.2.3 Oficina 3 - Conto “Negrinha”: análise dos “actantes” - destinador, destinado, adjuvantes, oponentes e antissujeito e noções de objeto de valor

Quadro 8 – Análise dos actantes

QUARTA ETAPA:	Análise dos actantes.
DURAÇÃO:	1 aula
OBJETIVOS:	Identificar os participantes dos programas narrativos de casa sujeito. Reconhecer os sujeitos: seus objetos de valor, o sujeito percorre o seu percurso narrativo em busca de seu(s) objeto(s) de valor. Quem os ajuda a alcançar o que desejam. Quem os impedem, ou quem tenta impedi-los, e, se em seu percurso narrativo, o sujeito semiótico possui algum actante que vai a busca do mesmo objeto de valor.
CONTEÚDO:	Identificação do sujeitos e seus papéis na narrativa: destinador, destinado, adjuvantes, oponentes e antissujeito e noções de objeto de valor.
ATIVIDADE 1 (instruções)	1- Os personagens nesta fase são tratados como sujeitos participantes das narrativas e representam pessoas e situações que ocorreram e ainda ocorrem com os seres humanos, mostrando fazes da vida e a jornada de cada indivíduo, ou seja, os contos com seus enredos e personagens fazem-se presentes na nossa história. Sendo assim, o educador precisa conscientizar o aluno sobre a riqueza desse gênero. E, para que se faça notória

	<p>a percepção das transformações que se passam na narrativa, apoiamo-nos no estudo do Percurso Gerativo de Sentido proposto pela teoria da Semiótica Francesa. Então, chamaremos os personagens de Sujeitos, assim teremos: S1, S2, S3, S4 e S5.</p>
--	---

### MATERIAIS E RECURSOS

- Caixa de papel.
- Folhas com as perguntas impressas e cortadas em tiras.

### PROCEDIMENTOS

As perguntas serão postas dentro de uma caixa de papel e os alunos são convidados pelo professor a retirar um papel e desafiados a responder as perguntas, depois deve ser aberto um espaço para o debate sobre as perguntas tratadas na atividade.

(Atividades de análises dos actantes)

Reconhecendo os sujeitos do PGS: responder para conhecer:

#### Quadro 9 – Atividade 3

<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Quem é a “actante” que não sabe o que é a felicidade?</li> <li>2- Vamos pensar sobre os sujeitos que se relacionam com Negrinha. Quem são eles? Escreva o nome de cada um:</li> <li>3- O que Negrinha queria conquistar, trata-se de algo apenas material? Qual era o objetivo de valor?</li> <li>4- O que a menina órfã fez para alcançar o que queria? Ela conseguiu?</li> <li>5- Quem se opõe, é contra Negrinha para que ela não seja livre?</li> <li>6- Quem ajuda Negrinha a se sentir livre e feliz?</li> <li>7- Você acredita que Negrinha conseguiu ser livre? Justifique.</li> <li>8- Que sentimentos foram despertados em você?</li> </ol>
---

Professor: Nesse momento o aluno responderá as perguntas acima, deve-se ser observado se o estudante conseguiu perceber que os personagens possuem papéis diferentes um em relação ao outro.

Você poderá trazer as seguintes reflexões:

- O ser humano: quais são os seus objetos de desejo?
- Como e o que fazer para alcançar o que se deseja?
- A que se destina e é destinado cada sujeito de acordo com o conto?
- No final da narrativa, Negrinha conquistou o que queria?
- Negrinha ganhou a liberdade?

#### **6.2.4 Oficina 4 - Conceitos da semiótica em prática: Atividades de análises dos personagens**

Quadro 10 – Elementos da Semiótica - atividades de análises dos personagens

QUINTA ETAPA:	Elementos da Semiótica
DURAÇÃO:	2 aulas
OBJETIVO:	Reconhecer os elementos da semiótica no Nível narrativo
CONTEÚDO:	Conceitos da Semiótica presentes no conto de Lobato.
ATIVIDADE 1 (instruções)	Nesta fase será realizada uma atividade denominada de corrida ao significado, o professor disponibilizará por meio de recortes as palavras a seguir e os alunos têm que por em ordem seus respectivos significados

## MATERIAIS E RECURSOS

Material para ser impresso

Quadro 11 - Material para ser impresso

1 - Actantes - quem realiza ou o que realiza o ato.
2 - Destinador - quem se beneficia da ação praticada pelo sujeito.
3 - Adjuvante - quem ajuda ou auxilia o sujeito para alcançar seu objeto de valor.
4 - Oponente - aquele que impede ou atrapalha o sujeito de alcançar seu objeto de valor.
5 - Antissujeito - sujeito que disputa o mesmo objeto de valor com ou participante da narrativa.
6 - Objeto de valor - o que o sujeito deseja alcançar ou ter.

## PROCEDIMENTOS

Na atividade 1, a classe será dividida em duplas. O professor terá que imprimir algumas palavras e seus conceitos semióticos. Os papéis serão distribuídos na classe e os estudantes serão convidados a ler os conceitos e tentar relacioná-los com as palavras. Para tanto, os alunos terão que levar em consideração a leitura do conto “Negrinha”.

### 6.2.5 Oficina 5 - Elementos discursivos

Quadro 12 – Sugestão de atividades: Elementos discursivos

SEXTA ETAPA:	Ações percorridas pelos actantes até chegar a sansão.
DURAÇÃO:	1 aula
OBJETIVO:	Compreender sobre como o conto é narrado e sua aproximação ou distanciamento com o leitor.
CONTEÚDO:	Pessoa do discurso: narrador.
ATIVIDADE 1 (instruções)	No texto a seguir o aluno observará se o narrador escreve/descreve as cenas, se

	ele participa ou apenas conta o que se passa.
--	---

## MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow para exibição de uma tabela.

## PROCEDIMENTOS

O professor deve apresentar uma atividade propositiva. Será necessário falar sobre a função dos adjetivos. Então, sugerimos uma breve dinâmica: os estudantes terão que citar as características dos colegas, os alunos tentarão identificar de quem se trata.

Depois desse momento, a sugestão de atividade é para que os alunos procurem adjetivos no conto de Lobato para que possam identificar as características da actante, Negrinha.

A seguir temos uma atividade proposta que pode se disponibilizada no Google formulário, exposta no Datashow ou escrita no quadro.

### Quadro 13 – Atividade Propositiva

<p>Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim. Que ideia faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — bubônica. A epidemia andava à berra, como novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada.</p> <p>Quem conta a história participa ou apenas diz o que se passa?</p> <p>Como você se sente ao ler as palavras em destaque no texto?</p> <p>De que forma você se sensibiliza com Negrinha a respeito do tratamento que a ela recebia de D. Inácia?</p> <p>Qual pergunta o narrador faz no texto?</p>
---

Também é importante chamar a atenção dos estudantes sobre o narrador, se quem narra participa ou só observa as cenas, se no texto há a voz da negrinha e\ou de outros actantes que fazem parte da trama. Depois, mostre a tabela a seguir para que os alunos verifiquem como cada pessoa que faz parte da narrativa é caracterizada pelo narrador. Bem como, o lugar e o tempo que se passa a história.

Quadro 14 – Personagens do conto

1 - Negrinha: órfã, negrinha, fusca, mulatinha escura, cabelos ruços.
2 - D. Inácia: mulher escravocrata, gorda, rica, dona do mundo, viúva e sem filhos.
3 - Sobrinhas de D. Inácia: pequenas, lindas meninas louras, ricas.
4 - Criada nova: boa de coração
5 - Boneca: loura, tão boa, tão quieta.
6 - Lugar: na cozinha, no quintal.
7 - Sacerdote: representante da Igreja
8 - Tempo: período pós-escravidão.

### 6.2.6 Oficina 6 - Plano discursivo: Pessoa do discurso, espaço e tempo

Quadro 15- Plano discursivo

SÉTIMA ETAPA:	Plano discursivo
DURAÇÃO:	02 aulas
OBJETIVO:	Identificar as escolhas lexicais feitas pelo narrador, identificando a pessoa, o espaço e o tempo do discurso.
CONTEÚDO:	Plano do discurso da semiótica: pessoa do discurso, espaço e tempo.
ATIVIDADE 1 (instruções)	1- Produção de desenhos sobre os personagens que participam da narrativa. Professor, peça aos estudantes que ilustrem o texto que leram, mostrando os personagens e os lugares. Depois os alunos irão falar sobre seus desenhos. Por fim, o mediador mostrará imagens de alguns objetos que contam a história da escravidão no Brasil
ATIVIDADE 2 ( Instruções)	Os alunos irão relacionar as palavras com as pessoas, os lugares e o tempo.

## MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow.
- Imagens disponíveis na Web.

## PROCEDIMENTOS

Atividade 1. Professor, mostre as imagens 15 e 16, e pergunte para a turma o nome dos objetos e se os estudantes sabem para que servem. Aqui, a finalidade é reconhecer um pouco da história presente em cada um deles.

Figura 5 - Açoite



Figura 6 – Tronco



Fonte: <https://www.esquerdadiario.com.br/Instrumento-de-tortura-vira-movel-Voce-compraria-o-tronco-dos-escravos> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://historiaescravidao.blogspot.com/2015/11/castigos-sofridos-pelos-escravos.html> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Instrumento-de-tortura-vira-movel-Voce-compraria-o-tronco-dos-escravos> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

Figura 7 - Formação do povo brasileiro



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/formacao-do-povo-brasileiro/> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

Para refletir: O que as palavras presentes no texto revelam sobre cada personagem?

#### Quadro 16 – Atividade reflexiva

Professor, incentive e disponibilize o *podcast* com poema “Vozes da África” para seus alunos. Link: [https://youtu.be/96gDW558\\_Zw](https://youtu.be/96gDW558_Zw)

Peça para que os estudantes reflitam sobre a realidade vivida pelos negros naquela época.

As questões serão curtas e objetivas, apenas para levar o aluno a refletir sobre o tema proposto e como os contos literários poderão abordar assuntos do nosso cotidiano.

Crie também um documento do Google formulários com as questões abaixo:

- 1- Por que o nome Negrinha está no diminutivo?
- 2 - Há diferenças entre Negra e Negrinha? Por que aquela criança era chamada assim?
- 3 - O que o diminutivo –inho ou –inha expressa sobre o que se quer dizer/falar sobre o outro?

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/formacao-do-povo-brasileiro/>  
Acesso em: 02 de mai. de 2021.

### 6.2.7 Oficina 7 - O não dito: Análise da personagem “Negrinha”. Estruturas Fundamentais

Quadro 17 – Plano de Análise da personagem “Negrinha”

SÉTIMA ETAPA:	Estruturas Fundamentais.
DURAÇÃO:	02 aulas
OBJETIVO:	Perceber o sujeito semiótico “Negrinha” e seus objetos de valor: liberdade e felicidade.
CONTEÚDO:	Oposição entre as palavras liberdade e opressão.
ATIVIDADE 1 (instruções)	Exibição de duas imagens: dois pássaros, um livre e outro preso.
ATIVIDADE 2 (Instruções)	Jogos educativos.

ATIVIDADE 1- Exibição de duas imagens:

Figura 8 – Beija-flor



16

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

<sup>16</sup> A imagem de um pássaro em pleno voo representa a liberdade.

Figura 9 – Pássaro em gaiola



Disponível em: <http://homemdepalavra.com.br/o-tempo-passarinho> Acesso em: 02 de mai. de 2021.

Professor, levante um debate sobre as imagens acima, e discuta com seus alunos sobre o que eles sentiram a respeito do que viram e leram. Sobre o conto “Negrinha”.

#### Quadro 18 - Questões para debates e reflexões

Conflito dialético provenientes dos termos em oposição no conto.

Imagem de um pássaro livre e depois dentro de uma gaiola para.

1 - O que é ser livre?

Liberdade X opressão

2 - A Negrinha sabia o que era liberdade?

3 - Podemos dizer que a liberdade traz felicidade?

4 - Em qual momento a negrinha conheceu a liberdade e sentiu-se feliz?

5 - As palavras liberdade e opressão possuem e transmitem quais ideias?

6- Aponte qual das palavras nos traz um valor negativo e positivo (Liberdade ou Opressão). Por quê?

7 - As palavras Liberdade e Não opressão se complementam no conto. Tente justificar.

8 - Para ser livre a personagem principal não poderia ser oprimida. Você concorda com essa afirmação?

Professor, disponibilize os *links* abaixo e peça para que seus alunos acessem para praticar a compreensão dos contos estudados. O objetivo é verificar a aprendizagem dos estudantes depois da participação nas sequências didáticas. Os jogos estão disponíveis no site

<sup>17</sup> A imagem de um pássaro preso em uma gaiola representa a opressão.

efuturo. Os alunos devem jogar para que reconheçam alguns conceitos vistos nas sequências didáticas anteriores.

### **Jogos:**

1- Roleta do saber

[https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/caminhopalavrasmonstro/index.html?Chave=40715PALAVRAS\\_Efuturo\\_996](https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/caminhopalavrasmonstro/index.html?Chave=40715PALAVRAS_Efuturo_996)

2 - Curtidas do saber

[https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/quizdepalavras/index.html?Chave=40715PALAVRAS\\_Efuturo\\_996](https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/quizdepalavras/index.html?Chave=40715PALAVRAS_Efuturo_996)

3- Forca

[https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/forca\\_personalizado/index1.php?Chave=40715PALAVRAS\\_Efuturo\\_996](https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/forca_personalizado/index1.php?Chave=40715PALAVRAS_Efuturo_996)

## 6.3 OFICINA DE LEITURA 2 - CONTO PAI CONTRA MÃE

Como alguns conceitos já foram trabalhados na oficina anterior, na oficina de leitura 2 abordamos de formas mais sintetizada a proposta de trabalho com o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, visto que possui a temática parecida com a do conto “Negrinha”.

### **6.3.1 Oficina 1 - Autor: Conhecer para compreender**

Quadro 19 – Atividade propositiva 1

PRIMEIRA ETAPAS:	INTRODUÇÃO “Conhecendo o autor e a obra”.
DURAÇÃO:	2 aulas
OBJETIVO:	Conhecer a vida e a obra de Machado de Assis.

CONTEÚDO:	Biografia do autor e a temática do período da escravidão retratada em suas obras.
ATIVIDADE 1 (instruções)	Apresentação por parte do professor com a exposição de slides sobre Machado de Assis e as obras que abordam os temas de denúncia social referentes ao período da escravidão no Brasil.
ATIVIDADE 2 ( Instruções)	O aluno poderá acessar o <i>link</i> para visualizar a biografia do autor.

#### MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow
- Folhas de papel ofício A4

#### PROCEDIMENTOS

##### Atividade- 1

O professor exibe um vídeo disponível no youtube<sup>18</sup> sobre Machado de Assis, comenta a importância do autor para a literatura brasileira e de suas obras para nossa história.

#### 6.3.2 Oficina 2 - Plano Narrativo: Programa Narrativo dos “Sujeitos”

Conto: Primeiros passos: A promoção de uma situação problema: Apresentação do conto aos leitores.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ycGtRZrs3Y0>

Quadro 20 – Plano narrativo: apresentação do conto aos leitores

SEGUNDA E TERCEIRA ETAPAS:	MOTIVAÇÃO, conto: Primeiros passos: A promoção de uma situação problema: Cenas e músicas que retratam a chegada dos escravos ao Brasil. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do conto de Machado de Assis, “Pai contra mãe”.</li> <li>• Leitura silenciosa do conto.</li> </ul>
DURAÇÃO:	3 aulas.
OBJETIVO:	Analisar músicas para compreender o melhor o contexto histórico da escravidão no Brasil.
CONTEÚDO 1:  CONTEÚDO 2:	1- Sensibilização sobre o tema abordado. 2- Objetos de valor dos sujeitos da narrativa.
ATIVIDADE 1 (instruções)  ATIVIDADE 2	Audição de músicas como tema: “Navio negroiro”.  Exibição de imagens: dinheiro e fotos de recém-nascidos.
ATIVIDADE 3 ( Instruções)	Os estudantes farão uma produção textual sobre o que eles sentiram ao ouvirem as músicas e verem as imagens.

#### MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow
- Folhas de papel ofício A4
- Imagens impressas

#### PROCEDIMENTOS

Professor: antes da produção textual o estudante é motivado a reflexão sobre o que está vendo e ouvindo. Ao mostrar as imagens do dinheiro e de um bebê, os estudantes tentam

estabelecer uma possível lógica entre o que as pessoas desejam conquistar, trazendo a ideia de objeto de valor.

Faça as seguintes perguntas:

- 1- O que as pessoas fazem pelo dinheiro?
- 2- O que o dinheiro pode comprar?
- 3- Qual é o valor de uma vida?

As imagens a seguir podem ser exibidas:

Figura 10 - Dinheiro



Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DGBzADzA/> Acesso em 20 de jun. de 2020.

Que relação pode existir entre o dinheiro e uma criança?

Figura 11 – Recém-nascido



Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/bebe-recem-nascido-e-abandonado-dentro-de-conteiner-em-salvador> Acesso em 20 de jun. de 2020.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DGBzADzA/> Acesso em 20 de jun. de 2020.

<sup>20</sup>Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/bebe-recem-nascido-e-abandonado-dentro-de-conteiner-em-salvador>

As seguintes afirmações poderão ser apresentadas:

1- Uma vida que ainda está sendo gerada é menos valiosa do que a de uma criança que já nasceu.

Pois nem todos os bebês nascem com vida mesmo,

2- No período da escravidão no Brasil os negros não tinham direito a ter e nem criar seus filhos.

Para Refletir:

Todavia, é sabido que a maioria dos seres humanos, por essência, busca ter alguém para amar e constituir família. Contudo, o laço mais forte que une uma pessoa a outra é o de sangue, assim é a ligação entre pais e filhos. No entanto, nem todos têm condições favoráveis para gerar ou criar seus filhos. Isso era o que ocorria no período da escravidão no Brasil.

Caro professor, questione seus alunos sobre como eles acham que era a vida das crianças, os filhos dos escravos e os filhos das pessoas brancas, na época da escravatura. Crie um quadro com a turma sobre o que o filho do escravo e do homem branco pode e não pode.

Quadro 21 – Sugestão de Atividade propositiva

Criança negra pode / não pode	Criança branca pode / não pode
Trabalhar / brincar	Brincar / trabalhar
Ficar com fome / comer o que quiser	Comer o que quiser / Ficar com fome
Ser oprimido / ser livre	Ser livre / ser oprimido
Morrer / optar pela vida	Viver / morrer

### 6.3.3 Oficina 3 - Conto “Pai contra mãe”: Análise dos “actantes”: destinador, destinado, adjuvantes, oponentes e antissujeito e noções de objeto de valor

Conceitos da semiótica em prática: Atividades de análises dos personagens.

Quadro 22 – Análise dos actantes: elementos da Semiótica - atividades de análises dos personagens

QUARTA E QUINTA ETAPAS:	Análise dos actantes.
DURAÇÃO:	2 aulas
OBJETIVOS:	Perceber os sujeitos de valor presentes no conto “Pai contra mãe”.

CONTEÚDO:	Identificação do sujeitos e seus papéis na narrativa.
ATIVIDADE 1,2 e 3 (instruções)	<p>1- Proposição de atividades que envolvam a análise dos sujeitos presentes no conto.</p> <p>2- Pontos de vista vistos de vários pontos, por sujeitos diferentes dentro da mesma narrativa.</p> <p>3- Análise dos personagens e do percurso que eles percorrem para alcançar seus objetivos.</p>

### MATERIAIS E RECURSOS

- Papéis escritos com os nomes dos sujeitos semióticos.
- Datashow para exibição de slides com perguntas sobre os sujeitos que participam da narrativa.

### PROCEDIMENTOS

#### ATIVIDADE 1

Realizar um sorteio com os nomes dos sujeitos semióticos entre os alunos. Cada estudante terá o objetivo de relacionar o nome ao seu objeto de desejo e o que ele faz para alcançar o que deseja.

Quadro 23 – Sugestão de Atividade

S1. Cândido Neves	S2. Clara	S3. Mônica
S4. Arminda	S5. Proprietário de Arminda	S6. Farmacêutico

Os alunos respondem as perguntas a seguir:

- 1- O que os sujeitos desejam?
- 2- Quem os ajuda?
- 3- Quem os impede de conseguir?
- 4- O que fazem para conseguir o que querem?
- 5- O sujeito consegue o que quer?

## ATIVIDADE 2

Depois que dos alunos responderem as questões, o professor pode mostrar a tabela a seguir para facilitar a tarefa dos alunos:

Quadro 24 – Sugestão de Atividade

Sujeitos	O que os sujeitos desejam?	Quem os ajuda?	Quem os impede de conseguir?	O que fazem para conseguir o que querem?	O sujeito consegue o que quer?
Cândido Neves	Ter dinheiro, ter um filho e dinheiro para poder criá-lo.	Farmacêutico, Proprietário de Arminda e Arminda.	Falta de dinheiro, pobreza.	Procura vários trabalhos. Captura Arminda.	Sim.
Clara	Casar-se, criar o filho, ter uma família.	Cândido Neves, tia Mônica.	Pobreza	Procura se casar.	Sim.
Mônica	Ter dinheiro	Cândido Neves.	Idade e o trabalho mal remunerado.	Casa a sobrinha.	Sim.
Arminda	Ser livre, ser mãe.	Não consegue ajuda.	Ser escrava, farmacêutico, dona dela e Cândido Neves.	Foge do dono.	Não.
Proprietário de Arminda	Recuperar um bem,	Cândido Neves, dinheiro.	Ninguém.	Paga uma boa recompensa.	Sim.
Farmacêutico		Circunstância	Ninguém	Apenas observa a rua.	Sim.

Reconhecendo os sujeitos do PGS: responder para conhecer:

### ATIVIDADE 3

#### Quadro 25 – Sugestão de Atividade

- 1- Quem é o sujeito da narrativa que quer ser pai?
- 2- Vamos pensar sobre os sujeitos que se relacionam a Cândido Neves. Quem são eles?  
Escreva o nome de cada um:
- 3- O que Cândido Neves queria conquistar? Qual era o objetivo de valor?
- 4- O que Cândido Neves fez para alcançar o que queria? Ele conseguiu?
- 5- Quem ajuda Cândido a conquistar o que ele quer? É apenas uma pessoa?
- 6- Quem é o sujeito da narrativa que quer ser livre?
- 7- A liberdade de Arminda a permite sonhar em ser mãe? Justifique.
- 8- Arminda teve ajuda de alguém para conseguir seus objetivos? O que a impediu?
- 9- Por que o conto se chama “Pai contra mãe”?
- 10- Que sentimentos foram despertados em você?

Professor, o aluno buscará responder as perguntas acima, será observado se foi percebido que os personagens possuem papéis diferentes um em relação ao outro. Assim, precisamos entender:

- O ser humano e os seus objetos de desejo
- Como e o que fazer para alcançar o que se deseja.
- A que se destina e é destinado cada sujeito de acordo com o conto.

Dois pontos para refletir.

#### Quadro 26 – Reflexões necessárias:

- 1- No final da narrativa os sujeitos semióticos, Arminda e Cândido Neves, conquistaram o que queriam? Se um terminou a narrativa conseguindo o que queria, entrou em conjunção com o seu objeto de valor. Neste caso, quem foi esse sujeito, Arminda ou Cândido Neves?
- 2- Arminda, ao ser capturada, perdeu a liberdade e, ao ir ao tronco, abortou seu filho, neste caso ela termina a narrativa em disjunção com seu objeto de valor. Você acha isso justo? Justifique:

### 6.3.4 Oficina 4 - Elementos discursivos

Plano discursivo: Pessoa do discurso, espaço e tempo.

Quadro 27 – Elementos discursivos e Plano discursivo

SEXTA E SÉTIMA ETAPAS:	<p>Ações percorridas pelos actantes até chegar a sansão.</p> <p>Análise das escolhas lexicais feitas pelo narrador e as pistas do tempo e do espaço.</p>
DURAÇÃO:	4 aulas
OBJETIVO:	<p>Compreender como o conto é narrado e sua aproximação ou distanciamento com o leitor.</p> <p>Identificar as escolhas lexicais feitas pelo narrador identificando a pessoa, o espaço e o tempo do discurso.</p>
CONTEÚDOS:	<p>Pessoa do discurso: narrador.</p> <p>Plano do discurso da semiótica: pessoa do discurso, espaço e tempo.</p>
ATIVIDADE 1, 2 e 3 (instruções)	<p>No texto a seguir o aluno observará se o narrador escreve/ descreve as cenas, se ele participa ou apenas conta o que se passa.</p> <p>Análise de imagens que representam os personagens e o contexto histórico do conto.</p> <p>Os alunos irão relacionar as palavras com as pessoas, lugares e ao tempo.</p>

## MATERIAIS E RECURSOS

- Datashow com os textos.

## PROCEDIMENTOS

O professor deve apresentar uma atividade propositiva:

É necessário observar os adjetivos que caracterizam os sujeitos semióticos. Vejamos como Arminda e Cândido Neves são caracterizados:

Quadro 28 – Caracterização dos sujeitos

Arminda - mulata fugida, mulata fujona.

Cândido Neves - por suas mãos robustas.

Também é importante chamar a atenção dos estudantes sobre o narrador, se quem narra participa ou só observa as cenas, se podemos notar a voz do narrador. No conto “Pai contra mãe” observamos a presença desse narrador desde a apresentação e contextualização do conto.

Vejamos as pistas deixadas pelo narrador e que podemos observar no conto. Bem como, o lugar e o tempo que se passa a história.

O quadro a ser exibido aos alunos:

Quadro 29 – Elementos discursivos e Plano discursivo

### **Pessoa**

A voz do narrador dialoga com o leitor quando ele diz que em certas partes da narrativa ele dispensa a narração. Principalmente das dificuldades enfrentadas pela família de Cândido Neves no nono mês de gravidez da sua mulher. Quando ele diz que os efeitos da miséria vivida por eles não podiam ser mais amargos.

### **Espaço**

- 1- Roda dos enfeitados,
- 2- Alcova, aposento, quartos baixos da casa, albergue.
- 3- Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda.

### **Tempo:**

Palavras que fazem parte de um determinado período na história:

- 1- emprego, ofício, ocupação

2- um baile, cousa, vintém, senhorio, regalo.

3- varão, fêmea.

**Modalizadores temporais:**

1- Contava trinta anos. Clara vinte e dois.

2-Tal foi a página inicial daquele livro.

3- O casamento fez-se onze meses depois.

4- Não houve mais que espreitar a aurora.

5- Oitavo mês, mês de angústias e necessidades.

Atividade

Quadro 30 – Busca ao dicionário

Essa atividade é para desenvolver a pesquisa dos alunos. O professor deve disponibilizar dicionários e instigar os seus alunos a buscarem os significados das palavras do quadro anterior e relacionar com as pessoas, o espaço e o tempo.

**6.3.5 Oficina 5 - O não dito: Análise da personagem Arminda. Estruturas Fundamentais**

Quadro 31 - Estruturas Fundamentais

OITAVA ETAPA:	Estruturas Fundamentais.
DURAÇÃO:	02 aulas
OBJETIVO:	Notar o sujeito Arminda e seus objetos de valor: liberdade e ser mãe.
CONTEÚDO:	Oposição entre as palavras liberdade e opressão, vida e morte.

ATIVIDADE 1 (instruções)	Exibição de imagem de uma mulher presa por correntes e outra de uma mulher grávida.
ATIVIDADE 2 ( Instruções)	Jogos educativos.

ATIVIDADE 1- Exibição de duas imagens:

Figura 12 – Mulher negra acorrentada



Disponível

em:

[https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.purepeople.com.br%2Fnoticia%2Fresumo-de-novela-capitulos-de-escrava-mae-de-11-a-15-de-julho\\_a123960%2F1&psig=AOvVaw3Js22TcIrcIut3cWHJskWC&ust=1636503693423000&source=images&cd=vfe&ved=0CAgQjRxqFwoTCIC1rsCBivQCFQAAAAAdAAAAABAD](https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.purepeople.com.br%2Fnoticia%2Fresumo-de-novela-capitulos-de-escrava-mae-de-11-a-15-de-julho_a123960%2F1&psig=AOvVaw3Js22TcIrcIut3cWHJskWC&ust=1636503693423000&source=images&cd=vfe&ved=0CAgQjRxqFwoTCIC1rsCBivQCFQAAAAAdAAAAABAD) Acesso 20 de jun. 2021.

Figura 13 – Mulher Grávida



Disponível em: <https://www.negritudesocialista.org.br/por-que-mulheres-negras-sao-as-que-mais-morrem-na-gravidez-e-no-parto/> Acesso em 20 de jun. de 2021.

<sup>21</sup> A imagem da mulher presa no tronco faz parte de uma cena da novela Escrava Isaura exibida na emissora Record.2015

<sup>22</sup> Imagem de Serena Williams (fotógrafo)

Professor, levante um debate sobre as imagens acima, e discuta com seus alunos sobre o que eles sentiram a respeito do que viram e leram, sobre o conto “Pai contra mãe”.

#### Quadro 32- Questões para debates e reflexões

Conflitos dialéticos provenientes dos termos em oposição no conto.

Imagem de uma presa a correntes e outra imagem de uma mulher negra grávida.

1- O que é viver entre correntes?

Liberdade X opressão

2- Por que Arminda fugiu do seu dono?

3- Podemos dizer que a perda da liberdade provou a morte de um inocente?

4- Em qual momento Arminda pode sonhar em ser mãe?

5- As palavras liberdade e opressão transmitem quais ideias?

6- Aponte qual das palavras nos traz um valor negativo e positivo (vida ou morte). Por quê?

7- A palavra liberdade simbolizava vida para Arminda, então vida quer dizer o mesmo que não morte.

Quais as relações entre vida e morte estão presentes no conto?

*Link dos jogos*

Plataforma de jogos *on-line*: Efuturo

*Link de acesso:* <https://www.efuturo.com.br>

Curtida do saber:

<https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/quizdepalavras/index.html?Chave=50053PALAVRAS>

[AVRAS Efuturo 620](#)

Roleta do saber:

<https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/roletadosaberpalavras/index.html?Chave=50053PALAVRAS>

[3PALAVRAS Efuturo 620](#)

Caminho do saber

<https://www.efuturo.com.br/jogosseduoficial/caminhopalavrasmonstro/index.html?Chave=50053PALAVRAS>

[0053PALAVRAS Efuturo 620](#)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um processo primordial para o desenvolvimento da aprendizagem do ser humano, seja no meio social ou escolar. Porém, essa atividade deve ser vista na íntegra, não apenas como uma mera decodificação e sim, como um todo, esse, repleto de significados. Desde a escolha das palavras, ao dizer, até o que elas podem representar.

Ou seja, para ler é preciso perceber muito além que do vemos na superfície textual, requer de nós a compreensão também de como ocorrem às relações humanas, por meio das ações praticadas pelos sujeitos. E nada melhor para notarmos isso, do que analisarmos os textos narrativos por meio de um percurso, ao evidenciarmos as sucessões de acontecimentos vividos pelos sujeitos e que se dão no decorrer trama.

Ao propomos as oficinas de leitura como produto final da dissertação, disponibilizamos um material de pode ser utilizados por professores de todo Brasil para melhoria do processo de compreensão e proficiência leitora, e, também levar para a sala de aula um tema que faz parte da vida social dos educandos e que se faz necessário ser discutido no ambiente escolar.

Por meio do trabalho com base na teoria da semiótica francesa, em seu percurso gerativo de sentidos, nos possibilitou perceber essas relações às vezes simples, já em outras situações mais complexas. No nosso trabalho, os contos “Negrinha” e “Pai contra mãe” nos permitiram analisar o uso de algumas palavras que fizeram parte da seleção de escolhas lexicais realizadas pelos autores das narrativas que trazem algumas oposições semânticas e contribuíram para a construção do sentido do texto.

Também notamos nesses contos que os sujeitos assumem alguns valores, tanto com a trajetória de Negrinha quanto com a de Arminda, ambas traçadas na busca para assegurar a liberdade e não aceitar a dominação. As duas personagens queriam ser livres, uma delas para poder brincar e a outra para poder ser mãe, todavia conviviam entre dois estados, ora oprimidas ora livres.

Foi importante notarmos o tema abordado (tematização) nos contos, sobre a escravidão no Brasil, por meio do nível discursivo, e as figuras (figuratização) que representaram toda geração negra daquele período. A partir dessa temática abordada nos contos, trouxemos nessa pesquisa uma proposição de atividades para sala de aula, são oficinas de leitura e jogos para o trabalho com turmas de 9º ano. Nossa proposta traz como foco a verificação da expressão do racismo nesses textos.

Ao trazermos essa discursão para a Escola, é possível conscientizar os estudantes e combater o preconceito racial, por meio da leitura dos contos escolhidos nas oficinas, permitindo que os alunos conheçam a história da formação do povo brasileiro. E, com os jogos podemos de forma lúdica possibilitar a memorização dos conteúdos trabalhados nas oficinas.

Notamos a importância de trazer temas de relevância social para nossas aulas de língua Portuguesa e o preconceito racial é um deles, e este só será combatido pelo conhecimento. Nossa proposta foi trazer estratégias de abordagens sobre essa temática tendo como base a teoria da semiótica francesa de maneira didatizada.

Enfim, almejamos que esta pesquisa contribua com a construção dos saberes, possibilitando uma nova metodologia a ser aplicada ao processo leitor, favorecendo uma compreensão textual crítica e significativa sobre os textos, partindo do gênero conto, e despertando o gosto pela leitura de textos mais complexos.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Casa velha*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- ASSIS, Machado. *40 contos escolhidos*. Prefácio de Pedro Gonzaga. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 196
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1999.
- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas / FLLCH, 2002.
- BARROS, D. L. P. *Semiótica do discurso*. Notas de aula de Teoria Semiótica. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005. Não publicado.
- BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O discurso semiótico. In: BATISTA .et al. *Linguagem em foco*. João Pessoa: Ideia, 2001.
- BRASIL. *Ministério da Educação*. Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília: MEC, 2017.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*: Bauru, EDUSC, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2ª. Ed. Tradução Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- CORTÁZAR, Julio. *Casa tomada*. In: *Bestiario* (1951). Trad. de Remy Filho. 2. ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1971.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1998;2016.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Paris: Grasset, 1985. [Ed. br.: Lector in fabula. Trad.: A. Cancian. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2012.]
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. [Ed. br.: Opera Aperta. Trad.: A. Giovanni Cutolo. São Paulo,,: Perspectiva, 1988.]

- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1999.
- FIORIN, J. L. Linguística e pedagogia da leitura. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 107-117, 1º sem. 2004. - CREDITO: CAMPO GRANDE NEWS
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2002; 2016.
- FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos semióticos*. São Paulo, Contexto, 2008.
- FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo 4ª edição, Ática, 2004.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa: ensaio de método*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.
- GILLIG, Jean-Marie. *O conto da psicopedagogia*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GILLIG, Jean-Marie. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1966; 2011).
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973p 201.
- GREIMAS; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979. 11. 493 p.
- GREIMAS; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. De Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.
- GREIMAS; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008. 542 p.
- GREIMAS. Os actantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 179-183.
- GREIMAS. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOTLIB, Nádia. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.
- HERNANDES, Nilton. *Curso Semiótica Narrativa e Discursiva*. Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2006.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: 34,1996.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. Tradução Johannes Kretshchmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

KLEIMAN, Ângela. A concepção escolar da leitura. In KLEIMAN, *Oficina de leitura*. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH; Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.  
KOCH; Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003;1999.

LIMA ARRAIS, Maria Nazareth de. *O Fazer semiótico do Conto Popular Nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo* / Maria Nazareth de Lima Arrais. – João Pessoa, 2011. 415 f.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: brasiliense, 1994.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006 – (Coleção primeiros passos; 138

MARTINS. P.D; Silva, J.A; Mello, L.R; Moraes, R.H. *Leitura: Olhos, Mente, Entendimento do Processor de Decodificação Gráfica a Atitude*. Revista de Educação vol. XI. Nº12,2008

MICHELTTI, Guaraciaba. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. São Paulo: Cortez, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária prosa*. São Paulo: Cultrix, 1990.

PERNAMBUCO. *Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco*. SEE – PE. 2012a.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. *Currículo de Português para o Ensino Fundamental*. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação. Recife: SE. 2012a.

PERNAMBUCO.. Secretaria de Educação. *Orientações Teórico-metodológicas, ensino fundamental. Língua Portuguesa 1º ao 9º ano*. Recife: SE. 2008.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio*. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação. Recife: SE. 2012b.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. *Animadas personagens brasileiras: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro*. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes e Design, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras,1994.

SILVA, Marina Cabral da. "Narração: Tipos de Narrador"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/redacao/narracao-tipos-narrador.htm> Acesso em: 20 de nov. de 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

SOSA, Jesualdo. *A Literatura Infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2003.

**Sites:**

CONTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conto/> Acesso em: 19 de jan. de 2020.

[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547571744.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547571744.pdf) Acesso em: 10 de ago. de 2019.

<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49981/pai-contra-mae> Acesso em: 20 de fev. de 2021.

<https://abraee.webnode.com/news/o-conto-maravilhoso-na-psicopedagogia/> Acesso em: 19 de abril de 2020.

<https://prolivro.org.br/wp> Acesso em: 21 de jul. de 2019.

[https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf)  
Acesso em: 10 de ago. de 2020.

[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206)  
Acesso em: 03 de abril de 2020.

<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php> Acesso em: 20 de jul. de 2019.

[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm) Acesso em: 20 de jul. de 2020.

BRASIL. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira* (INEP). 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/article/view> Acesso em: 20 de jul.2019

## APÊNDICE A - JOGOS EDUCACIONAIS

### 1-NEGRINHA NO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDOS.

Dicas e perguntas presentes nos jogos educacionais.

**NEGRINHA:** O nome de uma criança de sete anos que é personagem principal do conto de Monteiro Lobato.

**D. INÁCIA:** mulher escravocrata, gorda, rica, dona do mundo, viúva e sem filhos.

**CRIADA NOVA:** Trabalha na casa de D. Inácia.

**BONECA:** brinquedo infantil para meninas.

**COZINHA:** Lugar onde a Negrinha engoliu um ovo quente.

**QUINTAL:** Lugar onde a Negrinha se sentiu livre e feliz.

**PÓS-ES CRAVIDÃO:** Tempo que se passa a narrativa.

**ÓRFÃ:** A Negrinha perdeu seus pais e era uma criança:

**FELICIDADE:** Sentimento que a Negrinha teve ao brincar com as meninas e com a boneca.

**MORTE:** Momento que a Negrinha conseguiu sua liberdade.

**OPRESSÃO:** Sinônimo de oprimir.

**LUGAR:** onde acontecem às ações do enredo, um espaço descrito de forma explícita ou implícita.

**DONA INÁCIA:** Impedia a Negrinha de brincar, de ser livre:

**SACERDOTE:** Representante da Igreja que recolhe donativos

**AZORRAGUE:** látigo formado por várias correias presas num cabo ou pau; açoite.

**BUBÔNICA:** Apelido que Negrinha recebeu de sua patroa.

**ACTANTES:** Quem realiza ou o que realiza o ato.

**ANTI SUJEITO:** sujeito que disputa o mesmo objeto de valor.

**OPONENTE:** Aquele que impede ou o atrapalha o sujeito de alcançar seu objeto de valor.

**ADJUVANTE:** Quem ajuda ou auxilia o sujeito para alcançar o objeto de valor.

**MONTEIRO LOBATO:** Autor do conto Negrinha:

**CONTO:** Narrativa curta

**LOURA:** Característica da boneca

**OPRIMIDA:** A Negrinha se sentia:

**VIDA:** A palavra oposta a morte é:

**ESCRAVA:** A negrinha era filha de uma:

**SOBRINHAS:** As meninas que visitaram D. Inácia eram suas:

**BRINCAR:** O desejo da Negrinha era \_\_\_\_\_ com as meninas.

**MULATINHA:** A Negrinha era uma criança:

**SENZALA:** Negrinha nasceu na:

**A PATROA:** Quem não gostava de crianças?

**PESTE:** D. Inácia chamava a pequena de:

**FOME E FRIO.:** a Negrinha chorava de:

**JUDIAR:** D. Inácia era mestra na arte de \_\_\_\_\_ de crianças.

**FURTOU:** O que a criada nova fez com prato de Negrinha ?

**CARNE:** A criada nova furtou um pedacinho de \_\_\_\_\_ que a Negrinha guardava para o fim

**OVO QUENTE:** D, Inácia colocou na boca da Negrinha como forma de castigá-la.

**CESÁRIA:** Nome da mãe de Negrinha.

**RICAS:** As sobrinhas de D. Inácia eram louras e :

**UMA CARIDADE:** Para D. Inácia criar a Negrinha era:

**BRINQUEDOS:** As meninas reclamaram por qual motivo? Elas queriam seus:

**JARDIM:** Em qual lugar as meninas foram brincar?

**PEGOU A BONECA:** momento em que Negrinha percebeu que tinha alma.

**PARTIRAM:** Negrinha caíra numa tristeza infinita quando as meninas:

**FÉRIAS:** As sobrinhas de D. Inácia foram passar as \_\_\_\_\_ com a tia.

**MORREU:** A terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira. A Negrinha\_\_\_\_\_.

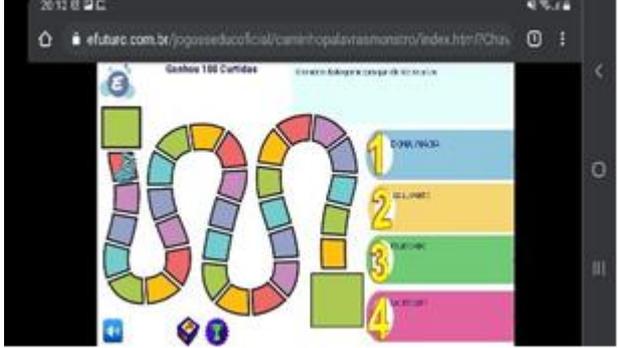
**CROQUE:** A saudade que D, Inácia teve da Negrinha era de dá um:

**SOFRIMENTO:** A negrinha vivia em meio a castigos e:

**IGREJA:** o sacerdote que visitava D.na Inácia representava a:

**MENINAS:** As \_\_\_\_\_ ajudaram a Negrinha a encontrar a felicidade.

1.1-JOGOS:

<p>Figura 14 - Jogo educacional <b>Caminhos do saber 1 (Negrinha)</b></p>	<p>Figura 15 - Jogo educacional <b>Caminhos do saber 2 (Negrinha)</b></p>
	
<p>Figura 16 - Jogo educacional <b>Curtidas do saber 1 (Negrinha)</b></p>	<p>Figura 17 - Jogo educacional <b>Curtidas do saber 2 (Negrinha)</b></p>
	
<p>Figura 18 - Jogo educacional <b>Forca 1 (Negrinha)</b></p>	<p>Figura 19- Jogo educacional <b>Forca 2 (Negrinha)</b></p>
	

## 2- PAI CONTRA MÃE, QUEM DEVE CRIAR SEU FILHO?

Dicas e perguntas presentes no jogo Pai contra mãe, quem deve criar seu filho?

ARMINDA: Quem é o sujeito da narrativa que quer ser livre?

CÂNDIDO NEVES: Captura escravos fugidos:

DINHEIRO: Cândido Neves precisa para sustentar a família

MÔNICA: Nome da tia de Clara

CLARA: Esposa de Cândido Neves

FAMACÊUTICO: Diz a Cândido Neves onde viu Arminda.

ESCRITOR: Machado de Assis

CONTO: Pai contra mãe.

ESCRAVA: Arminda era uma \_\_\_\_\_ fugida.

DINHEIRO: O que Cândido Neves recebeu com a captura de Arminda.

PAI: Um dos sonhos de Cândido Neves era ser \_\_\_\_\_.

MÃE: Arminda ao ser capturada perdeu o direito ser \_\_\_\_\_.

SER LIVRE: O que Arminda queria era \_\_\_\_\_ para ter seu filho.

RECUPERÁ-LA: O que o dono de Arminda mais quer é:

PROPRIETARIO: Pessoa que oferece uma recompensa pela captura de Arminda:

CRIAR O FILHO: O que mais Cândido Neves queria era:

ABORTOU: Arminda ao ser castigada \_\_\_\_\_ o filho.

MORREU: O que aconteceu com o filho de Arminda?

MULATA: No conto, pai contra mãe, Arminda era mulher de cor \_\_\_\_\_.

NINGUÉM: Quem ajudou Arminda a fugir?

PAI CONTRA MÃE: Nome do conto que traz a história de Cândido Neves e Arminda:

SEU FILHO: Cândido Neves depois de receber o dinheiro da captura de Arminda voltou para casa com \_\_\_\_\_.

ROBUSTAS: Cândido Neves tinha as mãos \_\_\_\_\_.

EMPREGO: Cândido Neves não conseguia encontrar um:

OCUPAÇÃO: sinônimo de trabalho.

VINTÉM: Sinônimo de dinheiro:

REGALO: O mesmo que presente.

CASAR: O que Clara quis quando conheceu Cândido Neves:

VARÃO: O mesmo que menino:

APOSENTO: Sinônimo de casa.

MORTE: Antônimo de vida:

MORTO: Se eu não estou vivo, eu estou\_\_\_\_\_.

VIDA: Não morte é o mesmo que:

POBREZA: A família de Cândido Neves não tinha dinheiro e vivia na:

2.1- JOGOS:

<p>Figura 20 - Jogo educacional <b>Caminho do saber 1 (Pai contra mãe)</b></p>	<p>Figura 21 - Jogo educacional <b>Caminho do saber 2 (Pai contra mãe)</b></p>
	
<p>Figura 22 - Jogo educacional <b>Roleta do saber 1 (Pai contra mãe)</b></p>	<p>Figura 23 - Jogo educacional <b>Roleta do saber 2 (Pai contra mãe)</b></p>
	
<p>Figura 24 - Jogo educacional <b>Curtidas do saber 1 (Pai contra mãe)</b></p>	<p>Figura 25- Jogo educacional <b>Curtidas do saber 2 (Pai contra mãe)</b></p>
	

## ANEXO A - NEGRINHA

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo no céu. Entaladas as banhas no trono uma cadeira de balanço na sala de jantar, — ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o padre.

Ótima, a D. Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da sua carne, e por isso não suportava o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e corria com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados:

— Cale a boca, peste do diabo!!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quase. Com pretexto de que, às soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha aí, e bico! Hem?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. O relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu

divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se, então, feliz um momento.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideai faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — bubônica. A epidemia andava à berra, como novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada

Assim — por sinal, achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida, nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais roxos, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivo. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço.

Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluido sem sua cabeça, de passagem. Coisa de rir, e ver a careta...

A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos e daquelas ferozes, amigas de ouvir contar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regímen novo

— essa indecência de negro igual a branco; e qualquer coisinha, a polícia!! “Qualquer coisinha”; uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse:

— “Como é ruim, a sinhá!”.

O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Simples derivativo.

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade: cocres, mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, a torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para doer fino, nada melhor.

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem? Ora!

Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela guardava para o fim. A criança não sofreu a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam, todos os dias.

— “Peste”? Espere aí!! Você vai ver quem é peste. E foi contar o caso à patroa.

D. Inácia estava azeda, e necessitadíssima de derivativo. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! Disse, desentalando as banhas do trono e indo para a cozinha, qual uma perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo!!

Veio o ovo. D. Inácia mesma pô-lo na chaleira de água a ferver e, de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, trêmula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, prática que era D. Inácia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez! Ouviu, peste??

E voltou contente da vida para o trono, a virtuosa dama, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah! Monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha de Cesária; mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes! Exclamou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres, empresta a Deus! A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com “Santa” Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha

olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era um crime brincar?? Estaria tudo mudado e findo o seu inferno — e aberto o céu??!

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas logo a dura lição da desigualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

— Já, para o seu lugar, pestinha!! Não se enxerga??

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos, a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser?! Disse a tia num suspiro de vítima.

— Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus.. Uma órfã...

Mas, brinquem, filhinas!! A casa é grande. Brinquem por aí a fora!! “Brinquem!!”

Brincar! Como seria bom brincar! Refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco!

Chegaram as malas; e logo:

— Meus brinquedos! Reclamaram as duas meninas. Uma criada abriu-as e tirou-os fora.

Que maravilha! Um cavalo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim, tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala “papá”... que dorme...

Era de êxtase, o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

- É feita?... Perguntou extasiada.

E, dominada pelo enlevo, um momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombro e encanto, sem jeito sem ânimo de pegá-la. As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? Repetiu Negrinha.

— Chama-se Boneca? Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! Disseram.

— E você, como se chama?

— Negrinha.

As meninas, novamente, torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, estendendo-lhe a boneca:

— Pegue!!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível?

Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com relances de olhos assustados para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara o céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao colo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. D. Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, imóvel, presenciando a cena.

Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida soube ser mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala, Negrinha tremera, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente, e hipóteses de castigos piores ainda. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo: estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim!! E vá você também!! Mas veja lá!! Hem??

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a fera antiga. Compreendeu e sorriu.

Se a gratidão sorriu na vida, alguma vez, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório, e o momento dos filhos, — definitivo. Depois disso está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma.

Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que ela trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ser humano. Cessara de ser coisa e de ora avante lhe seria impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!...

Assim foi, e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa reentraram no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada. D. Inácia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava lhe a vida. Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita.

Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro de seu doloroso inferno, envenenara-a. Brincara ao sol, no jardim. Brincara!...

Acalentara dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma.

A repentina retirada de tudo isso fora forte demais para a débil resistência de uma alma, comum mês de vida apenas. Enfraqueceu, definhou, como roída de invisível doença consuntora. E uma febre veio e a levou.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Ninguém, entretanto, morreu jamais com maior beleza. O delírio rodeou-se de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos rodavam em torno dela, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça, abraçada, rodopiada.

Veio a tontura, e uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e o cuco pela última vez lhe apareceu, de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira — uma miséria, quinze quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas:

— Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?

Outra de saudade, no nó dos dedos de D. Inácia:

— Como era boa para um cocre!...

## ANEXO B - PAI CONTRA MÃE

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos como terão sucedida outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber. Perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", -- ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez

o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, -- em família, Candinho,-- é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás, já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrecritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi--para lembrar o primeiro ofício do namorado, -- tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

--Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto. --Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

--Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha. --Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara. Tia Mônica devia ter-lhes feito advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço.

Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

--Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

--Vocês verão a triste vida, suspirava ela. --Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara. --Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...

--Certa como?

--Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer. --A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau... --Bem sei, mas somos três. --Seremos quatro. --Não é a mesma cousa. -- Que quer então que eu faça, além do que faço? -- Alguma

cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém. -- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abriira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

--É o que lhe faltava! Exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixou-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

--Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

--Titia não fala por mal, Candinho.

--Por mal? Replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor,

--crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

--Quem é? Perguntou o marido.

--Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

--Não é preciso...

--Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

--Cinco dias ou rua! Repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia.

Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar

pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbons.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

--Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

--Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. --Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas

entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

--Estou grávida, meu senhor! Exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! -- Siga! Repetiu Cândido Neves.

--Me solte!

--Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites,

--coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

--Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? Perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

--Aqui está a fujona, disse Cândido Neves. -- É ela mesma.

--Meu senhor!

--Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a

família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

--Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

## REFERÊNCIAS

Sites:

Monteiro Lobato – 1927

<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/PZf7vIVNDe9gsm1.pdf>, acesso em: 20 de janeiro de 2020.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf> acesso em: 21 de janeiro de 2020.